



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA**  
**CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES**  
**LICENCIATURA EM LETRAS: LÍNGUA PORTUGUESA/ LIBRAS/ LÍNGUA**  
**INGLESA**

**SÍLVIA LETÍCIA DA SILVA SANTANA**

**MULTIMODALIDADE NO DOMÍNIO JORNALÍSTICO EM MEIO DIGITAL:**  
**ASPECTOS SOCIOCOGNITIVOS NA CONSTRUÇÃO TEXTUAL DOS**  
**SENTIDOS**

Amargosa-Ba

2019

**SÍLVIA LETÍCIA DA SILVA SANTANA**

**MULTIMODALIDADE NO DOMÍNIO JORNALÍSTICO EM MEIO DIGITAL:  
ASPECTOS SOCIOCOGNITIVOS NA CONSTRUÇÃO TEXTUAL DOS  
SENTIDOS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Colegiado de Graduação em Letras: Língua Portuguesa/ Libras/ Língua Inglesa do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciada em Letras: Língua Portuguesa/ Língua Inglesa.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Jaqueline Barreto Lé

Amargosa-Ba

2019



**Ata de Apresentação de Trabalho de Conclusão de Curso da/o Graduanda/o SÍLVIA LETÍCIA DA SILVA SANTANA.**

Ao décimo primeiro dia do mês de dezembro do ano de dois mil e dezenove, às dezesseis horas, na sala um dos modulares do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, reuniram-se o/a Professor/a **JAQUELINE BARRETO LÉ**, na qualidade de orientador/a e Presidente da Banca de TCC, o/a Professor/a **FERNANDA MARIA ALMEIDA DOS SANTOS** e o/a Professor/a **AMANDA DOS REIS SILVA**, como membros da banca, comunidade acadêmica e convidados para apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: *Multimodalidade no domínio jornalístico em meio digital: aspectos sociocognitivos na construção textual dos sentidos*, de autoria da/o discente **SÍLVIA LETÍCIA DA SILVA SANTANA**, do Curso de Licenciatura em Letras/Libras/Língua Estrangeira. Após apresentação pela/o autora/o e considerações feitas pela banca, esta se reuniu e deliberou pela aprovação do trabalho, atribuindo-lhe as seguintes notas:

Nota: 10,00 (dez inteiros)

Professor (a): **JAQUELINE BARRETO LÉ**

Assinatura Jaqueline Barreto Lé

Nota: 10,00 (dez inteiros)

Professor (a): **FERNANDA MARIA ALMEIDA DOS SANTOS**

Assinatura Fernanda Maria Almeida dos Santos

Nota: 10,00 (dez inteiros)

Professor (a): **AMANDA DOS REIS SILVA**

Assinatura Amanda dos Reis Silva

A/o discente **SÍLVIA LETÍCIA DA SILVA SANTANA** foi **APROVADA/O** com a média 10,00 (dez inteiros).

Amargosa/ BA, 11 de dezembro de 2019

Jaqueline Barreto Lé  
**JAQUELINE BARRETO LÉ**  
Presidente da Banca de TCC

Aos meus pais, Carlos e Enelzita, por acreditarem em meus sonhos e aceitarem caminhar comigo ao longo dessa trajetória. A vocês dedico o meu mais sublime amor e este trabalho.

## AGRADECIMENTOS

Chegou o momento de agradecer. Pensar em todo o percurso trilhado até aqui é motivo de grande alegria, pois foram momentos de grandes conquistas, aprendizados, formação acadêmica e humana. Desta forma, tenho o imenso prazer em agradecer:

Ao meu Deus, por todo o amor, acalento e refrigério de minha alma em momentos de angústias.

Aos meus pais, Carlos de Jesus Santana e Enelzita da Silva Santana, por todo amor, carinho, compreensão, por entenderem minhas ausências e, em momentos de desespero, sempre terem uma palavra para me acalmar e dizer que tudo ia ficar bem. Ainda que tenham surgido dificuldades ao longo de minha trajetória, vocês não mediram esforços para assegurar a minha permanência na Universidade.

Às minhas irmãs Rodinéia, Andréia e meu irmão Edicarlos, por sempre apoiarem as minhas escolhas, pelo amor, pelas compras de livros e por me encorajarem a trilhar o caminho em busca de meus sonhos.

À Cristiane Pereira da Silva, irmã que a vida me presenteou, pela amizade sincera e apoio incondicional. Suas palavras em momentos de angústia me fizeram perceber que eu poderia alçar voos ainda mais altos.

Aos meus sobrinhos Carlos Daniel, Yudhi Levi, Arthur e ao meu pequeno Davi, por trazerem alegria para minha vida em dias cinzentos.

À família que a vida me presenteou: Pedro Procópio, Ana Luiza Procópio, Ana Claudia Palmério e Marcelo Procópio, pelo carinho e apoio de sempre.

Aos meus amigos e colegas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, em especial, Adriana Novaes, Josiane Santos, Juliane Marques, Évila Santiago, Alan Santos, Felipe Miranda, José Paulo Moura, Leandro Lima, Deivid Cabral, Ana Vitória, Emanuelle Ressureição, Leila Renata e Jéssica Carla. Foi especial vencer obstáculos e conquistar objetivos tendo vocês como amigos.

À Profa. Dr<sup>a</sup> Jaqueline Barreto Lé pela orientação do trabalho de conclusão de curso, por me abrir as portas da iniciação científica e pelo cuidado com a minha formação

acadêmica. Agradeço imensamente pela confiança e compreensão, em vários momentos, ao logo desta caminhada.

Ao Grupo HIPERJOR, pelas trocas de conhecimentos e por proporcionar um salto em minha formação acadêmica.

Ao PET Educação e Sustentabilidade, na pessoa de minha tutora Gilsélia Freitas, uma das pessoas mais lindas e humanas que conheci na universidade, e aos petianos (as): Wellington Santos, Carolina Menezes, Letícia Leone, Rebeca Oliveira, Saulo Oliveira, Thamires Almeida, Neilza Nunes, Franciele Araújo, Jeiza Andrade, Ester Alves, Manuela Oliveira, Tainan Santos e Jaciane Nascimento. Grata pela acolhida do grupo e pelo apoio durante esse percurso. O abraço de vocês, em diversos momentos, me mostrou que eu não estava só nesta caminhada.

Às vizinhas do prédio onde resido: Larissa, Géssica, Nena e Mariângela. Tê-las comigo nos últimos tempos me fortaleceu e me mostrou que eu podia contar com vocês em diversos momentos. Obrigada pelas sopas, pelos lanches, por me acudir quando eu não tinha tempo para preparar minha alimentação e por me acalmar quando eu estava abalada emocionalmente.

A todos os professores do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia que colaboraram com minha formação acadêmica, em especial: Adielson Ramos de Cristo, Ana Rita Santiago, Ângela Vilma Bispo Oliveira, Carlos Adriano Oliveira, Fernanda Almeida dos Santos, Geiza Borges, Gredson dos Santos, Jaqueline Lé, Leandro Silva, Maria da Conceição Torres, Mônica Gomes, Priscila Dorneles e Sílvia Ruiz Paradiso.

Às Professoras Dr<sup>a</sup> Fernanda Almeida dos Santos e Dr<sup>a</sup> Amanda dos Reis Silva, por aceitarem participar de minha banca de defesa de trabalho final de conclusão de curso e pela leitura cuidadosa de meu trabalho.

À UFRB, pelo processo formativo e por me abrir um universo epistemológico recheado de informações, possibilitando novas descobertas e conhecimentos plurais.

A todos os servidores da UFRB/CFP que, gentilmente, me ofertavam um bom-dia, um café, um sorriso e mesmo um tudo bem.

Enfim, a todos que, direta ou indiretamente, trilharam comigo este percurso de formação acadêmica e humanística, bem como as parcerias firmadas para além dos muros da universidade.

Certa vez, quando tinha seis anos, vi num livro sobre a Floresta Virgem, “Histórias Vividas”, uma impressionante gravura. Ela representava uma jiboia engolindo um animal.



Eis a cópia do desenho:

Dizia o livro: "As jiboias engolem, sem mastigar, a presa inteira. Em seguida, não podem mover-se e dormem os seis meses da digestão". Refleti muito sobre as aventuras da selva, e fiz, com lápis de cor, o meu primeiro desenho. O meu desenho número 1. Ele era assim:



Mostrei minha obra-prima às pessoas grandes e perguntei se o meu desenho lhes dava medo. Responderam-me: "Por que é que um chapéu daria medo? " Meu desenho não representava um chapéu. Representava uma jiboia digerindo um elefante.

Desenhei então o interior da jiboia, a fim de que as pessoas grandes pudessem entender melhor. Elas têm sempre necessidade de explicações detalhadas. Meu desenho

número 2 era assim: 

( SAINT-EXUPEÉRY, Antoine. *O pequeno príncipe*, 2018)

## RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo analisar o fenômeno da multimodalidade em gêneros do domínio jornalístico, em especial, em blogs, charges e tweets do jornal digital *Folha de São Paulo* e *O Globo*, com o intuito de observar como os recursos multimodais interferem na leitura e construção textual dos sentidos, a partir da apreensão dos objetos do discurso. Para tanto, busca-se verificar as etapas de ativação dos objetos de discurso a partir do signo visual proposto por Kress e Van Leeuwen (2006) e, ao mesmo tempo, caracterizar o contexto sociocognitivo atrelado à leitura do texto multimodal e à construção interacional do (s) sentido (s). Para Bentes *et al* (2010, p. 398), apesar do desenvolvimento das teorias do texto nos últimos anos, o tema da multimodalidade tem recebido um tratamento tangencial e inseri-lo no escopo das abordagens teóricas atuais implica: a) um necessário alargamento do conceito de texto, incorporando elementos não verbais (imagem, cor etc.); b) o uso de dispositivos analíticos específicos das teorias do texto que permitam investigar tais signos. Seguindo a perspectiva teórica da Linguística Textual e da Semiótica Social, o fenômeno da multimodalidade é abordado, aqui, com base nos trabalhos de autores como Marcuschi (2008), Bentes *et al* (2010), Dionísio (2011), Romualdo (2000), Koch e Elias (2006, 2008), Kress e Van Leeuwen (2006). O trabalho adota a pesquisa bibliográfica, por meio de levantamento de referencial teórico já publicado na área e a análise qualitativa dos dados. O *corpus* da pesquisa é formado por 100 textos do domínio jornalístico, sendo selecionados como amostra 22 textos de jornais de circulação nacional (*O Globo*, *Folha de São Paulo*), distribuídos em três gêneros digitais: (6) charge, (9) *post* de blog e (7) *tweet*. A partir desta pesquisa, analisou-se de que maneira a multimodalidade atua na construção textual do sentido, sendo também essenciais à investigação as noções de *gênero* (Bakhtin, 2011), *domínio* (Marcuschi, 2008) e *suporte* (Bonini, 2011). Os resultados da análise apontaram que os gêneros investigados possuem recursos multimodais característicos de sua estrutura composicional, estilo e conteúdo temático. Também, com a mudança do jornal impresso para o digital, as charges não acompanharam as mudanças do suporte. Constatamos, também, que o blog e o *tweet* são ricos exemplos de multimodalidade, e o *tweet*, por sua escrita reduzida, abarca uma maior diversidade de recursos multimodais. Conclui-se, portanto, que a multimodalidade é imprescindível para a construção textual de sentidos.

**Palavras-chave:** Multimodalidade. Domínio Jornalístico. Semiótica Social. Gêneros digitais.

## ABSTRACT

This research aims to analyze the phenomenon of multimodality in genres of the journalistic domain, especially blogs, cartoons and tweets of the digital newspaper Folha de São Paulo and O Globo, in order to observe how multimodal resources interfere with reading and textual construction of the senses, based on the understanding of the speech objects. To this end, we seek to verify the activation stages of speech objects from the visual sign proposed by Kress and Van Leeuwen (2006) and, at the same time, characterize the sociocognitive context linked to the reading of the multimodal text and the interactional construction of the text. (s) sense (s). For Bentes et al (2010, p. 398), despite the development of text theories in recent years, the subject of multimodality has received a tangential treatment and inserting it within the scope of current theoretical approaches implies: a) a necessary widening of the concept of text, incorporating nonverbal elements (image, color etc.); b) the use of specific analytical devices of the theories of the text to investigate such signs. Following the theoretical perspective of Textual Linguistics and Social Semiotics, the phenomenon of multimodality is approached here, based on the works of authors such as Marcuschi (2008), Bentes et al. (2010), Dionisio (2011), Romualdo (2000), Koch and Elias (2006, 2008), Kress and Van Leeuwen (2006). The work adopts the bibliographic research, by means of survey of theoretical reference already published in the area and the qualitative analysis of the data. The research corpus consists of 100 texts from the journalistic domain, being selected as a sample 22 texts from national newspapers (O Globo, Folha de São Paulo), distributed in three digital genres: (6) charge, (9) blog post and (7) tweet. From this research, it was analyzed how multimodality acts in the textual construction of meaning, being also essential to the investigation the notions of gender (Bakhtin, 2011), domain (Marcuschi, 2008) and support (Bonini, 2011). The results of the analysis indicated that the investigated genres have multimodal features characteristic of their compositional structure, style and thematic content. Also, with the switch from print to digital, the cartoons did not keep up with changes in media. We also found that blogging and tweeting are rich examples of multimodality, and tweeting for its reduced writing encompasses a greater diversity of multimodal features. Therefore, it can be concluded that multimodality is essential for the textual construction of meanings.

**Keywords:** Multimodality. Journalistic Domain. Social Semiotics. Digital Genres.

## LISTA DE SIGLAS

<b>AI</b>	Anáforas indiretas
<b>LT</b>	Linguística Textual
<b>SS</b>	Semiótica Social
<b>GDV</b>	Gramática do Design Visual
<b>TDICs</b>	Tecnologia digital da informação e comunicação
<b>GNL</b>	Grupo de Nova Londres
<b>PR</b>	Participantes Representados
<b>PI</b>	Participantes interativos
<b>GSF</b>	Gramática Sistemico Funcional

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – E agora Jair? .....	46
Figura 2 – Eleição na Venezuela.....	48
Figura 3 – Ligações de Telemarketing.....	48
Figura 4 – Instituições no Brasil.....	49
Figura 5 – Blog Ancelmo.com.....	51
Figura 6 – Blog Miriam Leitão.....	52
Figura 7 – <i>Tweet</i> “ O inferno são outros”.....	54
Figura 8 – <i>Tweet</i> Prisão do ex-presidente Lula.....	61
Figura 9 – <i>Tweet</i> Defesa de Lula.....	61
Figura 10 – Processo narrativo.....	76
Figura 11 – Processo conceitual.....	77
Figura 12 – Olhar de demanda.....	78
Figura 13 – Olhar de oferta.....	78
Figura 14 – Plano aberto.....	79
Figura 15 – Plano fechado.....	79
Figura 16 – Plano médio.....	80
Figura 17 – Ângulo frontal.....	80
Figura 18 – Ângulo oblíquo.....	81
Figura 19 – Ângulo vertical.....	81
Figura 20 – Valor da informação.....	83
Figura 21 – Saliência.....	84
Figura 22 – Enquadramento.....	85
Figura 23 – Preso político.....	90
Figura 24 – Um país moribundo.....	98
Figura 25 – Os dois extremos.....	100
Figura 26 – Posse da ministra do trabalho.....	101
Figura 27 – 11,5 milhões de analfabetos.....	103
Figura 28 – Tempos sombrios.....	104
Figura 29 – O Brasil que eu quero.....	105

Figura 30 – A guerra das malas.....	108
Figura 31 – Desequilíbrio da Caixa.....	109
Figura 32 – Que merda é essa?.....	110
Figura 33 – Queda na economia.....	111
Figura 34 – Carnaval é ópio do povo?.....	112
Figura 35 – Em linha de contenção.....	113
Figura 36 – Comentário do blog de Ancelmo Gois.....	114
Figura 37 – Comentário do blog de Painei.....	114
Figura 38 – Jornadas de Junho.....	115
Figura 39 – <i>Tweet</i> Silêncio de Cunha.....	117
Figura 40 – <i>Tweet</i> Amor em tempos de crise.....	118
Figura 41 – <i>Tweet</i> Temer tá me ligando.....	119
Figura 42 – Utilização de onomatopeia.....	120
Figura 43 – Emojis nos comentários do <i>tweet</i> .....	121
Figura 44 – GIF no <i>tweet</i> jornalístico.....	122
Figura 45 – Meme no <i>tweet</i> jornalístico.....	123
Figura 46 – <i>Tweet</i> Kombi desmaia.....	124
Figura 47 – Recurso de vídeo.....	126

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 – As metafunções representacionais, interativas e composicional.....	75
---	----

## SUMÁRIO

<b>1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS</b> .....	17
<b>2 A LINGUÍSTICA TEXTUAL E AS CONCEPÇÕES DE LÍNGUA, SUJEITO E TEXTO</b> .....	21
2.1 PERCURSO HISTÓRICO DA LINGUÍSTICA TEXTUAL .....	22
2.2 CONCEPÇÕES DE LÍNGUA, SUJEITO E TEXTO .....	32
<b>3 GÊNEROS DISCURSIVOS NO CONTEXTO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS</b> .....	36
3.1 GÊNEROS DO DISCURSO: ASPECTOS CONCEITUAIS E TECNOLOGIAS DIGITAIS .....	36
3.2 GÊNEROS DISCURSIVOS DIGITAIS DA ESFERA JORNALÍSTICA.....	41
<b>3.2.1 Charge jornalística</b> .....	44
<b>3.2.2 Blog jornalístico</b> .....	49
<b>3.2.3 Tweet Jornalístico</b> .....	53
<b>4 A NOÇÃO DE REFERÊNCIA E AS CONCEPÇÕES DE SIGNOS LINGUÍSTICOS E VISUAIS</b> .....	56
4.1 A NOÇÃO DE REFERÊNCIA NAS ATIVIDADES SOCIOCÓGNITIVAS DISCURSIVAS DE CONSTRUÇÃO DOS OBJETOS DE DISCURSO.....	56
4.2 AS CONCEPÇÕES DE SIGNO LINGUÍSTICO E VISUAL .....	64
<b>5 MULTIMODALIDADE, GRAMÁTICA DO DESIGN VISUAL E LEITURAS DE MUNDO</b> .....	67
5.1 A MULTIMODALIDADE: TRAÇO CONSTITUTIVO DOS GÊNEROS DISCURSIVOS .....	68
5.2 GRAMÁTICA DO DESIGN VISUAL: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE MULTIMODAL DE COMPOSIÇÕES SEMIÓTICAS.....	74
5.3 LEITURAS DE MUNDO: UM OLHAR SOBRE O VISTO, O LIDO, O OUVIDO E O MOSTRADO.....	86
<b>6 PERCURSO METODOLÓGICO E ANÁLISE DE DADOS</b> .....	92
6.1 PERCURSO METODOLÓGICO.....	92
<b>6.1.1 Da constituição do corpus</b> .....	93
<b>6.1.2 Seleção da amostragem</b> .....	94
<b>6.1.3 Objetivo geral</b> .....	94
<b>6.1.4 Objetivos específicos</b> .....	95
<b>6.1.5 Levantamento das hipóteses</b> .....	95
<b>6.1.6 Critérios utilizados para a análise de dados</b> .....	96

6.2 MULTIMODALIDADE NO DOMÍNIO JORNALÍSTICO NO MEIO DIGITAL: ASPECTOS SOCIOCOGNITIVOS DA CONSTRUÇÃO TEXTUAL DE SENTIDOS.....	96
<b>6.2.1 Charge Jornalística: um texto imagético carregado de sentidos.....</b>	<b>97</b>
<b>6.2.2 Blog Jornalístico: pluralidade semiótica atuante na construção textual de sentidos.....</b>	<b>107</b>
<b>6.2.3 Tweets Jornalísticos: uma escrita sintética semiótica carregada de sentidos.....</b>	<b>116</b>
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>127</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>130</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>134</b>

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Durante muito tempo, os estudos linguísticos estiveram centrados no estudo estrutural da língua, desconsiderando os fatores contextuais e extralinguísticos. O estruturalismo é uma das correntes linguísticas que concebia a língua numa visão sistêmica e formal, pautando-se na delimitação de um objeto de estudo homogêneo.

Todavia, com o passar dos tempos, diversos pesquisadores perceberam que os sentidos estavam para além da materialidade linguística, sendo necessária a ativação de elementos contextuais e a mobilização de um conjunto de saberes por ocasião do processamento textual. Assim, numa perspectiva funcional do uso da língua, o texto deixa de ser visto como produto pronto e acabado, para ser visto como processo, o próprio lugar da interação.

Com o advento das tecnologias digitais da informação e comunicação, e em especial da internet, grandes transformações sociais modificaram diversas atividades da vida contemporânea. Novos textos, linguagens, e novas possibilidades de leituras e escrita tem colocado em pauta, nos estudos linguísticos, a necessidade de alargamento do conceito de texto. De acordo com Ribeiro (2018), essas novas linguagens não dizem respeito apenas ao universo das palavras, mas também ao universo das imagens. Por isso, é preciso ir além da materialidade linguística, considerando as diversas semioses, como portadores de significados.

Assim sendo, a multimodalidade é um traço constitutivo dos textos falados, escritos e digitais, possibilitando a construção de sentidos a partir da interação “de muitas linguagens (ou modos, ou semioses) e que exigem capacidades e práticas de compreensão e produção de cada uma delas (multiletramentos) para fazer significar” (ROJO, 2012, p. 19).

Diante da efervescência do mundo atual e de novos formatos de textos que exigem novos movimentos de leitura e escrita, levantamos a seguinte problemática: *como a multimodalidade atua na construção de sentidos em gêneros do meio digital?* Considerando tal questionamento, por meio do qual é preciso discutir os aspectos sociocognitivos envolvidos na leitura do texto multimodal, busca-se, neste trabalho, analisar o fenômeno da multimodalidade em gêneros do domínio jornalístico, em especial, em blogs, charges e *tweets* do jornal digital *Folha de S. Paulo* e *O Globo*, com

o intuito de observar como os recursos multimodais interferem na leitura e construção textual dos sentidos, a partir da apreensão dos objetos do discurso.

Para além do objetivo geral, pretendemos identificar no domínio jornalístico do meio digital peculiaridades dos gêneros discursivos charge, blogs e tweets, analisando os aspectos sociocognitivos envolvidos na leitura e compreensão de textos multimodais. Além disso, verificaremos as etapas de ativação dos objetos de discurso a partir do signo visual proposto por Kress e Van Leeuwen (2006), investigando em que medida a concepção de multimodalidade amplia o objeto de estudo da Linguística Textual.

Nossa hipótese básica é que os aspectos sociocognitivos, os conhecimentos de mundo, sociointeracionais, o modelo textual e o linguístico (KOCH e ELIAS, 2006), bem como o conhecimento semiótico (cores, saliência, tipografia, dentre outros) são de grande importância para a construção textual de sentidos e, em alguns casos, se sobressaem ao texto verbal nesse processo. Além dessa, estabelecemos mais três, as quais são: 1) A multimodalidade é imprescindível para a construção textual de sentidos, contribuindo para o alargamento do conceito de texto; 2) A extensão do tweet limitada a 280 caracteres conduz a uma redução dos recursos multimodais em comparação ao blog; 3) A charge, por ser proveniente do jornal impresso, apresenta uma multimodalidade mais restrita que o blog e o tweet.

Destarte, o interesse pelo estudo é resultante de uma pesquisa desenvolvida enquanto bolsista voluntária PIBIC, edital 2017/2018, no projeto HIPERJOR (hipertexto e jornalismo), sob a orientação da professora Dr<sup>a</sup> Jaqueline Barreto Lé. Além disso, durante o Estágio Supervisionado de Língua Inglesa e suas literaturas, percebi que os alunos tinham dificuldades em realizar a leitura de textos multimodais, focalizando a leitura a partir do código linguístico, sem analisar as cores, a tipografia, a composição espacial das imagens, dentre outros.

Seguindo a perspectiva teórica da Linguística de Texto e da Semiótica Social, o fenômeno da multimodalidade será abordado, no presente trabalho, com base nos trabalhos de Marcuschi (2008), Romualdo (2000), Koch e Elias (2006, 2008), Kress e Van Leeuwen (2006), Cavalcante (2008), Dionísio (2011), dentre outros.

A fim de fazer jus aos objetivos propostos, o trabalho adota a pesquisa qualitativa de análise de dados, sendo realizada uma pesquisa bibliográfica por meio de levantamento de referencial teórico já publicado na área. O corpus da pesquisa é formado por 100 textos

do domínio jornalístico, sendo selecionado como amostra 22 textos de jornais de circulação nacional (*O Globo* e *Folha de São Paulo*), distribuídos em três gêneros digitais: 6 charges, 9 posts de blogs e 7 *tweets* (os *tweets* foram coletados na plataforma *Twitter*). A escolha pelos respectivos gêneros justifica-se por fazerem parte de um domínio (jornalístico) e a sua ocorrência em ambiente digital. Além disso, os seguintes fatores foram determinantes: 1) a charge é um gênero que em sua natureza é multimodal e carregada de informações. Também, por fazer parte tanto do jornal impresso como do jornal digital, poderíamos verificar possíveis alterações com a mudança do suporte, 2) o blog e o *tweet* por sua realização, exclusivamente, no jornal digital a utilização de diversos recursos multimodais poderia ser encontrada de forma ampla. O fato de os dois últimos gêneros possibilitarem uma maior interatividade com o leitor e a velocidade da informação, também, consistiram em fatores fundamentais pela escolha de ambos. Vale salientar que no caso do *tweet*, a motivação foi ainda maior, tendo em vista a escrita reduzida e a impossibilidade de construção de longas cadeias referenciais.

Com relação aos critérios utilizados para a composição da amostragem, adotamos os seguintes: 1) verificar se os recursos semióticos dos gêneros investigados estavam relacionados à estrutura composicional, conteúdo temático e estilo do produtor; 2) identificar os elementos de ordem imagética, tipográfica, links, cores, emoções, disposição dos elementos na composição textual, dentre outros; e 3) selecionar amostragem mais visualmente informativa.

Consoante à estrutura formal, o trabalho está dividido em 6 capítulos. No primeiro capítulo apresentamos uma visão panorâmica do estudo, a questão norteadora, os objetivos gerais e específicos, a hipótese, a metodologia e a contribuição da pesquisa.

O segundo capítulo versa sobre a Linguística Textual e as concepções de língua, texto e sujeito. Nele, abordamos o percurso histórico da Linguística Textual, caracterizando as etapas evolutivas e a necessidade do alargamento do conceito de texto. Também discutimos as concepções de língua, texto e sujeito, situando a pesquisa na concepção de texto como lugar de interação, abarcando os elementos de ordem semiótica.

No capítulo seguinte, tratamos dos gêneros discursivos no contexto das tecnologias digitais. Discutimos alguns aspectos conceituais dos gêneros discursivos, as especificidades dos gêneros jornalísticos no ambiente digital e os gêneros que constituem os corpora do presente trabalho (charge, blog e *tweets*). Já no quarto capítulo, abordamos

a noção de referência e as concepções de signo linguístico e visual. Nele, abordamos os processos de referenciação de uma maneira mais ampla de modo a considerar que uma instabilidade constitutiva antecede a construção dos sentidos.

No quinto capítulo, tratamos da Multimodalidade, a Gramática do Design visual e as leituras de mundo. Discutimos a multimodalidade característica dos textos do domínio jornalístico digital, abordando a necessidade da mobilização dos sistemas de conhecimentos.

No sexto capítulo, apresentamos o percurso metodológico e a análise de dados. Para tanto, esclarecemos a tipologia da pesquisa, os critérios utilizados para a composição do corpora, e ao mesmo tempo, retomamos as hipóteses, o objetivo geral e específicos, dentre outros. Também, efetuamos a análise dos dados, buscando interpretá-los à luz do referencial teórico discutidos no trabalho. Posteriormente, são apresentadas as considerações finais, seguidas das referências e anexos.

Portanto, por meio da realização da pesquisa, almeja-se colaborar com as discussões sobre a multimodalidade no domínio jornalístico, contribuindo para a ampliação do objeto de estudo da Linguística Textual e para o tratamento da leitura enquanto prática sociocognitiva e interacional. Outra consideração importante é que este estudo poderá potencializar, indiretamente, o processo formativo de futuros professores e demais interessados pelo estudo da linguagem, possibilitando-os utilizar uma metalinguagem específica para trabalhar com tais textos.

## 2 A LINGUÍSTICA TEXTUAL E AS CONCEPÇÕES DE LÍNGUA, SUJEITO E TEXTO

[...] não há civilização atual que seja verdadeiramente compreensível sem um conhecimento de itinerários já percorridos, de valores antigos, de experiências vividas.  
(BRAUDEL, 1989, p. 35)

Neste capítulo, objetivamos apresentar um breve percurso histórico da Linguística Textual, doravante LT, desde o seu surgimento, na década de 60, na Alemanha, até os dias atuais, contextualizando o seu desenvolvimento e a necessidade do alargamento do conceito de texto. Consideramos de grande relevância a caracterização de cada uma das etapas evolutivas da LT e o reconhecimento de que, com o advento das tecnologias digitais, um novo conceito de texto passa a figurar o quadro teórico da ciência do texto, de modo a abarcar as diversas semioses, característicos dos textos contemporâneos, bem como o funcionamento do hipertexto.

Para tanto, após apresentar a trajetória da LT, voltamos o nosso olhar para as concepções de língua, sujeito e texto, tendo em vista que o desenvolvimento da LT está atrelado à postulação teórico-metodológica adotada pelos pesquisadores de determinados momentos históricos e filiação linguística, possibilitando uma ampliação de seu objeto investigação, bem como um gradual afastamento da influência da Linguística estruturalista. Além disso, destaca-se, neste capítulo, a concepção de texto a ser adotada na pesquisa, situando-a a partir de uma das perspectivas teóricas arroladas no contexto das etapas evolutivas.

Ao tratar sobre tais aspectos, utilizamos como pressupostos teóricos Koch (2009), Bentes (2012), Fávero & Koch (2012), Heine *et al* (2018), Marcuschi (2008; 2012), dentre outros.

## 2.1 PERCURSO HISTÓRICO DA LINGUÍSTICA TEXTUAL

Diversas pesquisas acerca da linguagem humana contribuíram para o desenvolvimento da Linguística Textual e, conseqüentemente, influenciaram no alargamento do conceito de texto, língua e sujeito. Um amplo esforço teórico, com perspectivas e métodos diferenciados, conforme pontua Bentes (2012), foi responsável pelo surgimento dos estudos sobre o texto, introduzindo em seu escopo teórico o sujeito e a situação da comunicação, excluídos das pesquisas sobre a linguagem pelos postulados da Linguística Estrutural.

A LT surgiu na década de 60, na Europa, e de modo especial na Alemanha, resultante de inquietações de diversos pesquisadores que buscavam explicações para fenômenos que ultrapassavam os limites da frase. Seu desenvolvimento, segundo Bentes (2012, p. 262), não foi homogêneo, pelo fato de ter surgido em vários países, apresentando várias tendências para o tratamento textual, no entanto é possível distinguir três momentos que abrangeram preocupações teóricas diversas entre si: a análise transfrástica, as gramáticas textuais e as teorias de texto.

Na análise transfrástica, as pesquisas centravam-se no estudo dos mecanismos interfrásticos que fazem parte do sistema gramatical da língua, atribuindo a duas ou mais seqüências o estatuto de texto. Buscava-se, desta forma, explicar as relações ocorrentes entre enunciados, sendo desconsiderado o contexto pragmático.

Como o objeto de estudo privilegiado era a coesão, equiparando-se à coerência uma mera propriedade ou característica do texto, os linguistas, neste primeiro momento, debruçaram-se no estudo das relações referenciais, operantes entre dois ou mais elementos textuais, limitando-se aos processos correferenciais (anafóricos e catafóricos). Além desses, outros fenômenos a serem explicados, como a pronominalização, a ordem das palavras, a seleção do artigo (definido/ indefinido), a concordância dos tempos verbais e as relações entre enunciados ligados por conectores explícitos, revelam que a LT se encontrava, ainda, muito ligada à gramática estrutural.

Assim sendo, o texto era concebido como resultado de um “múltiplo referenciamento, [...] uma sucessão de unidades linguísticas construídas mediante uma concatenação pronominal ininterrupta” (KOCH, 2009, p. 4). Seguindo a mesma linha de raciocínio, Bentes (2012) afirma que

Neste momento, um dos principais conceitos de texto era o de Harweg (1968) afirmando que um texto era uma sequência pronominal ininterrupta e que uma de suas principais características era o fenômeno do múltiplo referenciamento (o fato do referente textual – aquilo sobre o que se fala – encontrar-se retomado, ao longo do texto, de diferentes formas). Um outro conceito de texto importante era o de Isenberg (1970): um texto era definido como uma sequência coerente de enunciados (BENTES, 2012, p. 263).

Face ao exposto, vale salientar que algumas limitações nas pesquisas começaram a inquietar diversos estudiosos, como por exemplo, o fato de algumas sequências não possuírem conectivos e, ainda assim, o leitor conseguir, construir o sentido global do enunciado, estabelecendo, mentalmente, relações lógico-argumentativas. De acordo com Koch (2009, p. 4), “[...] Pouco se mencionavam, ainda, os fenômenos remissivos não correferenciais, as anáforas associativas e indiretas, a dêixis textual e outros que hoje constituem alguns dos principais objetos de estudo da linguística”.

Os estudos da LT avançaram ao ponto que não se podia mais restringir a frase à nomenclatura de texto, bem como já não era suficiente conceber o texto uma soma de frases conectadas por elementos coesivos. Desse modo, algumas lacunas no tratamento de fenômenos linguísticos que só podiam ser devidamente explicadas em termos de texto ou, então, com referência a um contexto situacional, levaram os estudiosos a elaborarem gramáticas de texto, por analogia com as gramáticas da frase. A esse respeito Bentes (2012) esclarece que:

O fato de ter sido necessário considerar, na construção do sentido global do enunciado, o conhecimento intuitivo do falante acerca das relações a serem estabelecidas entre sentenças, e o fato de nem todo texto apresentar o fenômeno da co-referenciação, constituíram-se em fortes motivos para a construção de uma outra linha de pesquisa, que não considerasse o texto apenas como uma simples soma ou lista dos significados das frases que o constituem. Passou-se, então, ao objetivo de elaborar gramáticas textuais (BENTES, 2012, p. 265).

Nesse estágio de desenvolvimento da LT, as gramáticas de texto representaram um avanço no sentido de tomar o texto como objeto de estudo. Tratava-se, pois de “descrever categorias e regras de combinação da entidade T (texto) em L (determinada língua)” (KOCH, 2009, p. 5), como se todos os textos assumissem determinadas características. Nessa perspectiva,

Abandonava-se, assim, o método ascendente – da frase para o texto. É a partir da unidade hierarquicamente mais alta – o texto – que se pretende chegar, por meio da segmentação, às unidades menores, para, então, classificá-las. Contudo, tem-se claro que a segmentação e a classificação só poderão ser realizadas, desde que não se perca a função textual dos elementos individuais, tendo em vista que o texto não pode ser definido simplesmente como uma sequência de cadeias significativas (KOCH, 2009, p. 6).

Como evidencia-se na citação em tela, o texto é tomado como objeto central da Linguística Textual, no entanto ainda continua centralizado na materialidade linguística, sendo concebido, a partir de um sistema finito de regras, como um produto pronto e acabado.

Assim sendo, as gramáticas de texto, de acordo com Fávero & Koch (2012, p. 19), tinham por tarefas básicas: 1) verificar o que faz com que um texto seja um texto, determinando seus princípios de constituição, os fatores responsáveis pela sua coerência, bem como as condições em que se manifesta a textualidade; 2) levantar critérios para a delimitação de textos, tendo em vista que a sua completude é uma de suas características essenciais; e 3) diferenciar as várias espécies de textos.

Fortemente influenciada pela teoria gerativa, as gramáticas textuais postulavam a competência textual semelhante à competência linguística chomskyana, concebendo que todo falante de uma língua tem a capacidade de distinguir um texto coerente de um aglomerado de palavras e/ou sentenças. Ou seja, “[...] qualquer falante é capaz de parafrasear, de resumir um texto, de perceber se está completo ou incompleto, de atribuir-lhe um título, ou de produzir um texto a partir de um título dado” (KOCH, 2009, p.6). Nesse sentido, concebe-se um falante, um ouvinte e um leitor idealizados.

Salienta-se, ainda, que nesse segundo momento da LT, embora a coerência comece a diferenciar-se da coesão, trata-se de uma coerência sintático-semântica. Percebe-se, nas postulações de Charolles (1978 apud KOCH, 2009), que o sentido continua atrelado a elementos cotextuais, ao apresentar as quatro macrorregras de coerência textual, sendo elas: a) repetição – o texto deve ter em seu desenvolvimento elementos de recorrência estrita; b) progressão – deve haver no texto o acréscimo de novas informações para que o conteúdo semântico seja renovado; c) não-contradição – é preciso que no desenvolvimento do texto não se introduza nenhum elemento semântico que contradiga um conteúdo posto ou que seja percebível por meio de inferência; e d)

relação – os enunciados e os fatos que denotam o mundo representado no texto devem estar relacionados entre si.

Apesar de o texto ser concebido, dentro dessa abordagem, como a unidade linguística hierarquicamente mais elevada, com o passar dos anos, percebeu-se a inviabilidade de descrever todos os textos de uma determinada língua, pois haveria sempre a possibilidade de surgirem novos textos que não fossem descritos pelas regras da gramática textual. Além disso, conforme os linguistas de textos avançavam em suas pesquisas, outros fatores foram sendo inseridos nos estudos desse objeto multifacetado, que é o texto. Sobre essa questão Bentes (2012) destaca:

[...] já que não se conseguiu construir um modelo teórico capaz de garantir um tratamento homogêneo dos fenômenos pesquisados, por outro lado, isso significou um deslocamento da questão: em vez de dispensarem um tratamento formal e exaustivo ao objeto “texto”, os estudiosos começaram a elaborar uma teoria do texto, que, ao contrário das gramáticas textuais, preocupadas em descrever a competência textual de falantes/ouvintes idealizados, propõe-se a investigar a constituição, o funcionamento, a produção e a compreensão dos textos em uso. (BENTES, 2012, p. 267)

Com isso, os linguistas de texto perceberam a necessidade de ir além da abordagem sintático-semântico, introduzindo em seu escopo teórico o contexto pragmático, ou seja, “[...] o âmbito de investigação se estende do texto ao contexto, entendido, em geral, como conjunto de condições – externas ao texto – da produção, da recepção e da interpretação do texto” (FÁVERO & KOCH, 2012, p. 20).

Esse terceiro momento da LT, denominado Teoria dos textos, caracterizou-se, inicialmente, com a virada pragmática, como lembra (KOCH, 2009, p. 14), com forte influência da Psicologia da Linguagem – especialmente da Psicologia da Atividade de origem soviética e da Filosofia da Linguagem, em particular da Filosofia da Linguagem Ordinária da Escola de Oxford, que desenvolveu a Teoria dos Atos de Fala. A autora supracitada destaca que

Com isso, a pesquisa em Linguística Textual ganha uma nova dimensão: Já não se trata de pesquisar a língua como sistema autônomo,

mas sim o seu funcionamento nos processos comunicativos de uma sociedade concreta. Passam a interessar os “textos-em-funções” (Schmidt, 1973; Gülich & Raible, 1977). Isto é, os textos deixam de ser vistos como produtos acabados, que devem ser analisados sintática ou semanticamente, passando a ser considerados elementos constitutivos de uma atividade complexa, como instrumento de realização de intenções comunicativas e sociais do falante (HEINEMANN, 1982 apud KOCH, 2009, p. 13-14)

Tomando como base a postulação acima, depreendemos que o texto passa a ser concebido como uma unidade de interação humana, na qual o ouvinte torna-se um sujeito ativo, não se limitando, apenas, a captar o que está na imanência da superfície textual. Para tanto, necessitaria reconstruir os propósitos comunicativos que o falante tinha ao estruturá-lo, ou seja, descobrir o “para quê, do texto (KOCH, 2009, p. 15). Assim sendo, “com a pragmática e os novos enfoques, tem-se um deslocamento do ponto de vista do sistema para a atividade comunicativa” (MARCUSCHI, 2008, p. 37).

Um dos responsáveis pela virada pragmática, Van Dijk (1981 apud Koch 2009), insere em suas pesquisas a coerência pragmática, enfatizando a necessidade de se levar em consideração a interação para a compreensão textual, bem como as crenças, os desejos, as normas e os valores dos interlocutores. Admite-se, portanto, um alargamento do conceito da coerência, iniciado com Van Dijk (1981), sendo, posteriormente, considerada como um “princípio de interpretabilidade”, no momento em que Charolles (1983), postula que não existem sequências de enunciados incoerentes em si, visto que, numa interação, é possível construir um contexto em que uma sequência aparentemente incoerente tenha sentido.

Constata-se, então, com os desenvolvimentos em torno da coerência textual, que os parceiros da comunicação dispõem de modelos de operações mentais e tipos de operações que precisam ser ativados por ocasião do processamento textual. Desta forma, com a Virada Cognitivista, que ocorreu na década de 1980, concebeu-se que as estratégias cognitivas são responsáveis pela mobilização de diversos tipos de conhecimentos. Consoante Koch (2009),

[...] a partir da tomada de consciência de que todo fazer (ação) é necessariamente acompanhado de processos de ordem cognitiva, de que quem age precisa dispor de modelos mentais de operações e tipos de operações. Com a tônica nas operações de ordem cognitiva, o texto

passa a ser considerado resultado de processos mentais: é a abordagem procedural, segundo a qual os parceiros da comunicação possuem saberes acumulados quanto aos diversos tipos de atividades da vida social, têm conhecimentos representados na memória que necessitam ser ativados para que sua atividade seja coroada de sucesso (KOCH, 2009, p. 21).

Nesse sentido, a autora citada evidencia que o texto passa a ser considerado como resultado de operações mentais, sendo o processamento textual considerado estratégico e indissociável das características do usuário da língua. Para tanto, por meio da inferenciação, estratégia cognitiva que ocorre toda vez que se mobiliza conhecimentos para construir um mundo textual, pode-se gerar uma nova informação semântica tanto a partir da parte explicitada no texto, em certo contexto, quanto através do processamento de implícitos.

Vale ressaltar que, para a efetivação do processamento textual, mobilizamos quatro tipos de conhecimentos: o linguístico, o enciclopédico, o interacional e o referente a modelos textuais globais. O conhecimento linguístico está relacionado ao conhecimento lexical e gramatical, sendo responsável pela organização do material linguístico na superfície textual e pela utilização de recursos coesivos. Já o conhecimento enciclopédico ou de mundo corresponde ao conhecimento armazenado na memória de cada indivíduo, adquirido através da experiência e de práticas socioculturalmente situadas. Por outro lado, o conhecimento sociointeracional é o conhecimento sobre as formas de interação através da linguagem, possibilitando, dentre outros: a) reconhecer os objetivos ou propósitos que um falante, em dada situação de comunicação, pretende atingir (conhecimento ilocucional); b) selecionar a variante linguística adequada a cada situação de interação e adequação dos textos às situações comunicativas (conhecimento comunicacional); c) utilizar vários tipos de ações linguísticas que, assegure a compreensão do texto (conhecimento metacomunicativo); e d) distinguir os vários tipos de textos, consoante a sua ordenação e sequenciação (conhecimento superestrutural). E o conhecimento de modelos textuais globais é aquele que permitirá aos falantes reconhecerem os textos como pertencente a determinado gênero ou tipo.

Um dos marcos da Virada Cognitivista acontece com as postulações de Beaugrande & Dressler (1981), estruturando critérios que conferem textualidade ao texto. Segundo Koch & Travaglia (2003, p. 26-27), “ a textualidade ou a textura é aquilo que faz de uma sequência linguística um texto e não um amontoado aleatório de palavras”.

Desta maneira, a sequência é concebida como um texto desde que aquele que a recebe entende-a como uma unidade significativa global.

Nesse sentido, Beaugrande & Dressler (1981) apresentam os sete critérios de textualidade, a saber: I) centrados no texto: coesão (forma como os elementos linguísticos se interligam e interconectam, por meio de recursos linguísticos na tessitura textual) e a coerência (configuração conceitual, possibilitando ao usuário estabelecer um sentido para o texto); e II) centrados no usuário: situacionalidade (critério estratégico que possibilita compreender a influência da situação comunicativa na produção/recepção dos textos e os reflexos da situação no constructo textual), informatividade (refere-se à distribuição da informação no texto e aos graus de previsibilidade e redundância com que a informação é veiculada), intertextualidade (compreende os diversos tipos de relação que um texto mantém com outros textos), intencionalidade (refere-se aos modos como os sujeitos produzem uma manifestação linguística para realizar suas intenções comunicativas) e aceitabilidade (refere-se à concordância do parceiro em entrar no jogo comunicativo).

Mais tarde essas postulações tornaram-se objetos de refutações de diversos pesquisadores, no que tange à divisão “centrados no texto” e “centrados no usuário”, tendo em vista que todos os sete critérios estão centrados tanto no texto como em seus usuários. A coerência, por exemplo, anteriormente vista como centrada exclusivamente no texto, é resultado de processos de ordem cognitiva, numa dada situação comunicativa interacional, através da ativação dos variados tipos de conhecimentos. Além disso, acrescentou-se a estes, os fatores de contextualização, propostos por Marcuschi (2012), responsáveis pela ancoragem do texto numa dada situação comunicativa, o que permitiria avançar na interpretação, sendo estes subdivididos em dois tipos: contextualizadores propriamente ditos (data, local, diagramação, localização da página, dentre outros) e contextualizadores prospectivos (título, nome do autor, início do texto). Koch & Travaglia (2003), também, acrescentam a estes: o critério da focalização (refere-se à concentração do usuário, no momento da interação, em apenas uma parte de seu conhecimento, ou seja, trata-se de uma perspectiva de leitura/escrita a ser adotada); a relevância (enunciados relevantes em um mesmo tópico discursivo); e consistência (pertinência das informações veiculadas).

Posteriormente, Marcuschi (2008) afirma que os critérios de textualidade devem ser tomados com algumas ressalvas, de modo a não serem admitidos como princípios de boa formação textual, tampouco como entidades estanques e categóricas.

Todas essas constatações possibilitam verificar importantes desenvolvimentos da LT, no entanto, percebe-se que os estudos continuam, ainda, focalizados na linguagem verbal, sendo efetuados poucos estudos em torno da linguagem não verbal. No final do século XX e início do século XXI, importantes pesquisas como a de Koch (2009) e Heine *et al* (2018), apontam novos momentos para a LT: a fase sociocognitivo-interacionista, já consolidada nas pesquisas, e a fase backhtiniana, proposta por Heine *et al* (2018).

Consoante Koch (2009), diversos questionamentos suscitados em relação à separação entre exterioridade e interioridade, presentes nas ciências cognitivas clássicas, potencializaram os estudos textuais, tendo em vista que muitos de nossos processos cognitivos têm por base a percepção e a capacidade física de atuar no mundo. Sendo assim fez-se necessário “uma visão que incorpore aspectos sociais, culturais e interacionais à compreensão do processamento cognitivo, tendo em vista que “ [...] muitos processos cognitivos acontecem na sociedade e não exclusivamente nos indivíduos (KOCH, 2009, p. 30).

Com isso, constata-se que a fase sociocognitivista interacional concebe que a linguagem é uma ação compartilhada caracterizada pelo duplo percurso na relação sujeito/realidade e exerce uma dupla função em relação ao desenvolvimento cognitivo: intercognitivo (sujeito/ mundo) e intracognitivo (linguagem e outros processos cognitivos) (Koch, 2009, p. 32). Desta maneira, a atividade linguística acontece em contextos sociais, com finalidades e papéis distribuídos socialmente, através da interação dos sujeitos.

Uma guinada importante, neste período, refere-se à concepção de contexto que passa a ser considerado o próprio lugar da interação, sendo os sujeitos vistos como atores/construtores sociais. Como afirma Koch (2009, p. 32),

Dentro desta concepção, amplia-se mais uma vez, a noção de contexto, tão cara à linguística textual. Se, inicialmente, quando das análises transfrásticas, o contexto era visto apenas como o co-texto (segmentos textuais precedentes e subsequentes ao fenômeno em estudo), tendo, quando da introdução da pragmática, passando a abranger primeiramente a situação comunicativa e, posteriormente, o entorno sócio-histórico-cultural, representado na memória por meio de modelos cognitivos, ele passa a constituir agora a própria interação e seus sujeitos: o contexto constrói-se, em grande parte, na própria interação (KOCH, 2009, p. 32).

Também, a concepção de texto é ressignificada, passando a ser considerado o próprio lugar da interação e os interlocutores, sujeitos ativos que – dialogicamente – nele se constroem e por ele são construídos. Assim, a produção de sentidos passa a abarcar não somente os elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua organização, mas, também, a mobilização de um vasto conjunto de saberes, e a sua reconstrução e a dos próprios sujeitos, no momento da interação verbal.

A partir desse enfoque, diversas questões, como a referenciação, a dêixis textual, a oralidade, o processamento sociocognitivo do texto, os gêneros e tipos textuais, inclusive os da mídia eletrônica, questões ligadas ao hipertexto, dentre outros, passam a ser objetos de pesquisa da LT.

Considerando os avanços mencionados, Heine *et al* (2018) reconhece o amadurecimento dos pesquisadores da fase sociocognitivista interacional, ao considerar o sujeito social, deixando de lado as limitações referentes ao sujeito individual de forte influência da pragmática de linha dura. No entanto, as autoras postulam algumas limitações referentes ao conceito de texto ao deixar de lado a camada histórico-ideológica e os signos semióticos, sem considerá-los constitutivos do texto, conduzindo os processos de coesão e coerência ainda presos à imanência textual.

Para tanto, a pesquisadora recorre ao apoio teórico bakhtiniano, voltando-se para o dialogismo, passando a conceber o texto como “[...] evento dialógico, semiótico, falado, escrito, abarcando, pois, não somente o signo verbal, mas também os demais signos no seio social (imagens, sinais, gestos, meneios de cabeça, elementos pictóricos, gráficos e etc)” (HEINE et al, 2018, p. 18).

Dessa forma, a partir do lastro bakhtiniano, considera-se que o texto possui duas camadas constitutivas: de um lado a camada linguístico-formal, que compreende os princípios morfológicos, sintáticos, semânticos e semióticos; e de outro a camada histórico ideológica, caracterizada pelo processamento de sentidos inferenciais, sendo efetivada a partir de diferentes estratégias (conhecimentos de mundo, conhecimentos partilhados, intencionais, conhecimentos ideológicos, dentre outros) na construção de sentidos.

Além disso, Heine *et al* (2018) problematiza, em certa medida, postulados de Koch e Elias (2006), no que tange à acepção de contexto, tendo em vista que as autoras o

concebem como algo a que se agrega ao texto e não como algo constitutivo. O excerto textual a seguir ratifica essa assertiva,

[...] o contexto é interpretado como algo que se agrega ao texto, e não como um elemento que o constitui. Essa asserção pauta-se no seguinte trecho, extraído da citação a seguir: “[...] necessário se faz levar em conta o contexto” (KOCH; ELIAS, 2006, p. 57), visto que o contexto é considerado um fenômeno a ser levado em conta, ou seja algo que se agrega ao código linguístico (HEINE, 2018, p. 20).

Esse enfoque põe em discussão o sujeito dialógico bakhtiniano que se constrói na inter-relação com o outro, tendo uma consciência imanentemente social, constituído por várias vozes em que dialogam vários discursos, não detendo assim o traço da individualidade. A partir dessa concepção de sujeito, surge também a necessidade de rever os padrões de textualidade de Beaugrande e Dressler (1981), na qual propõe-se a substituição do critério de aceitabilidade pelo de responsividade, tendo em vista que o primeiro revela passividade dos indivíduos, dando a entender que o sentido pode ser controlado pelos interlocutores do discurso. Nesse âmbito das investigações, a pesquisadora apoia-se na seguinte postulação de Bakhtin (2011),

[...] o ouvinte, ao perceber e compreender o significado do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), complementa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc; essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão desde o seu início, às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante [...]. Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é natureza ativamente responsiva ativa (BAKHTIN, 2011, p. 271).

Nessa perspectiva, Heine *et al* (2018) tece importantes contribuições ao sistematizar o pensamento bakhtiniano, apontando para discussões pertinentes ao quadro teórico da LT, ao inserir, também, os elementos semióticos – constitutivos do texto – no processo da referenciação<sup>1</sup>, considerando a ocorrência de elementos verbais e não-verbais atuando como âncoras textuais ou como objetos do discurso.

---

<sup>1</sup> A autora denomina esse processo de apreensão dos elementos do discurso de “Referenciação semiótica”, considerando os signos visuais como portadores de significados, avançando nos estudos que antes eram centrados no código linguístico.

Diversas pesquisas no Brasil, como as de Ramos (2012), Cavalcante (2012), Bentes, Ramos e Alves Filho (2010), Dionísio (2011), Ribeiro (2016; 2018), dentre outros, discutem a necessidade de alargamento do conceito de texto, introduzindo alguns dispositivos da Semiótica Social de Kress e Van Leeuwen ([1996], 2006) de modo a potencializar os estudos sobre os mecanismos de (re) construção dos objetos do discurso para além do código linguístico, concebendo as diversas semioses como portadoras de significados (o que será mais aprofundado nos capítulos 4 e 5). Assim, os signos linguísticos e visuais seriam tratados numa relação não-hierarquizada, sendo as semioses concebidas não mais em uma perspectiva de adorno como, comumente, foi considerado ao longo do percurso dos estudos linguísticos.

Em consonância com as discussões tratadas até o momento, na seção seguinte, apresentamos alguns conceitos de língua, sujeito e texto que perduraram dentro do escopo da LT, de modo a sedimentar a concepção de texto a ser adotada na pesquisa.

## 2.2 CONCEPÇÕES DE LÍNGUA, SUJEITO E TEXTO

Ao longo dos estudos linguísticos parece prevalecer uma adesão a conceitos de textos a partir da imanência da materialidade linguística. Para Marcuschi (2012, p. 22), pode-se definir o texto a partir de pelo menos duas alternativas básicas: I) Ponto de vista imanente ao sistema linguístico; e II) considerando-o como unidade comunicativa e não como uma simples unidade linguística.

Considerando o texto sobre o ponto de vista imanente ao sistema linguístico, reporta-se a concepção de texto como uma sequência coerente de enunciados (concepção de base gramatical), ao passo que adotá-lo como unidade comunicativa conduz a pensar o texto como meio específico de realização da comunicação verbal (concepção de base comunicativa) e lugar de interação entre atores sociais e de construção interacional de sentidos (concepção de base sociocognitiva interacional), dentre outras.

Apesar de não ser objetivo da seção explicar sobre os paradigmas formalistas e funcionalista, é mister compreender a concepção de língua a partir de algumas teorias linguísticas para que possamos avançar nas discussões, visto que o conceito de língua, sujeito e texto são autodeterminantes, estando uma concepção vinculada a outra.

Em um primeiro momento, pautada na teoria saussuriana, constata-se, nos estudos linguísticos, a adoção a uma tendência sistêmica que concebe a língua sob a perspectiva formal e estrutural, buscando estabelecer os princípios de sua organização, sem considerar suas relações com o meio ou o contexto em que está inserida. Assumindo, assim, a língua enquanto sistema e código, com função informativa e o sujeito como (pré) determinado pelo sistema, o texto é visto como produto codificado pelo emissor a ser decodificado pelo leitor, sendo suficiente o conhecimento do código linguístico no momento do processamento textual, pois somente o que está explícito – a ponta do iceberg – é responsável pela construção do sentido.

Em seguida, apoiando-se em uma tendência psicologizante, sendo Chomsky o seu principal representante, assume-se a tese do inatismo e da modularidade da mente, introduzindo a competência do falante/ ouvinte ideal. Decorrente das postulações chomskianas, nota-se uma concepção de língua como representação do pensamento e de sujeito como senhor absoluto de suas ações, sendo o texto concebido como um produto do pensamento do autor, cabendo apenas ao leitor – passivamente – captar a representação mental e as intenções do autor.

Posteriormente, adotando uma tendência sociologizante, percebe-se que a língua é heterogênea, mutável e social. Nesse contexto, a língua é concebida numa perspectiva interacional (dialógica), na qual os sujeitos são vistos como atores/construtores sociais, sendo o texto considerado processo – o próprio lugar da interação –, e os interlocutores como sujeitos ativos que, dialogicamente, nele se constroem e são construídos. Dessa forma, são considerados, no texto, uma gama de implícitos e o contexto sociocognitivo dos participantes da interação.

Decorrente das mudanças desencadeadas pelo desenvolvimento das tecnologias digitais, o texto passa a ser concebido um evento multissemiótico, sendo o linguístico encarado como um dos elementos constitutivos do texto e não o único. Concordamos com Ribeiro (2018, p. 71), ao enfatizar que “[...] O texto, hoje, é muito mais do que palavras”, sendo que não dá mais para desconsiderar as imagens, as tipografias, as tonalidades, os enquadramentos e as saliências, dentre outros elementos, por ocasião do processamento textual.

Vale salientar que, concordamos com Koch (2014), ao postular que o texto é uma atividade sociocognitivo interacional de construção de sentidos que requer a mobilização

de um vasto conjunto de saberes e a reconstrução deles no interior do evento comunicativos. No entanto, consideramos relevantes os acréscimos realizados por Cavalcante e Custódio Filho (2010), tomando como base a citação de Koch (2014, p. 21),

A produção da linguagem [verbal e não verbal] constitui atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos que se realiza, evidentemente com base nos elementos [linguísticos] presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas que requer não apenas a mobilização de um vasto conjunto de saberes (enciclopédia), mas a sua reconstrução e a dos próprios sujeitos – no momento da interação verbal (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO, 2010, p. 64).<sup>2</sup>

Os autores supracitados enfatizam duas questões que possibilitam avançar nos estudos do texto: I) A superfície textual é constituída por elementos que envolve várias linguagens, modalidades, tonalidades e disposição tipográfica, dentre outros, sendo que dizer que a produção da linguagem será efetuada com base nos elementos linguísticos estabelece uma hierarquia dos signos linguísticos; e II) A linguagem produz sentidos quer seja através da realização semiótica, quer seja por meio da linguagem verbal, considerando que o verbal, também, é semiótico.

Nesse sentido, verificamos que as concepções de texto e o próprio texto mudam com o passar do tempo. Conforme novas configurações sociais, econômicas, políticas e culturais, o texto vai abarcando novas funcionalidades e características, materializando-se em gêneros textuais diversos, como será enfatizado no capítulo 3 do presente trabalho.

Corroborando com Cavalcante e Custódio Filho (2010), vale salientar que, para além de considerar os elementos semióticos de diversas naturezas no momento da construção/produção textual, é preciso levar em consideração o hipertexto que, com o advento da internet, provocou uma quebra na linearidade textual – traço inerente aos textos tradicionais – possibilitando a rapidez de acessamento e desterritorialidade das informações. Assim sendo, o leitor escolhe os caminhos de leitura através de links e nós,

---

<sup>2</sup> A citação original a partir de Koch (2014, p. 21): A produção da linguagem constitui atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos que se realiza, evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas que requer não apenas a mobilização de um vasto conjunto de saberes (enciclopédia), mas a sua reconstrução e a dos próprios sujeitos – no momento da interação verbal.

sendo o texto, nesse aspecto, concebido como algo elástico, dinâmico, intertextual, semiótico e hipermodal.

Nesse direcionamento, a concepção de texto a ser adotada na pesquisa é a que considera o texto como um evento dinâmico, dialógico, intertextual, semiótico, falado, escrito, elástico, “ abarcando, pois, não somente o signo verbal, mas também os demais signos no seio social (imagens, sinais, gestos, meneios de cabeça, elementos pictóricos, gráficos etc) ” (HEINE, 2018, p. 18). Além disso, consideramos que o texto é “ uma atividade sociocognitivo interacional” de construção de sentidos, em que são ativados diversos tipos de conhecimentos e informações contextuais (KOCH, 2009).

Em consonância com essa direção, inscrevemos o trabalho na perspectiva sociocognitivo interacional, em diálogo com alguns dispositivos da Semiótica Social de Kress e Van Leeuwen (2006), por considerar que os signos visuais são portadores de significação. Num contexto permeado pela multiplicidade de linguagens e culturas, é preciso pensar em dispositivos que possibilitem a leitura dos diversos signos que circulam no contexto social. Assim sendo, no capítulo a seguir, traçamos uma discussão sobre a materialidade e relativa estabilidade dos gêneros discursivos, no contexto das tecnologias digitais.

### 3 GÊNEROS DISCURSIVOS NO CONTEXTO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS

Neste capítulo, versamos sobre os gêneros discursivos no contexto das tecnologias digitais, em ambientes virtuais, apresentando aspectos conceituais a partir da perspectiva bakhtiniana. Para tanto, voltamos o nosso olhar para os gêneros discursivos no domínio jornalístico, enfatizando a sua relativa estabilidade e a natureza semiótica.

A organização do capítulo está estruturada da seguinte maneira: 1) Gêneros do discurso: aspectos conceituais e tecnologias digitais, no qual apresentamos discussões teóricas sobre a funcionalidade, estabilidade, plasticidade e fluidez dos gêneros discursivos em ambientes virtuais; e 2) Gêneros discursivos digitais da esfera jornalística, no qual abordamos os gêneros charge, blog e *tweet*, em termos de composição estrutural, conteúdo temático e estilo, bem como seus propósitos comunicativos.

Constitui referencial teórico do capítulo, as postulações de Bakhtin (2011) Marcuschi (2011; 2007; 2005), Romualdo (2000), Cavalcante (2008), Bonini (2011), dentre outros.

#### 3.1 GÊNEROS DO DISCURSO: ASPECTOS CONCEITUAIS E TECNOLOGIAS DIGITAIS

Nas práticas de uso da língua, todos os textos organizam-se em gêneros textuais típicos (orais e escritos), elaborados pelas/nas diversas esferas da atividade humana. Dada a diversidade de práticas sociais presentes na sociedade, também serão diversos os gêneros textuais. Além disso, como as práticas sociais vão mudando e se (re) configurando, os gêneros vão assumindo novas feições, incorporando elementos de natureza semiótica, novas linguagens e suportes, tornando-se um “mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas”. (BRONCKART, 1999, p. 103 *apud* MARCUSCHI, 2007, p. 29).

É importante assinalar que, por mais que os gêneros sofram alterações com o passar dos tempos, os mesmos possuem uma “identidade social e organizacional bastante grande e são parte constitutiva da sociedade” (MARCUSCHI, 2011, p. 22). Ou seja, acabam preservando algumas características que remetem a seu aspecto inicial, como é o caso do gênero diário pessoal que, com o desenvolvimento das tecnologias digitais,

assumiu novas características, novo suporte e domínios discursivos (blog digital) e os falantes o reconhecem como tal.

Segundo Bakhtin (2011), os gêneros discursivos são “tipos relativamente estáveis de enunciados”, presentes em cada esfera da atividade humana, refletindo suas condições específicas, materialidade discursiva e finalidades, sendo constituídos por meio de três elementos básicos intrinsecamente relacionados: conteúdo temático, estilo e construção composicional.

[...]esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fonológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. (BAKHTIN, 2011, p. 261)

Assim sendo, o conteúdo temático refere-se ao conjunto de temáticas que podem ser abordadas por um determinado gênero. O estilo de linguagem corresponde à seleção de recursos linguísticos (vocabulários, escolha lexical e estrutura sintática) que serão utilizados em função da esfera de circulação do gênero e a construção composicional, por sua vez, diz respeito a estruturação e organização interna dos enunciados.

Bakhtin (2011) ressalta, ainda, a heterogeneidade dos gêneros discursivos, classificando-os como primários (os mais simples) e secundários (os mais complexos). Os gêneros secundários são os que aparecem em situações de uma comunicação complexa, transmutando e absorvendo, em seu processo de formação, os gêneros primários. Assim, um exemplo de gênero secundário seria o romance, pesquisas científicas, teatro, drama, dentre outros. Envolvem, portanto, a escrita. Já os gêneros primários são os mais simples, construídos em situações comunicativas espontâneas, sendo os mais utilizados no dia-a-dia, como a carta, o bilhete e o diálogo. No entanto, um gênero primário pode tornar-se componente de um gênero secundário, passando a ter uma relação direta com a realidade existente do gênero secundário. No gênero romance, por exemplo, podemos encontrar um diálogo, um bilhete, uma carta, dentre outros exemplos prototípicos de gêneros primários, conferindo ao gênero uma aproximação com a oralidade.

Ao conceber os gêneros como entidades relativamente estáveis, Bakhtin (2011), esclarece que a estabilidade é relativa e, portanto, os gêneros são maleáveis, dinâmicos e plásticos e não entidades estanques. Conforme cada esfera se desenvolve e fica mais complexa, os gêneros do discurso vão ampliando-se e desenvolvendo-se, tornando-se híbridos. A esse fenômeno, Úrsula Fix (1997, p. 97 *apud* MARCUSCHI, 2007, p. 31) denomina intertextualidade intergêneros “para designar o aspecto da hibridização ou mescla de gêneros em que um gênero assume a função de outro”.

Na mesma direção, Marcuschi (2007, p. 20) pontua que “os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia”. São entidades sociodiscursivas e formas de ação social relativamente estáveis em textos situados em comunidades de práticas sociais e em domínios discursivos<sup>3</sup> específicos. O pesquisador pontua que, apenas, os aspectos formais não são determinantes dos gêneros e sim a integração entre os aspectos formais, sociocomunicativos e funcionais, tendo em vista que haverá casos em que o suporte ou o ambiente em que aparecem os textos determinarão os gêneros presentes. No caso do outdoor, por exemplo, muitas pessoas, ainda, o concebem como um gênero e não como um suporte<sup>4</sup> público para vários gêneros, responsável por colocá-los em circulação.

Além disso, Marcuschi (2005, p.19) esclarece que “os gêneros não são categorias taxionômicas para identificar realidades estanques”. Enquanto expressões típicas da vida cultural, podem refletir estruturas de autoridade e relações de poder, pois não é qualquer pessoa, por exemplo, que pode defender uma tese de doutorado, fazer uma nomeação etc.

Assim sendo, é preciso considerar um conjunto de fatores ao trabalhar e pesquisar os gêneros discursivos, tanto os aspectos formais quanto os funcionais, e mesmo a comunidade discursiva. Uma confusão que muitas pessoas realizam é confundir gêneros

---

<sup>3</sup> Segundo Marcuschi (2007), domínio discursivo refere-se a uma esfera ou instância de produção discursiva ou atividade humana. Esses domínios não são textos nem discurso, mas propiciam o surgimento de discursos específicos, como por exemplo, o discurso jornalístico, jurídico e religioso.

<sup>4</sup> Pesquisas como as de Bonini (2011) e Marcuschi (2003), discutem sobre a questão do suporte, diferenciando-o do gênero textual. Bonini (2011) aponta que os suportes podem fixar gêneros diversos. Para tanto, o autor levanta o seguinte questionamento: Será que uma nuvem de fumaça como base de mensagens deixadas no ar por um avião e o jornal suportam gêneros do mesmo modo? Assim sendo, concordamos com Marcuschi (2003) que o “suporte não é neutro e o gênero não fica indiferente” a ele, pois uma mensagem de fumaça pode até surtir efeito em um contexto de entretenimento e imediatista, mas, por exemplo, para veicular uma reportagem ou uma propaganda não surtirá os mesmos efeitos que no suporte do jornal. Vale salientar que Bonini (2011) considera o jornal um hipergênero, pois consiste num agrupamento de vários gêneros para compor uma unidade ainda maior.

com tipos textuais. Na verdade, os gêneros são os textos materializados que possuem características sociocomunicativas, definidos por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Já tipos textuais são sequências linguísticas definidas pela natureza de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, relações lógicas, tempos verbais). Nesse aspecto, pode-se mencionar as seguintes sequências: narrativa, descritiva, argumentativa, expositiva e injuntiva. Normalmente, várias sequências podem estar presentes em um gênero, configurando uma heterogeneidade tipológica, no entanto uma sequência é predominante. “Em suma, pode-se dizer que os gêneros textuais fundam-se em critérios externos (sociocomunicativos e discursivos), enquanto os tipos textuais fundam-se em critérios internos (linguísticos e formais)”. (MARCUSCHI, 2007, p. 34).

Considerando as postulações até o momento, é preciso levar em consideração que, com o desenvolvimento das tecnologias digitais da informação e comunicação, doravante TDICs, “novos”<sup>5</sup> gêneros passaram a fazer parte de nosso dia-a-dia, outros assumiram novas características, surgindo, assim, diferentes formas de comunicação para dar conta das necessidades sociais instauradas na esfera de comunicação. Em outras palavras, “o que se nota é um hibridismo mais acentuado, algo nunca visto antes, inclusive, com o acúmulo de representações semióticas” (MARCUSCHI, 2005, p. 22).

Essas “novas” formas de comunicação têm implicado nas relações sociais, nos comportamentos dos indivíduos e, mesmo, em novas formas de textualização. Diante desse contexto, pode-se realizar um acesso rápido e não linear de informações, conhecer outros espaços, efetuar processo de leitura diferenciados e, mesmo, encurtar distâncias.

Pode-se dizer que parte do sucesso da nova tecnologia, deve-se ao fato de reunir em um só meio várias formas de expressões, tais como textos, som, imagem, o que lhe dá certa maleabilidade para a incorporação simultânea de múltiplas semioses, interferindo na natureza dos recursos linguísticos utilizados. A par disso, a rapidez da veiculação e sua flexibilidade linguística aceleram a penetração entre as demais práticas sociais. (MARCUSCHI, 2005, p. 15)

Desta forma, a tecnologia do computador, em especial com o surgimento da internet, criou uma grande rede social virtual, conectando os indivíduos em uma velocidade espantosa. Isso confere uma maior interatividade em ambientes virtuais, na

---

<sup>5</sup> Novos gêneros, mas velhas bases (MARCUSCHI, 2007).

qual pode-se constatar uma versatilidade linguística, uma linguagem escrita não monitorada (a depender do contexto enunciativo) e uma maior comunicação com o leitor.

Vale salientar que essa nova era, marcada pelo advento de novas formas midiáticas, altera a própria relação com o tempo – que passa a ser visto como o da simultaneidade – e o espaço – oceano de informações navegáveis de forma instantânea – proporcionando uma mudança no suporte da leitura e da escrita – a tela do computador e, mais precisamente, a utilização de tablets e smartphones. Aliás, a forma como o autor e o leitor se posicionam diante desses dispositivos móveis (tablets e smartphone) possibilita a criação de textos cada vez mais multimodais, através da inserção de vídeos, links, imagens, músicas, gifs, emojis e textos que remetem a outros textos, dentre outros. Também, os diálogos no What app e a utilização do Facebook e Instagram oportunizam a criação de textos com um formato de escrita que tem uma relação mais íntima com a oralidade.

A própria noção de texto é alargada ao se considerar a questão do hipertexto, na qual o leitor estabelece percursos de leitura e navegação, quebrando a linearidade característica dos impressos. Neste aspecto, é pertinente mencionar que o leitor, o autor e, até mesmo, os mecanismos de construção dos sentidos, passam a figurar numa perspectiva de construção colaborativa dos sentidos e de leitura coletiva. “Nesse processo, desaparece a atribuição dos textos aos nomes de seu autor, já que estão constantemente modificados por uma escritura coletiva, múltipla e polifônica” (CHARTIER 2002, p. 25).

Sobre a escrita nos discursos eletrônicos, Crystal (2001, p. 8 apud MARCUSCHI, 2005, p. 19) menciona três aspectos que devem ser verificados ao tratar da linguagem da internet e os efeitos da internet nessa linguagem, sendo, portanto, questões norteadoras para verificar a relação da internet com os gêneros textuais: 1) do ponto de vista da linguagem – uma pontuação minimalista, uma ortografia um tanto bizarra, abundância de siglas, abreviaturas nada convencionais, estruturas frasais pouco ortodoxas e uma escrita semialfabética; 2) do ponto de vista da natureza enunciativa dessa linguagem, integram-se mais semioses do que usualmente, tendo em vista a natureza do meio com a participação mais intensa e menos pessoal, surgindo a hiperpessoalidade; 3) do ponto de vista dos gêneros realizados, a internet transmuta de maneira bastante complexa os gêneros existentes, desenvolvendo alguns realmente novos e mescla vários outros.

Conforme as discussões empreendidas, percebe-se que o desenvolvimento das tecnologias digitais propiciou o surgimento de novos gêneros textuais. No entanto, alguns desses gêneros não são inovações absolutas, mas sim ancoragem de outros gêneros já existentes. Esses gêneros caracterizam-se por apresentar uma maior integração entre os vários tipos de semioses (signos verbais, sons, imagens e formas em movimento). Portanto, “As linguagens dos novos gêneros tornam-se cada vez mais plásticas, assemelhando-se a uma coreografia” (MARCUSCHI, 2007, p. 21)

Dando continuidade à proposta do capítulo, na seção seguinte, abordamos os gêneros discursivos digitais da esfera jornalística, com o propósito de entender algumas especificidades desencadeadas com o advento da internet, na qual o jornal impresso passou a ser reproduzido no ambiente digital, com novas “roupagens”, conferindo outra realidade para o jornalismo.

### 3.2 GÊNEROS DISCURSIVOS DIGITAIS DA ESFERA JORNALÍSTICA

Conforme as postulações na seção anterior, podemos perceber as grandes transformações que as TDICs e, em especial, a internet, provocaram nas diversas esferas da atividade humana, dentre elas, a esfera jornalística.

Ferrari (2004, p. 23) destaca que os sites jornalísticos, em sua maioria, surgiram como “meros reprodutores do conteúdo publicado em papel”, mas com o passar dos tempos tornaram-se veículos interativos e heterogêneos, com gêneros específicos da Web. Desta forma, é possível encontrar gêneros com uma alta carga semiótica, abarcando as diversas modalidades de linguagens e organicidade das informações.

A distribuição de notícias via web representa uma tendência importante, se levarmos em consideração sua capacidade de segmentar o público leitor. A web começou assim a moldar produtos editoriais interativos com qualidades convidativas: custo zero, grande abrangência de temas e personalização. (FERRARI, 2004, p. 23)

Nesse novo espaço comunicativo, a relação do leitor com a notícia é não linear. O leitor tem autonomia em relação às informações que serão acessadas, podendo realizar uma trajetória diferente da qual foi pensada inicialmente. “Na internet não nos comportamos como se estivéssemos lendo um livro, com começo, meio e fim. Saltamos de um lugar para outro – seja na mesma página, em páginas diferentes, línguas distintas, países diferentes etc” (FERRARI, 2004, p. 42).

Em consonância com o disposto, Lé (2012, p. 183) apresenta quatro aspectos essenciais que fazem parte da transição do jornal impresso ao jornal digital, sendo eles: a) a maior interatividade com o leitor, que corresponde a uma propriedade discursiva, na qual o leitor pode tecer comentários, acompanhando a rapidez do conteúdo publicado na rede; b) a não-linearidade envolvida nos gêneros do jornal digital, que promove uma leitura tentacular, possibilitando ao leitor navegar livremente pelo caminho hipertextual; c) a velocidade da informação que, com a chegada da internet, não pode ser mais processada, principalmente pelos jornais, a partir de um conteúdo meramente “diário”, mas sim atualizado e renovado a cada hora, a cada minuto; e d) a multimodalidade ou uso de diferentes semioses, na qual entram em cena os arquivos de áudio, vídeos e também as animações que tornam a disposição dos conteúdos bastante interativa e dinâmica, em consonância com o caráter não linear do hipertexto.<sup>6</sup>

A pesquisadora afirma que, é difícil, atualmente, inclusive, se conceber, “ nas práticas jornalísticas, a ausência de uma versão eletrônica do jornal. O contrário, no entanto, já é possível e, em alguns casos, bastante viável: a ausência da versão impressa” (LÉ, 2012, p. 180). Para tanto, cita como exemplo o Jornal do Brasil que, diante de uma crise em 2001, abandonou de vez a versão impressa do jornal, adotando, portanto, o formato exclusivamente digital.

Ao refletir sobre a atividade dos jornalistas online, Ferrari (2004) pontua que esses precisam pensar, ao elaborar suas publicações, em elementos diferentes que em cena possam ser completados, ou seja, devem utilizar-se de diversos elementos de natureza semiótica (imagens, recursos de áudios e vídeos, dados que poderão virar recursos) para deixar suas páginas e blogs atrativos, assegurando maior interatividade com o leitor e rapidez das notícias. Além disso, esses profissionais precisam ter uma boa formação e um

---

<sup>6</sup> É preciso destacar que, no jornal impresso, a leitura também pode ser não linear e a multimodalidade, também, está presente. No entanto, no contexto digital, esses aspectos são intensificados.

olhar multidisciplinar, ao retextualizar as notícias do jornal impresso para o ambiente online. Assim sendo, concordamos com Lé (2012, p. 87), ao enfatizar que “ já se pode dizer que a internet veio para ficar, principalmente na esfera jornalística, na qual a fluidez do hipertexto casa perfeitamente com a velocidade da notícia”.

Vale ressaltar que a atividade de produção e vinculação de conteúdos jornalísticos em formato digital está estritamente relacionada ao ciberjornalismo. De acordo com Ferrari (2004, p. 41), ciberjornalismo “é criar e manter um blog, mediar chats, escrever em um fórum, enfim, todas as tarefas que envolvem a criação de textos para os produtos do meio”.

Nessa perspectiva, os elementos do conteúdo online superam os que são apresentados no jornal impresso, incorporando textos, fotos, gráficos, vídeo, áudio e hiperlinks, que possibilitam ao usuário navegar pelas diversas interfaces. Essa materialidade semiótica influencia as práticas comunicativas de escrita jornalística na web, potencializando o surgimento de novos gêneros digitais com uma relativa estabilidade, formas e funções variadas.

Ao tratar sobre gênero e suporte, Bonini (2003; 2011) afirma que, no caso do jornal, há uma sobreposição entre gênero e suporte. Um gênero pode ser convencionado como suporte de outro gênero (ou de outros). Dessa maneira, o jornal é um típico exemplo de suporte convencionado, denominado de hipergênero. “Entendo por hipergênero os suportes de gêneros que são, ao mesmo tempo, gêneros que se compõem a partir de outros gêneros, como é o caso dos jornais, das revistas, de vários tipos de *home-pages*” (BONINI, 2003, p. 210). Vale salientar que é de grande relevância o trabalho com os gêneros jornalísticos, tendo em vista que estamos imersos na tecnologia digital no ambiente online, sendo toda a sociedade afetada pelas diversas manifestações comunicativas.

Os estudos dos gêneros jornalísticos (bem como dos demais gêneros que compõem o conjunto mais amplo da comunicação de massa) apresenta uma grande relevância social, constituindo um importante subsídio não só para a formação e atuação profissional (de jornalistas e professores de língua, por exemplo) como também para a educação e a formação do cidadão crítico e habilidoso no manejo de tais manifestações, já que toda a sociedade é afetada por elas. (BONINI, 2011, p. 54).

Em suma, a seguir apresentaremos algumas especificidades a partir de três gêneros digitais da esfera jornalística, sendo eles: 1) A charge jornalística, que se realiza tanto no jornal digital quanto no impresso; 2) Blog jornalístico; e 3) *Tweet* jornalístico. Os dois últimos gêneros manifestam-se, especificamente, no jornal digital.

### 3.2.1 Charge jornalística

A charge jornalística é um gênero discursivo que faz parte do jornalismo opinativo, normalmente publicada no caderno de opinião em meio a cartas argumentativas, editoriais e artigos de opinião. Apresenta uma forma reconhecível na sociedade, caracterizando-se por uma relativa estabilidade, e, tem como objetivo discursivo apresentar uma crítica humorística de um fato específico, geralmente de natureza política, emitindo um posicionamento crítico e ideológico.

Segundo Cavalcanti (2008), a charge como meio de comunicação de massa, surgiu com o desenvolvimento da imprensa, assim também os chamados *comics*, inaugurando a técnica de articular a imagem às falas dos balões. Nos Estados Unidos, os *comics* foram inseridos aos jornais, objetivando atrair a atenção de novos leitores e, assim, aumentar a vendagem. Esses eram publicados num suplemento nos jornais aos domingos, em preto e branco e com custo reduzido, sendo, posteriormente, expandido às diversas partes do mundo e assumindo algumas especificidades.

Ainda segundo a pesquisadora, “a charge é produzida em meio a um momento histórico-cultural e é, ao mesmo tempo, resultado dele. Dessa forma, cabe a ela também o papel de registro histórico” (CAVALCANTE, 2008, p. 39). Assim sendo, a charge é situada histórica, cultural e socialmente, retratando acontecimentos oriundos de diversos contextos. Desta forma, pode-se, por exemplo, utilizando-se de charges, realizar desde um estudo histórico sobre o desenvolvimento da imprensa e até mesmo recuperar informações referentes a momentos importantes que legitimam e ou legitimaram a história do país e do mundo.

Um outro traço caracterizador do gênero chárstico é o hibridismo semiótico – fundante de sua composicionalidade – condensando múltiplas informações através da linguagem verbovisual ou apenas visual e, com isso, atrair a atenção do leitor,

possibilitando uma leitura rápida. Trata-se, assim, de um gênero em que convergem diversas modalidades comunicativas que devem ser consideradas no momento do processamento textual.

Sendo um profícuo campo de investigação, o gênero chárstico constitui materialidade de pesquisa de diversos pesquisadores. Um deles é Romualdo (2000) que analisa a complexidade do gênero chárstico, adotando como corpórea um número significativo de charges do Jornal Folha de São Paulo. O pesquisador alarga a concepção dos critérios de textualidade, instituído por Beaugrande & Dressler (1981), ao aplicá-los à natureza icônica da charge. Para tanto, detém-se na abordagem do processo de intertextualidade – fenômeno que possibilita o reconhecimento das relações com outros textos efetivamente produzidos – e a polifonia, a fim de perceber o jogo de vozes que participam do ato enunciativo.

A polifonia, a ambivalência e o humor do texto chárstico fazem com que ele afirme e negue, eleve e rebaixe ao mesmo tempo, obrigando o leitor a refletir sobre fatos e personagens do mundo político, uma vez que põe a nu aquilo que está oculto por trás deles. Assim, a charge se mostra como um poderoso instrumento de crítica, devendo ter lugar privilegiado nas instituições jornalísticas que defendem o discurso pluralista. (ROMUALDO, 2000, p. 204-205).

A partir da citação em tela, depreendemos que uma das formas de o charginista “ por a nu aquilo que está oculto, dando, pelo humor, uma outra visão sobre um acontecimento ou pessoa” (ROMUALDO, 2000, p. 55), é, utilizando-se de caricaturas. Ao caricaturar um personagem político, por exemplo, o charginista sublinha certos traços físicos do caricaturado e seus defeitos velados, emitindo um julgamento de valor. Nesse sentido, o autor pontua que acontece a retirada de máscara da seriedade/autoridade, usado pelos poderosos, e o riso advém da simultaneidade de duas máscaras: seriedade e da ridicularização dessa autoridade.

Observando a figura 1, podemos constatar algumas questões apontadas até o presente momento e outras que serão tecidas a seguir.

Figura 1 – E agora, Jair?



Fonte: Jornal Folha de S. Paulo, 29 de outubro de 2018

A figura 1 faz menção aos resultados das eleições para o pleito eleitoral, em especial, para o cargo de Presidente da República, na qual Jair Bolsonaro foi eleito com grande estimativa de votos. Analisando os signos linguísticos e visuais, podemos reconstruir o sentido a partir da articulação de alguns elementos:

- 1- Caricatura de Jair Bolsonaro – candidato eleito a Presidente da República (nariz de bruxa);
- 2- Um espelho – que estabelece uma relação intertextual com a história “ Branca de neve e os sete anões”. (A madrasta que se consulta ao espelho para confirmar sua beleza);
- 3- A imagem refletida no espelho – desfocada, imprimindo incerteza;
- 4- A cor cinza que revela frieza, descontentamento e incerteza;
- 5- Os elementos linguísticos - que estabelecem uma relação intertextual com o texto “ E agora, José? ”, de Carlos Drummond de Andrade;
- 6- O balão de fala do personagem com contornos nítidos;
- 7- A data de publicação: 29 de outubro de 2018;
- 8- A faixa com as cores da bandeira e o símbolo do Brasil;
- 9- Assinatura do chargista João Montanaro (com a seguinte nota “ Depois de Carlos Drummond de Andrade e Jaguar”, na qual o chargista se posiciona temporalmente);
- 10- A iluminação e a saturação das cores, deixando saliente a caricatura do presidente Jair Bolsonaro.

Assim sendo, percebe-se que o chargista deixa saliente a postura adotada pelo Presidente da República, Jair Bolsonaro, que, durante as campanhas eleitorais não tinha uma proposta consistente de mandato, sendo seu discurso imbuído em respostas evasivas. O humor reside, justamente, através da conjugação da intertextualidade do texto “ E agora José? ”, de Carlos Drummond de Andrade e da imagem caricaturada do presidente, colaborando, substancialmente, para a produção de sentidos. Todos os elementos mencionados, potencializam a produção de sentidos, inclusive, a posição e a expressão facial do Presidente. Estar olhando para o leitor e não diretamente para o espelho, imprime uma carga de significados ainda maior, pois é como se estivesse efetuando a pergunta para NÓS leitores.

Nesse sentido, partindo de uma perspectiva bakhtiniana, podemos perceber que as charges, com relação a estrutura composicional, podem vir ilustradas em um quadrinho ou em mais de um, configurando uma sequência narrativa. Podemos encontrar, também, legendas que são usadas para marcar o tempo cronológico da ação, situando o leitor dentro de um contexto enunciativo. O elemento verbal aparece, frequentemente, dentro de balões, representando vozes, pensamentos e onomatopeias. Segundo Pagliosa (2005, p. 121), é “o uso de onomatopeias que confere a charge um caráter de discurso audiovisual, permitindo uma comunicação mais realista e direta”. Além disso, com as tecnologias digitais, podemos encontrar charges que têm a possibilidade de animação e som, tornando-se o balão de falas dispensável, tendo em vista que os personagens falam.

Na figura 2, constata-se a materialização do discurso audiovisual com a presença da onomatopeia (TOC, TOC, TOC). Além disso, podemos observar uma sequência narrativa, sendo o sentido construído após a leitura de cada quadrinho. Os personagens são reconstruídos e seus movimentos corporais, também, dizem para além do verbal. Já na figura 3, é o formato do balão, o vibrar do telefone e o signo musical que conferem a charge o discurso audiovisual. Tais elementos, em diálogo com a linguagem verbal e visual, conferem ao texto uma gama de significados.

Figura 2 – Eleição na Venezuela



Fonte: Jornal Folha de São Paulo, 22 de maio de 2018

Figura 3 – Ligações de Telemarketing



Fonte: Jornal Folha de São Paulo, 16 de março de 2018

Com relação ao conteúdo temático, as charges jornalísticas buscam retratar de forma crítica assuntos da esfera política, acontecimentos envolvendo a situação social, política e cultural do país e personalidades. Já com relação ao estilo, o chargista pode utilizar-se de diversos mecanismos para caracterizar suas produções, com estilo informal, como, por exemplo, cores fortes e vibrantes, incluindo disposição tipográfica que lembre jogos eletrônicos, dentre outros. Essas características evidenciam que o gênero está assumindo novas características com o passar dos tempos. Na figura 4, podemos perceber um novo formato de charge que lembra um formato de jogos eletrônicos.

Figura 4 – Instituições no Brasil



Fonte: Jornal Folha de São Paulo, 22 de setembro de 2018

Consoante ao que foi disposto, percebe-se que as charges jornalísticas constituem um gênero discursivo que apresenta uma alta carga de significados e valor argumentativo, sendo necessária a leitura dos diversos elementos que compõem a tessitura imagético textual.

### 3.2.2 Blog jornalístico

De acordo com Komesu (2010, p. 136), o blog é “uma corruptela de weblog, expressão que pode ser traduzida como arquivo na rede”. Os blogs surgiram em 1999 com a utilização do software Blogger, da empresa do norte-americano Evan Williams, tendo por objetivo servir como uma alternativa popular para a publicação de textos online. A contração do termo *Weblog* foi realizada por Peter Merholz para formar a frase “ Nós blogamos”.

O blog jornalístico configura-se como um gênero híbrido, condensando informações de várias naturezas semióticas (fotos, imagens, desenhos, vídeos, animações etc), tendo uma estrutura composicional relativamente estável e conteúdo temático a depender da proposta do blogueiro. Alguns pesquisadores não o concebem como um gênero discursivo, e sim como suporte, justificando a existência de uma variedade de gêneros na sua materialidade, pertencentes a esferas variadas.

Não podemos classificar o blog como um gênero do discurso a partir da conceituação bakhtiniana (Bakhtin, 1988 [1934-35/1975], 2003a[1952-53/1979]), pois, em um blog, é possível encontrar gêneros variados, não somente intercalados ou hibridizados, mas com tal variedade de funções sociais e de esferas de atividade humana, que podem configurar blogs muito diferentes entre si, sem semelhanças que os caracterizassem como um mesmo gênero. (LIMA; GRANDE, 2013, p. 47).

Concordamos com Lima & Grande (2013) com relação à diversidade de gêneros encontradas dentro do blog, caracterizando a intertextualidade intergêneros (FIX, 1997, p. 97 apud MARCUSCHI, 2007, p. 31). Todavia, utilizando-se de conceitos bakhtinianos, podemos constatar os elementos que constituem um gênero (tema, estrutura composicional e estilo), a situação de comunicação, a esfera de atividade humana e a função comunicativa. Assim sendo, adotamos a perspectiva delineada por Marcuschi (2005), Komesu (2010) e Lé (2012), concebendo os blogs jornalísticos como gêneros sociodiscursivos semióticos que possuem uma relativa estabilidade e atendem a uma determinada função social.

De acordo com Marcuschi (2005), os blogs são gêneros emergentes da mídia digital, sendo um prolongamento do gênero diário pessoal. Isso deve-se ao fato de “a tecnologia favorecer o surgimento de formas inovadoras, mas não absolutamente novas” (MARCUSCHI, 2007, 20). Assim sendo, esse gênero não é uma inovação absoluta, sem uma ancoragem em outros gêneros já existentes.

Com o desenvolvimento do jornalismo digital, os jornais passaram a utilizar os blogs jornalísticos como uma ferramenta atrativa de divulgação de notícias, atendendo a interesses e propósitos socialmente reconhecíveis. Os blogs da esfera jornalística caracterizam-se por apresentar uma atualização rápida de arquivos e posts, possibilitando a interação dos blogueiros com o leitor e do leitor com outros leitores. Segundo Lé (2012, p. 89), a capacidade de os leitores interagirem constitui, inclusive, “um aspecto essencial da textualidade” dos blogs. Além disso, as postagens podem ser escritas por uma ou mais pessoas (colunistas) a depender da política interna do blog.

Com relação à estrutura composicional, os blogs jornalísticos são organizados de forma cronológica, sendo as notícias possíveis de serem recuperadas. A disposição das informações possibilita ao leitor identificar o colunista que assina o blog, bem como informações sobre a temática do blog.

Nesse íterim, vale mencionar que o conteúdo temático é diversificado, abrangendo discussões sobre economia, educação, política e lazer, contemplando as diferentes temáticas de possível interesse do leitor. Além disso, o estilo do blogueiro será identificável pela utilização da linguagem mais formal ou menos formal, de acordo com os recursos por ele utilizados. Na figura 5, apresentamos um exemplo de blog jornalístico, do Jornal *O Globo*, na qual o colunista utiliza-se de uma linguagem mais informal, para tecer discussões sobre uma diversidade de assuntos. A informalidade pode ser constatada com a utilização do enunciado “Mata o véio, mata” e “ Já o salário, ó”. Nesse mesmo post, constata-se a inserção de um vídeo, o que confere um prolongamento textual através de um elemento de natureza semiótica. Já na figura 6, podemos constatar, no blog de Miriam Leitão, a utilização de uma linguagem mais formal. A formalidade pode ser evidenciada através da utilização de palavras como: privatização, interferência estatal, patrimônio líquido, dentre outros.

Figura 5 – Blog Ancelmo.com

The screenshot displays the blog interface for Ancelmo.com. At the top, there's a navigation bar with the 'O GLOBO' logo and a search bar. Below this, a large banner image features a portrait of Ancelmo Gois. The main content area shows the article title 'Seguradoras defendem novo aumento dos planos de saúde: 'Aumentaram os custos'' in a large, bold font. The author's name 'POR ANCELMO GOIS' and the date '11/06/2018 04:00' are visible. A sub-header 'Mata o véio, mata' is highlighted in red. The article text begins with 'A FenaSaúde (federação de seguradoras e operadoras de saúde) lança hoje campanha defendendo o reajuste dos planos. A peça diz que os avanços tecnológicos na saúde aumentaram o tempo de vida das pessoas, mas também os custos.' Below the text, there's a section titled 'Como saiu aqui...' with a snippet: 'Se Temer der, como deseja a ANS, 10% de reajuste dos planos este ano, iremos para 107,9% no acumulado de 7 anos.' On the left side, there's a sidebar with a 'SEGUIR +' button, a 'VOLTAR PARA A HOME' link, and sections for 'Sobre o blog' and 'Sobre os autores'.

aumentaram o tempo de vida das pessoas, mas também os custos.

#### Como saiu aqui...

Se Temer der, como deseja a ANS, 10% de reajuste dos planos este ano, iremos para 107,9% no acumulado de 7 anos.

Já o salário, ô.



Fonte: Jornal *O Globo*, 23/10/2019

Figura 6 – Blog Miriam Leitão

**O GLOBO** ECONOMIA

COLUNA NO GLOBO

## O salto da energia

POR MÍRIAM LEITÃO 28/02/2018 06:01

Petrobras e Eletrobras, hoje, valem R\$ 240 bilhões a mais do que há dois anos. Esse é o aumento do valor de mercado nas duas companhias com a mudança de gestão e a perspectiva de privatização da estatal do setor elétrico. As duas vivem uma revolução desde a mudança do comando, com o fim das nomeações políticas para a direção, e a redução da interferência estatal.

A Eletrobras, em 26 fevereiro de 2016, valia R\$ 8,63 bilhões. Dois anos depois, em 26 fevereiro de 2018, a estatal está sendo avallada na bolsa por R\$ 34,15 bilhões, segundo estudo feito por Einar Rivero, da Economática. A empresa quase quadruplicou o seu valor de mercado, com um aumento de R\$ 25 bilhões. Nesse período, ganhou 20 posições entre as maiores empresas da bolsa, saindo de 35º lugar para 15º. Com a Petrobras, o efeito é ainda mais impressionante. Nesses dois anos, a companhia saltou de R\$ 78,56 bilhões para R\$ 293 bilhões, na mesma comparação. Um aumento de R\$ 214 bilhões ou 272%.

A Petrobras recuperou o que perdeu desde o início da crise da Lava-Jato, em valor de mercado, e a Eletrobras hoje vale 70% do seu patrimônio líquido, o maior percentual desde que entrou na bolsa. Em parte, isso é resultado do bom período da Bolsa, que tem elevado essas e outras ações, mas a maior explicação foi a mudança de gestão e a perspectiva de privatização, no caso da Eletrobras.

**MÍRIAM LEITÃO**  
Miriam Leitão, jornalista há mais de 40 anos, é colunista do jornal desde 1991. É autora, entre outros, do livro *Saga Brasileira*, ganhador do Jabuti de Livro do Ano (2012). Entre seus prêmios, recebeu o Maria Moors Cabot da Columbia University (NY).

**ALVARO GRIBEL**

Fonte: Jornal *O Globo*, 28/02/2018

Diante do que foi exposto, podemos constatar que o blog possui uma estrutura esquemática semiótica, abarcando links e vídeos que remetem a outros textos, e atendem a uma determinada função social. Assim sendo, constitui um excelente campo de divulgação de informações do jornalismo brasileiro.

### 3. 2.3 *Tweet* Jornalístico

Corre na internet uma brincadeira: uma pessoa pergunta ao pássaro do *Twitter* se ele não acha que limitar a comunicação a 140 caracteres não reduz as habilidades de leitura e escrita. A resposta dele é: “ Não! Basta fazer um link! ”. (LORENZI; PÁDUA, 2012, p. 36)

O que poderia ser uma suposta brincadeira, a citação revela uma grande verdade acerca do funcionamento do Twitter. Uma das características pontuadas pelas pesquisadoras Lorenzi & Pádua (2012, p. 36), trata-se da questão da inserção de links – hipertextos – aos textos (*tweets*), possibilitando “ uma maior ancoragem de diversas fontes que com ele interagem, que o complementa na significação e compreensão”.

De fato, estabelecer a comunicação a 140 caracteres (inicialmente), poderia ser algo limitador, no entanto com a inserção de recursos semióticos – os hiperlinks – as barreiras não se tornam tão estanques. Hoje, os *tweets* assim como os demais gêneros jornalísticos digitais abordados na pesquisa, também assumiram novas características, novas roupagens. A limitação de caracteres do *tweet* duplicou, em 2017, para 280 caracteres, potencializando novos espaços comunicativos.

O twitter, rede social de comunicação rápida e dinâmica, foi criado em 2006, por Jack Dasey, Evan Willians, Big Stone e Noah Glass, tendo como principal objetivo a interação e divulgação de mensagens (*tweets*) em tempo real. Um pássaro azul é o seu “avatar” e simboliza, exatamente, o “piar dos pássaros”, bem como rapidez e agilidade nas informações. Estando presente nos principais jornais digitais, possibilita aos usuários estar em contato com as notícias de forma simplificada e, muitas das vezes, antes que o próprio jornal.

Ao contrário do blog, no *twitter* as informações veiculadas são instantâneas e há um limite de caracteres. Em questões de segundos, o leitor entra em contato com novas informações (*tweets*), ao passo que no blog jornalístico há uma seleção das notícias que serão veiculadas, ou seja, não é algo tão instantâneo. Enquanto no blog é possível comentar as notícias de meses atrás, no twitter isso não é possível devido ao grande número de dados.

Adotando a perspectiva bakhtiniana, o *tweet* jornalístico pode ser analisado enquanto gênero jornalístico digital a partir da tríade: conteúdo temático, estilo e construção composicional. Com relação ao conteúdo temático, há uma diversidade de assuntos – flutuação temática – e este varia conforme os propósitos enunciativos do autor e a esfera de comunicação.

Figura 7– *Tweet* Miriam Leitão



Fonte: *Twitter* Miriam Leitão, 15/04/2018

Na figura 7, podemos perceber que se trata de uma notícia da esfera jornalística e tem como propósito enunciativo informar sobre um fato político, de forma breve, possibilitando ao usuário ler a notícia completa no portal do jornal *O globo*. A construção composicional revela uma relativa estabilidade, pois em todos os tweets pode ser observado: a) a foto do perfil (avatar); b) o nome do perfil (Miriam Leitão); c) a conta do

usuário (@Miriamleitãocom); d) o corpo da mensagem (tweet) e o hiperlink que conduz para um site fora do Twitter (O inferno são os outros); d) o momento da postagem (07:12-15 de abril de 2018); e) os comentários dos usuários, algo que foi possível após uma nova transformação do tweet em 2017, pois antes só era possível retuitar (RT) uma mensagem postada anteriormente; f) as mensagens dos usuários por meio de links no formato (@); e para além destas as famosas (#hashtags). Consoante o estilo, remete à questão de formalidade e informalidade, estando condicionado, inclusive, à esfera de circulação (o estilo de Miriam Leitão é mais formal).<sup>7</sup>

Portanto, pode-se perceber que, os avanços tecnológicos modificaram as formas de comunicação no domínio jornalístico e, em consequência disso, os gêneros digitais. Os textos tornaram-se mais maleáveis, o leitor interage em tempo real com as informações e os espaços de produção são cada vez mais interativos e colaborativos. Além disso, signos imagéticos e linguísticos atuam de forma integrada na produção de significados.

No capítulo, a seguir, tecemos algumas discussões sobre a noção de referência e os conceitos de signos linguísticos e visuais, de modo a considerar os elementos semióticos na depreensão dos objetos do discurso.

---

<sup>7</sup> Apesar da ampliação da escrita para 280 caracteres, o *tweet* continua caracterizando-se por uma escrita reduzida, impossibilitando a construção de longas cadeias referenciais, sendo, muitas vezes, os objetos do discurso depreendidos hipertextualmente, por meio de links. Lé (2010), ao discutir sobre a natureza multifuncional das expressões referenciais no *tweet*, constatou o seu papel argumentativo no processamento discursivo. Segundo a pesquisadora, a argumentação discursiva pode ser acionada, reforçada e reestruturada por meio de estratégias referenciais, tendo em vista os propósitos comunicativos do autor do texto.

## **4 A NOÇÃO DE REFERÊNCIA E AS CONCEPÇÕES DE SIGNOS LINGUÍSTICOS E VISUAIS**

Neste capítulo, discutimos a noção de referência, focalizando os processos de construção de objetos de discurso – entidades que se (re) constroem por meio de práticas discursivas e sociocognitivas, culturalmente situadas, e em contextos específicos. Para tanto, serão expostos alguns conceitos basilares que levaram da referência à referenciação, bem como algumas estratégias que asseguram estabilidade ao objeto de discurso.

A concepção de referenciação adotada no trabalho é a postulada por Mondada e Dubois (2003), considerando-a uma atividade sociocognitiva discursiva, dinâmica, colaborativa, e intersubjetiva de (re) construção de objetos de discurso. Tal concepção de referenciação é alargada à medida que o texto passa a ser considerado um evento semiótico, sendo, dessa forma, considerado, também, como uma atividade multimodal de construção de sentidos.

Nessa direção, apresentamos as concepções de signo linguístico e signo visual, de modo a evidenciar a necessidade de um aparato metodológico mais consistente da LT, abarcando os elementos de natureza multimodal, tendo em vista a possibilidade de alguns dispositivos analíticos dos textos verbais serem possíveis de aplicação aos textos visuais e verbovisuais.

Adotamos como fundamentação teórica, além de Mondada e Dubois (2003), Ramos (2012), Koch (2004), Saussure (2012), Kress e Leeuwen (2006), dentre outros.

### **4.1 A NOÇÃO DE REFERÊNCIA NAS ATIVIDADES SOCIOCÓGNITIVAS DISCURSIVAS DE CONSTRUÇÃO E DEPREENSÃO DOS OBJETOS DE DISCURSO**

A questão de saber como a língua refere o mundo tem sido, ao longo da história dos estudos da linguagem, objeto de refutação e debate, entre filósofos, semiólogos, linguistas e demais estudiosos da linguagem, favorecendo, com o desenvolvimento dos

estudos linguísticos, uma ampliação no quadro conceitual de dispositivos que buscam explicar como as atividades humanas, linguísticas, cognitivas e multimodais estruturam e dão sentido ao mundo.

De acordo com Mondada e Dubois (2003), esse debate interdisciplinar evidencia duas visões no tratamento da referência: 1) a visão correspondentista, advinda da filosofia da linguagem, que postula como pressuposto básico uma correspondência direta entre as palavras e as coisas do mundo, correspondência dada, preexistente, sendo a língua concebida como um sistema de etiquetagem que se ajusta mais ou menos bem as coisas; e 2) a visão sociocognitivo interacionista e discursiva que introduz que os sujeitos (re) constroem, através de práticas discursivas e cognitivas social e culturalmente situadas, visões públicas do mundo, sendo a língua concebida como lugar de interação entre os sujeitos sociais no (e pelo) ato comunicativo.

É importante destacar que decorrente da visão de correspondência entre as palavras e as coisas do mundo, concebia-se a existência de um mundo autônomo já discretizado em objetos ou entidades que existem independente de qualquer sujeito e que as formas linguísticas são espelhamentos desse mundo. Em outros termos, concebe-se “[...] um poder referencial da linguagem que é fundado ou legitimado pela relação direta (e verdadeira) entre as palavras e as coisas” (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 19) e, que há uma estabilidade das entidades no mundo.

As pesquisadoras supracitadas ressaltam que, ao invés de se pressupor uma estabilidade das entidades no mundo e da língua, na qual as categorias são tratadas como estruturas fixas e invariáveis, deve-se deslocar a atenção para as relações intersubjetivas no discurso. Assim, o problema não é mais o de saber como a informação é transmitida ou como os estados do mundo são representados de modos adequados, mas de compreender o processamento interativo das atividades discursivas e cognitivas de (re) elaboração dos sentidos a partir de contextos situados sóciohistoricamente.

Partindo dessas postulações, depreende-se que os referentes – objetos de discurso, como designam Mondada e Dubois (2003) – e as categorias pelos quais os sujeitos compreendem o mundo são caracterizados por uma instabilidade constitutiva, tendo em vista que a realidade é construída, mantida e alterada através da interação dos sujeitos com o entorno físico, social e cultural, e não preexistente à atividade cognitiva e

discursiva. Dessa maneira, a instabilidade não constitui um problema, mas uma dimensão intrínseca do próprio discurso.

Com efeito – no lugar de partir do pressuposto de uma segmentação *a priori* dos discursos em nomes e do mundo em entidades objetivas, e, em seguida, de questionar a relação de correspondência entre uma e outra – parece-nos mais produtivo questionar os próprios processos de discretização. Desejamos, além disso, sublinhar que, no lugar de pressupor uma estabilidade *a priori* das entidades do mundo e na língua, é possível reconsiderar a questão partindo da instabilidade constitutiva das categorias por sua vez cognitivas e linguísticas, assim como de seus processos de estabilização. (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 19)

Em consonância com a citação em tela, Koch e Elias (2013, p. 123) abordam que os referentes “ [...] não espelham diretamente o mundo real, não são simples rótulos para designar as coisas do mundo. Eles são construídos e reconstruídos no interior do próprio discurso”, e conforme a nossa percepção de mundo, nossas crenças, atitudes e propósitos comunicativos. Nesse sentido, não se pode falar em referentes como entidades estáticas e congeladas, mas sim como entidades dinâmicas em contínuo processo de reelaboração no contexto enunciativo. A esse respeito Lé (2018) defende em acordo com Mondada e Dubois (2003), o princípio da instabilidade constitutiva dos objetos do discurso, tendo impacto diretamente no processo de referenciação.

Na mesma direção, Apothéloz & Reichler-Béguelin (1995, p. 228 apud Koch 2004), argumentam que os “objetos de discurso não preexistem “naturalmente” à atividade cognitiva e interativa dos sujeitos falantes, mas devem ser concebidos como produtos – fundamentalmente culturais – desta atividade”. Assim sendo, tanto podem ser modificados com o passar do tempo, quanto podem adquirir uma estabilidade nas práticas discursivas, pois as próprias categorias que criamos são percepções de cada época e não estruturas rígidas e localizáveis. Nesse sentido, comungamos com Koch (2004) ao afirmar

Em última análise, a língua não existe fora dos sujeitos sociais que a falam e fora dos eventos discursivos nos quais eles intervêm e nos quais mobilizam suas percepções, seus saberes quer de ordem linguística, quer de ordem sociocognitiva, ou seja, seus modelos de mundo. Estes, todavia, não são estáticos, (re) constroem-se tanto sincrônica como diacronicamente, dentro das diversas cenas enunciativas, de modo que,

no momento em que se passa da língua ao discurso, torna-se necessário invocar conhecimentos – socialmente compartilhados e discursivamente (re) construídos – situar-se dentro das contingências históricas, para que se possa proceder aos encadeamentos discursivos. (KOCH, 2004, p. 55-56)

Dessa forma, podemos perceber que toda e qualquer atividade de construção dos objetos de discurso se dá via discurso, realizando-se, assim, operações de ordem linguística, discursiva e cognitiva de produção de sentidos, ultrapassando uma visão correferencial da linguagem – canonizada durante muito tempo na literatura da LT – na qual buscava-se explicar os mecanismos da remissão textual por meio de elementos gramaticais e lexicais. Com isso, é de grande relevância considerar o contexto discursivo em que se desenvolve a atividade de construção dos objetos de discurso, haja vista que, conforme exemplifica Mondada e Dubois (2003), um piano pode ser categorizado como um instrumento musical no contexto de um concerto, ou como um móvel pesado e incômodo no contexto de uma mudança – e se poderá facilmente imaginar um contexto discursivo em que a referência ao piano percorre sucessivamente uma e outra categoria.

No seio das atividades discursivas, a instabilidade se manifesta em todos os níveis da organização linguística, indo das construções sintáticas às configurações de objetos de discurso. Essa instabilidade é, comumente, observável na produção oral, evidenciando-se, através da interrupção da linearidade sintagmática, da hesitação e reformulação, dentre outros fatores. Também, pode ser constatada nos textos escritos em construções que operam a um nível psicológico, discursivo, linguístico, advindas de competências sociais, de atividades situadas e de práticas intersubjetivas e não de propriedades incertas do mundo.

Partindo, então, do pressuposto de que os objetos de discurso são entidades instáveis e mutáveis, passíveis de mudança, tanto sincrônica quanto diacronicamente, seria mais adequado falar em referenciação do que em referência de modo a evidenciar o caráter processual e dinâmico do ato de referir. Segundo Rastier (1994, p. 19 *apud* MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 20), a referenciação não diz respeito a “ uma relação de representação das coisas ou dos estados das coisas, mas a uma relação entre o texto e a parte não-linguística da prática que é produzido e interpretado”. Logo, trata-se de uma atividade discursiva de (re) construção de objetos de discurso, depreendida por meio de

expressões referenciais que pode ou não estar realizadas no cotexto, bem como através da ativação de conhecimentos contextuais, inferências, conhecimentos armazenados na memória discursiva dos falantes e, conforme dispõe a literatura contemporânea da LT, através e, inclusive, de elementos de natureza semiótica.

Nesse ínterim, vale salientar que as práticas linguísticas não são imputáveis a “[...] um sujeito cognitivo abstrato, racional, intencional e ideal [...], mas a uma construção de objetos cognitivos e discursivos na intersubjetividade das negociações, das modificações, das ratificações individuais e públicas do mundo”. (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 20). Assim, percebe-se que os objetos de discurso, dinâmicos por natureza, podem ser modificados, desativados, (re) ativados e recategorizados pelos sujeitos em função de um querer dizer, bem como são responsáveis por assegurar a progressão textual. Com isso, o sujeito desloca-se de um lugar de passividade para atuar ativamente no ato comunicativo.

Para Mondada e Dubois (2003), a referenciação é uma atividade discursiva de construção colaborativa de objetos de discurso – objetos cuja existência é estabelecida discursivamente, emergindo de práticas simbólicas e intersubjetivas. Seguindo essa linha de raciocínio, infere-se que os enunciados são produzidos, enriquecidos, completados e alimentados colaborativamente na sua necessária dependência contextual, por um sujeito sociocognitivo, culturalmente ancorado, quebrando-se, assim, a descrição única e estável do mundo. Percebe-se, também, que os sujeitos possuem estruturas cognitivas que permitem dar uma estabilidade ao mundo e efetivar a (re) construção de objetos de discurso.

Passando da referência à referenciação, vamos questionar os processos de discretização e de estabilização. Essa abordagem implica uma visão dinâmica que leva em conta não somente o sujeito “encarnado”, mas ainda um sujeito sócio-cognitivo mediante uma relação indireta entre os discursos e o mundo. Esse sujeito constrói o mundo ao curso do cumprimento de suas atividades sociais e o torna estável graças as categorias – notadamente às categorias manifestadas no discurso. (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 20)

Consoante ao que foi exposto, constata-se que os processos de estabilização decorrentes da apreensão dos objetos de discurso são concebidos como processos “ que

se desenvolvem no seio das interações individuais e sociais com o mundo e com os outros, e por meio de mediações semióticas complexas” (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 22). Assim sendo, os sentidos são construídos no interior de cada discurso, na qual o leitor mobiliza uma série de saberes, advindos de suas crenças, experiências e conhecimentos partilhados. E, como assinalam as referidas linguistas, a entrada para explicar os processos de referenciação

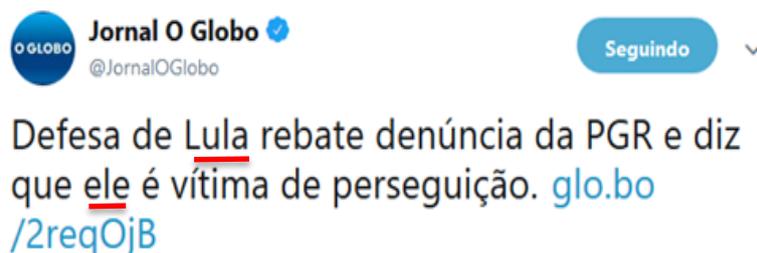
[...] é o reconhecimento do papel central das práticas linguísticas e cognitivas de um sujeito envolvido, social e culturalmente ancorado, assim como da multiplicidade, mais ou menos objetivada, mais ou menos solidificada, das versões do mundo que elas produzem (MONDADA E DUBOIS, 2003, p. 49).

Um dos processos de estabilização discursiva apontados pelas pesquisadoras supracitadas é o da referenciação anafórica. Tal processo, durante os estudos iniciais da LT, estava focalizado em explicar os mecanismos de remissão textual por meio de elementos de ordem gramatical ou lexical, ou seja, a referenciação direta. Todavia, com os avanços das pesquisas textuais, percebeu-se que era preciso ultrapassar os limites da correferencialidade entre dois ou mais elementos na superfície textual. Nos exemplos a seguir, extraídos da página do twitter de Miriam Leitão e do Jornal O Globo, é possível identificar os dois tipos de processamento anafórico (direto e indireto).

Figura 8- *Tweet* prisão do ex-presidente Lula



Fonte: Twitter, 06/ 04/2018

Figura 9- *Tweet* Defesa de Lula

Fonte: Twitter, Jornal O Globo, 07/05/2018

Na figura 8, identifica-se a ativação de um referente novo (Marísia Letícia), ancorado em um elemento contextual (ex-presidente), sem implicar a retomada ou igualdade de referentes. O leitor deverá ativar o conhecimento de mundo, o saber partilhado e inferenciais para, dentre outros: 1) compreender que se trata do presidente Lula; 2) Marísia Letícia é a esposa que faleceu em 2017; e 3) o contexto da notícia é o dia em que o juiz Sérgio Moro despacha ordem de prisão para o ex-presidente Lula. De acordo com Lé (2012, p. 22), “quando não se caracteriza uma reativação de referentes já mencionados contextualmente, tem-se um processo de referenciação indireta, podendo este ser ancorado em relações semânticas léxico-estereotipadas, em esquemas cognitivos e/ou conhecimentos do mundo textual dos interlocutores”. Já na figura 9, a relação anafórica é direta, através da retomada pronominal (ele), tendo em vista fazer referência a um antecedente já mencionado.

Apoiado em Schwarz (2000, p. 98-100), Marcuschi (2005, p. 226) adota a divisão das anáforas indiretas (AI) em dois grupos: as semanticamente fundadas (ligadas a ancoras textuais precedentes) e as conceitualmente fundadas (exigem estratégias cognitivas baseadas em modelos mentais, conhecimentos de mundo e enciclopédico). Para tanto, o autor realiza algumas modificações sugerindo seis subtipos, sendo eles: a) AI baseadas em papéis temáticos dos verbos (associação indireta relacionada aos papéis temáticos dos verbos, através da ancoragem de um termo subsequente); b) AI baseadas em relações semânticas inscritas nos SNs definidos (relações meronímicas inscritas na relação “parte-todo”; c) AI baseadas em esquemas cognitivos e modelos mentais (remetem a modelos mentais, modelos armazenados na memória: cenários, esquemas, frames); d) AI baseadas em inferências ancoradas no modelo do mundo textual (fundadas

em conhecimentos retrabalhados por estratégias referenciais maximizadas, exigindo um esforço cognitivo maior em seu processamento); e) AI baseadas em elementos textuais ativados por nominalizações (remetem a algum verbo); f) AI esquemáticas realizadas por pronomes introdutórios de referentes (diferentemente das anáforas diretas, esses pronomes não são retomados a partir de um referente já introduzido, podendo ser depreendido com base em informações prévias da estrutura textual e do próprio discurso).

Lé (2012, p. 30) propõe uma nova reclassificação das anáforas indiretas propostas por Marcuschi (2001), situando-as em três grupos: 1) anáforas associativas, que incluem todos os tipos de associação indireta: as ligadas aos papéis temáticos do verbo, as relações “parte-todo”, aos modelos de mundo textual, aos modelos mentais estabilizados; 2) anáforas esquemáticas, que correspondem aos casos de anáforas indireta pronominal sem menção a um antecedente; e 3) os encapsulamentos, que podem ocorrer por meio de nominalização ou rótulos.<sup>8</sup>

Com base nas discussões empreendidas, e, em consonância com as postulações de Mondada e Dubois (2003), entendemos a referenciação como um processo amplo, na qual uma instabilidade antecede os sentidos, sendo esses construídos nas interações sociais, por sujeitos ativos e não preexistentes a atividade cognitiva e discursiva. Trata-se, dessa forma, de uma atividade colaborativa de construção dos sentidos.

Vale salientar que diversos pesquisadores, objetivando o alargamento do conceito de texto, tem ampliado em seus estudos o conceito de referenciação, aplicando-o a textos multimodais. Pesquisadores como Ramos (2012) e Ranieri (2015) asseveram que não são apenas os textos verbais que podem ser referenciados dentro do texto, pois os objetos de discurso visuais podem ser instaurados e recuperados pelo leitor na interação sociocognitiva. Assim sendo, a referenciação torna-se “uma atividade multimodal e discursiva de cunho sociocognitivo, baseada numa relação intersubjetiva, coletiva e colaborativa de uso da linguagem” (RANIERE, 2015, p. 1281)

Nessa esteira, imbricado ao conceito de referenciação está o de signos, uma vez que concebê-lo numa perspectiva estrutural da linguagem ancora textualidades pautadas na imanência textual e correferencialidade dos termos, ao passo que concebê-lo numa

---

<sup>8</sup> Embora não seja o foco da pesquisa, estamos abordando as anáforas indiretas por ter relação com os processos de inferência que se dão na construção dos objetos do discurso

perspectiva funcional, cultural e sociocognitivo discursivo insere o sujeito na construção e depreensão do projeto de dizer.

#### 4.2 AS CONCEPÇÕES DE SIGNO LINGUÍSTICO E VISUAL

Os estudos sobre os signos remetem aos postulados saussurianos. De acordo com Saussure (2012) “O signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica” (SAUSSURE, 2012, p. 106). Ao conceito, o linguista chama de significado e a imagem acústica de significante.

Assim sendo, o signo linguístico é composto por duas faces inseparáveis entre si (significado e significante), pois um reclama o outro para existir. Uma imagem acústica cachorro não evoca a ideia de um cachorro particular, mas a ideia geral de um cachorro, que tem um valor classificatória.

Ao discutir sobre o signo linguístico, Saussure (2012) enfatiza duas características principais: a arbitrariedade do signo e a linearidade do significante. Ao dizer que o signo é arbitrário depreende-se que não há espaço para a motivação no momento da construção/produção dos signos. Em outras palavras, não há nada no significante que lembre o significado. Apesar de o linguista reconhecer que há uma motivação no caso das onomatopéias e alguns números (dez+nove), trata-se de uma relativa arbitrariedade.

Também, ao conceber os signos como arbitrários, Saussure deixa evidente que o significado é convencional e social, resultante do acordo coletivo entre os falantes. Dessa maneira, não são considerados os aspectos individuais dos falantes, uma vez que assim não seria possível homogeneizar a língua. E o objetivo de Saussure consistia em buscar as regularidades da língua, adotando, para tanto, o estudo da *langue*, pois assim a linguística poderia aceder à explicação.

Vale ressaltar que, ao buscar homogeneizar a língua, Saussure deixa de fora as variações linguísticas, priorizando o estudo do formal. Além disso, a noção de valor possibilita analisar a posição de um signo no interior de um conjunto de signos.

Constatamos que o estudo saussuriano prioriza o verbal, não traçando nenhum estudo sobre os signos visuais. Apesar de postular, posteriormente, a Semiologia, o linguista, não chegou a estabelecer princípios de análise para tais signos. Somente mais

tarde é que Roland Barthes (1993 apud BENTES; RAMOS; ALVES FILHO, 2010, p. 399), procurou “formular respostas semiológicas às questões relativas aos signos não verbais, em relação à fotografia”. No entanto, apesar da inclusão dos signos visuais, tais signos eram tratados numa relação de dependência dos signos verbais, pois, segundo o pesquisador, a descrição verbal de uma imagem auxiliaria na tradução de informações não percebidas pelo olhar.

Mais tarde, diversos pesquisadores perceberam a importância de um trabalho mais consistente para abordar os signos visuais de diversas naturezas. A Semiótica Social foi uma importante área de estudo a tratar do processo de construção de dispositivos para trabalhar com tais signos. Para a SS, os signos são motivados pelo produtor e não arbitrários como postulado por Saussure (2012). Ao enfatizar a motivação do signo, introduz-se no processo comunicativo além do social, os conhecimentos culturais e a historicidade. Dentre os diversos estudiosos da SS, podemos citar Kress e Van Leeuwen (2006) que propõem, em diversas pesquisas, analisar os signos visuais a partir de estruturas utilizadas para trabalhar com signos linguísticos. De acordo com esses, o signo não é a conjunção preexistente de um significante e um significado, um signo pronto a ser reconhecido, escolhido e usado. Depreende-se, portanto, que o que interessa para os semiotistas é o processo de criação dos signos, no qual o significante e o significado são relativamente independentes um do outro até serem reunidos pelo criador do signo em um signo recém-criado.

Com o desenvolvimento das mídias digitais, diversos pesquisadores passaram a utilizar-se de textos de diversas naturezas para trabalhar com os signos visuais. Um destes pesquisadores é Ramos (2012). Para o pesquisador é possível aplicar os dispositivos oriundos da LT aos textos compostos de uma diversidade de linguagens. Para tanto, o autor pontua a necessidade de revisão e ampliação do conceito de texto de modo a abarcar os diversos textos que circulam na contemporaneidade. Seus trabalhos sobre referenciação em textos visuais evidenciam que os signos visuais atuam como âncoras no processamento textual. Em um de seus estudos sobre a construção dos objetos de discursos visuais em tiras cômicas, o pesquisador identificou que os processos de introdução, retomada e recategorização de objetos do discurso ocorrem em processos verbais e visuais.

Para Ramos (2012), incorporar os signos visuais ao escopo teórico da LT é de grande relevância para explicar os processos de leitura de tais signos. Outro pesquisador

que vem desenvolvendo estudos com os signos visuais é Custódio Filho (2009). Um de seus trabalhos que potencializam os estudos com signos audiovisuais é o que trata da construção dos objetos do discurso a partir do seriado *Lost*. Com a pesquisa, utilizando-se de um texto audiovisual, constatou-se que os processos referenciais atuam na construção dos sentidos. O autor percebeu como os personagens eram reconstruídos a partir de cada cena.

Assim sendo, a partir desse recorte temporal, podemos perceber que os estudos consoantes aos signos visuais vem sendo ressignificados com o passar dos tempos, passando a considerá-los como portadores de significados. Ainda tem muitos aspectos a serem desenvolvidos, inclusive a necessidade de um aparato metodológico mais consistente para auxiliar, inclusive, profissionais da área da linguagem a desenvolver narrativas em que não criem hierarquias entre o linguístico e o visual.

No capítulo a seguir, tratamos da multimodalidade no domínio jornalístico de modo a alargar o conceito de texto e leitura, enfatizando a importância de se considerar os signos de diversas naturezas por ocasião do processamento textual.

## **5 MULTIMODALIDADE, GRAMÁTICA DO DESIGN VISUAL E LEITURAS DE MUNDO**

Neste capítulo, será focalizada a multimodalidade constitutiva dos textos contemporâneos, considerando a articulação dos diversos signos que circulam na sociedade, através de variados modos comunicativos. Tais signos, como discutido no capítulo 4, são motivados, criados num contexto cultural, social e historicamente situados, não configurando uma relação arbitrária entre significado e significante, como postulava Saussure (2012). Ou seja, os produtores de signos utilizam-se de formas que consideram adequadas para a expressão de seu significado, realizando escolhas significativas na composição da paisagem semiótica, acarretando efeitos de sentidos. E, por isso, são divergentes da língua.

Também será abordada a Gramática do Design Visual, doravante GDV, de Kress e Van Leeuwen (2006), a qual potencializa os estudos da multimodalidade. Ao tratar da comunicação visual em diversas perspectivas, os autores realizam uma releitura das metafunções de Halliday (1978) – ideacional, interpessoal e textual – passando a ser denominadas de significados representacionais, interativos e composicionais. Na concepção de Kress e Leeuwen (2006), assim como as estruturas linguísticas, as estruturas visuais apontam para interpretações particulares da experiência e formas de interação social.

Outro ponto a ser discutido está relacionado às leituras de mundo na compreensão e produção de sentidos dos textos multimodais. Para tanto, buscamos discutir os aspectos sociocognitivos envolvidos no processamento textual e a necessidade de articular os diversos elementos semióticos materializados na tessitura textual para a produção de sentidos.

Adotamos como referencial teórico do capítulo Dionísio (2007, 2011), Kress e Van Leeuwen (2001; 2006; 2010), Ribeiro (2016, 2018), Rojo (2012, 2019), Koch (2013), dentre outros.

## 5.1 A MULTIMODALIDADE: TRAÇO CONSTITUTIVO DOS GÊNEROS DISCURSIVOS

O acelerado desenvolvimento provocado pelas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) além de facilitar o acesso e a circulação de informações, provocou profundas mudanças na forma de representação e produção dos significados. Ultrapassando a materialidade linguística, os textos passaram a incorporar elementos advindos das múltiplas formas de linguagem (visual, gestual, corporal, dentre outros) nas atividades práticas da vida contemporânea. Em consequência disso, intensificou-se a “necessidade da revisão, e ampliação, de alguns conceitos basilares no campo dos estudos das interações humanas e no âmbito dos estudos do processamento textual” (DIONÍSIO, 2011, p. 138).

Um desses conceitos que precisou/a ser revisto é o de texto que passou/a a materializar-se em novas textualidades, tornando-se cada vez mais híbrido. Se antes, as imagens eram vistas numa perspectiva de ornamentação e adorno, sendo as formas verbais consideradas a essência do texto, hoje outras formas de representação (imagens, movimentos, sons, gráficos, dentre outros) são analisadas, em relação harmônica, como portadoras de significados. Posto isto, concordamos com Ribeiro (2018, p. 71) que as “imagens também são textos, podem ser lidos e interpretados, solicitam alguma sistematização e provocam processos simbólicos”.

Como vimos no capítulo 3, um dos quatro aspectos pontuados por Lé (2012, p. 183), que faz parte da transição do jornal impresso ao jornal digital, corresponde ao fenômeno da multimodalidade ou uso de diferentes semioses, na qual entram em cena os arquivos de áudio, vídeos e também as animações, possibilitando a disposição dos conteúdos de forma bastante interativa e dinâmica, em consonância com o caráter não linear do hipertexto.

O novo suporte digital possibilitou que as múltiplas linguagens fossem incorporadas ao texto, através do uso de diversas ferramentas ao alcance de quem possui desde um smartphone até aparelhos de edição gráfica mais avançados e, assim, com muita facilidade se criar *layouts*, imagens em movimento, imagens e composição tipográficas. De acordo com Marcuschi (2008, p. 199), “do ponto de vista da natureza enunciativa

dessa linguagem, integram-se mais semioses do que usualmente, tendo em vista a natureza do meio”. Assim sendo, o ambiente digital possibilitou uma nova lógica informacional, através da inserção de diversos recursos semióticos, conferindo ao texto uma condição cada vez mais multimodal.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, Dionísio (2011, p. 139) afirma que vivemos em uma sociedade cada vez mais visual, na qual “Imagem e palavra mantêm uma relação cada vez mais próxima, cada vez mais integrada”. Basta olharmos a nossa volta para percebermos que estamos imersos em práticas sociais cada vez mais multimodais, na qual utilizamos no mínimo dois modos de representação, por exemplo, palavras e imagens, palavras e gestos, palavras e entonações.

Na mesma direção, Santos (2018, p. 60) pontua que embora a efervescência semiótica, “os textos e representações multimodais estão presentes na vida e nas relações humanas desde épocas bem anteriores à denominada “Era da Informação”, pois o próprio sistema de escrita alfabética é multimodal em seu modo de constituição. Desta maneira, os textos sempre foram multimodais, tendo imagens ou não em seu conteúdo.

Em outras palavras, a organização textual, a tipografia, a estruturação em parágrafos, a saliência, o uso de negrito, a utilização de um tipo específico de fonte do texto e a inserção de imagens no papel ou na tela do computador são recursos multimodais, portadores de significados, possibilitando, inclusive, a identificação dos gêneros discursivos. Nesse sentido, “ todos os textos com base numa tela do computador e numa página são visuais e seus elementos visuais e arranjos podem ser analisados” (WYSOCKI 2004 apud DIONÍSIO 2011, p. 142), uma vez que desempenham uma função comunicativa persuasiva, informativa e argumentativa.

Todas as nossas ações do cotidiano são marcadas pela associação do verbal e o não verbal. Um texto falado nunca é apenas verbal, mas também visual e ou sonoro, tendo em vista que ao gesticular combinamos outros modos de representação, como expressão facial, gestos, postura, entonações etc. Nesse sentido, a multimodalidade é “um traço constitutivo do texto falado e escrito”(DIONÍSIO, 2011, p. 139).

Ao considerar a multimodalidade um traço constitutivo dos textos orais e escritos, tal concepção, segundo a autora mencionada, implica dizer que: 1) as ações sociais são fenômenos multimodais; (2) os gêneros textuais orais e escritos são multimodais, dialogando cada vez mais com outras interfaces semióticas; (3) o grau de informatividade

visual dos gêneros textuais da escrita se processa num contínuo, sendo assim há textos mais visualmente informativos (charges e infográficos) e menos visualmente informativos (artigos científicos); e (4) há novas formas de interação entre o leitor e o texto, resultantes da estreita relação entre o discurso e as inovações tecnológicas.

De acordo com Rojo (2012, p. 19), a multimodalidade são os textos “compostos de muitas linguagens (ou modos, ou semioses) e que exigem capacidades e práticas de compreensão e produção de cada uma delas (multiletramentos) para fazer significar”. Considerando as diversas esferas de atividades humanas, podemos perceber que a esfera jornalística no ambiente digital constitui um lócus profícuo em que não temos apenas os signos verbais, mas “todas as modalidades de linguagem ou semioses os invadem e com eles se mesclam sem a menor cerimônia”. (ROJO; MOURA, 2019, p. 11). Em consequência, os nossos habituais modos de ler e escrever estão sendo constantemente reelaborados.

Os estudos sobre a multimodalidade começaram a desenvolver-se a partir de 1996, momento esse em que um grupo de pesquisadores ingleses, americanos e australianos (Mary Kalantzis, Gunther Kress, James Paul Gee, Bill Cope, Norman Fairclough) reuniram-se na cidade de Nova Londres (EUA), com o objetivo de discutir as mudanças que os textos estavam sofrendo e, conseqüentemente, exigindo novos letramentos. Esse grupo é conhecido como Grupo de Nova Londres (GNL- New London Group).

Os pesquisadores perceberam os impactos que as novas tecnologias estavam provocando em várias instâncias da vida social, e que os textos não estavam mais pautados canonicamente na modalidade escrita, mas abarcava uma multiplicidade de linguagens, denominando esse fenômeno como multimodalidade. Para eles, “o mundo estava mudando aceleradamente na globalização: explosão de mídias, diversidade étnica e social das populações em trânsito, multiculturalidade” (ROJO; MOURA, 2019, p. 20), impactando diretamente nos textos, que se tornavam cada vez mais multimodais, bem como na diversidade cultural e linguística das populações, acarretando mudanças sérias na educação, o que chamaram de multiletramentos.

Segundo Rojo e Moura (2019, p. 20), multiletramentos é um “conceito bifronte, pois aponta, a um só tempo, para a diversidade cultural das populações em êxodo e para a diversidade de linguagens dos textos contemporâneos”. Diante de tal acepção, as escolas deveriam incluir em seus currículos a diversidade cultural já presente na sala de aula em

um mundo globalizado e os textos compostos por muitas linguagens, promovendo, assim, práticas que conduzam aos multiletramentos.

Acontece que, conforme pontua Ribeiro (2016, p. 42), “os textos imagéticos são poucos trabalhados nas escolas, sendo comum que apareçam apenas como “complemento” do texto escrito ou ilustração “em diálogo” com esse texto”. Isto corrobora com os resultados de uma pesquisa de leitura de infográficos efetuada por Dionísio (2011) com 10 alunos, na qual uma das coisas que mais chamou a atenção da pesquisadora foi com relação à utilização dos verbos: os entrevistados usaram diferentes verbos para descrever seus movimentos oculares, utilizando-se dos verbos OLHAR e VER ao falarem das imagens, ao passo que ao falarem sobre os textos verbais, usaram o verbo LER. Com isso, fica implícito que, nas escolas, ainda, é predominante a hegemonia da linguagem verbal, de forma que os textos visuais continuam sendo analisados sem uma metalinguagem específica.

Vale salientar que dois dos grandes estudiosos do fenômeno da multimodalidade são Kress e Van Leeuwen (2001; 2006), concebendo-a como um campo de estudo preocupado em investigar como os modos semióticos são produzidos, distribuídos e interpretados na paisagem semiótica<sup>9</sup>.

Definimos multimodalidade como o uso de diversos modos semióticos na concepção de um produto ou evento semiótico, juntamente com o modo particular segundo o qual esses modos são combinados – podem, por exemplo, reforçar-se mutuamente (“dizer a mesma coisa de formas diferentes”), desempenhar papéis complementares” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2001, p.20).

De acordo com Kress (2010), os vários modos semióticos (imagem, música, escrita, fala, gesto, dentre outros) que são realizados a partir de várias modalidades (visual, auditiva, tátil, olfativa) são moldados socialmente e culturalmente, construído no momento da interação. Assim sendo, os significados são construídos, distribuídos, recebidos, interpretados através de várias representações e modos comunicativos

---

<sup>9</sup> Segundo Kress e Van Leeuwen (2006, p. 35), *Paisagem Semiótica* é o lugar da comunicação visual em uma determinada sociedade, entendido dentro de um contexto de, por um lado, a variedade de formas ou modos de comunicação pública disponíveis nessa sociedade e, por outro, seus usos e avaliações.

interligados em um conjunto multimodal, sendo organizados pelas pessoas através de suas seleções e configurações de modos.

Modos é um recurso semiótico socialmente moldado e culturalmente dados para produzir significados. Imagem, escrita, layout, música, gesto, fala, imagem em movimento, trilha sonora e objetos em 3D são exemplos de modos usados na representação e na comunicação. (KRESS, 2010, p. 79, tradução nossa)<sup>10</sup>

Ao tratar sobre a multimodalidade, Kress e Van Leeuwen (2006, p. 41) apresentam um conjunto de características que sintetizam o seu pensamento, sendo elas:

(a) as sociedades humanas usam uma variedade de modos de representação; (b) cada modo tem, inerentemente, diferentes potenciais<sup>11</sup> representacionais, diferentes potenciais para a construção de significado; (c) cada modo tem avaliação social específica em contextos sociais particulares; (d) potenciais diferentes para criação de significado podem implicar potenciais diferentes para a formação de subjetividades; (e) os indivíduos usam uma variedade de modos representacionais e, portanto, têm à disposição uma gama de meios de criação de significado, cada um afetando a formação de sua subjetividade; (f) os diferentes modos de representação não são mantidos discretamente, separadamente, como domínios autônomos fortemente delimitados no cérebro ou como recursos comunicacionais autônomos na cultura, nem são implantados discretamente, na representação ou na comunicação; (g) os aspectos afetivos dos seres e práticas humanos não são distintos de outras atividades cognitivas e, portanto, nunca se separam ou estão ausentes do comportamento representacional e comunicativo; (h) cada modo de representação tem uma história em constante evolução, na qual seu alcance semântico pode se contrair ou expandir ou se mover para diferentes áreas de uso social como resultado dos usos a que se destina. (KRESS e VAN LEEWEN, 2006, p. 41)

---

<sup>10</sup> “Modes is a socially shaped and culturally given semiotic resource for making meaning. Image, writing, layout, music, gesture, speech, moving image, soundtrack and 3D objects are examples of modes used in representation and communication” (KRESS, 2010, p. 79).

<sup>11</sup> Para Kress e Van Leeuwen (2006, p. 9), a ideia de 'potencial' (o que você pode dizer e como pode 'dizer', em qualquer meio) não é limitada por um sistema de 'significados disponíveis', associado a 'formas disponíveis'. Um "potencial" semiótico é definido pelos recursos semióticos disponíveis para um indivíduo específico em um contexto social específico.

Desta forma, percebe-se que para os pesquisadores os significados são produzidos na interação social. “Isso faz do social a fonte, a origem e o gerador de significado, de processos e formas semióticas” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2010, p. 54). Ainda conforme as características apontadas, os modos semióticos são moldados pelas características e potencialidades intrínsecas do meio e pelas histórias, valores das sociedades e suas culturas. A paleta de cores, por exemplo, tem uma carga simbólica construída a partir da materialidade social, cultural e histórica. A cor preta é concebida para alguns como luto, para outros é o branco, e outros ainda é a cor utilizada pela noiva no dia do casamento.<sup>12</sup>

Concordamos com Sperandio (2012), ao discutir que a teoria da multimodalidade de Kress e Van Leeuwen (2006) está firmada numa abordagem linguística sociointeracionista, tendo em vista que os mesmos concebem os signos como sendo motivados pelos interesses do produtor no momento da orquestração textual, estando intimamente ligados ao contexto social de uso.

Os autores baseiam-se em uma ideia de prática e ancoram-se na noção de uso de uma variedade de recursos semióticos utilizados na produção do signo em contextos sociais concretos. Sendo esses signos baseados em significantes como cores, perspectivas e linhas; que são utilizados na representação material dos significados. Para os autores, diferente do que propõe a semiologia tradicional que concebia os signos a partir de uma dupla articulação entre o significante (imagem acústica, as formas) e o significado (sentidos), essa articulação não basta para que sua constituição seja satisfatoriamente entendida. (SPERANDIO, 2012, p. 3).

Em suma, a multimodalidade é um fenômeno que não está relacionado apenas à utilização de imagens, mas a diversos recursos semióticos que, orquestrados na paisagem comunicativa, possibilitam aos leitores reconstruir os significados, ativando diversos tipos de conhecimentos de ordem linguística, sociocognitiva, semiótica, entre outros. O grande desenvolvimento tecnológico possibilitou que novas linguagens passassem a circular em nossa sociedade. No entanto, o homem já se comunicava por imagens, se

---

<sup>12</sup> Faz parte da cultura pomerana as mulheres casarem-se de preto, e uma das teorias é que esse dia representa a morte social da noiva que se separava da família. Notícia do G1: <http://g1.globo.com/espírito-santo/noticia/2016/12/noivas-casam-de-vestido-preto-na-tradicao-pomerana-no-es.html>.

pararmos para pensar no período rupestre ou mesmo em épocas em que transações comerciais eram realizadas sem um sistema alfabético e numérico como os do dia de hoje.

Na seção a seguir, apresentamos algumas postulações da Gramática do Design Visual, de Kress e Van Leeuwen (2006), por acreditar que essa constitui uma ferramenta que potencializará o desenvolvimento deste estudo, tendo em vista apresentar postulações que orientam a trabalhar e efetuar processos de leitura de textos compostos por uma multiplicidade de linguagens.

## 5.2 GRAMÁTICA DO DESIGN VISUAL: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE MULTIMODAL DE COMPOSIÇÕES SEMIÓTICAS<sup>13</sup>

Em *Reading Images: a Grammar of Visual Design* (Lendo imagens: a Gramática do Design Visual), doravante GDV, Kress e Van Leeuwen (2006) deixam claro tratar-se de uma gramática baseada na comunicação ocidental, de escrita da esquerda para a direita, que procura analisar estruturas visuais, apontando para interpretações particulares da experiência e formas de interação social.

Para os autores citados, o que é expresso na linguagem através da escolha de diferentes classes de palavras e estruturas de oração, pode, em comunicação visual, ser expresso através da escolha de diferentes usos da cor ou diferentes estruturas composicionais. E isso afetará diretamente o significado.

Sendo uma gramática funcional não exclui a possibilidade de variação regional e social, “derivando de uma longa história de conexão e intercâmbio cultural, bem como agora do poder global das indústrias de mídia e cultura ocidentais e de suas tecnologias (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 4). Conforme esclarecem os autores, o uso do modo visual não é o mesmo agora, como era há cinquenta anos nas sociedades ocidentais, não é o mesmo de uma sociedade para outra e não é o mesmo de um grupo social ou instituição para outro.

---

<sup>13</sup>Kress e Van Leeuwen (2006, p. 42) afirmam que as três metafunções podem ser aplicadas a todos os modos semióticos e não apenas os específicos à fala e escrita.

Os significados pertencem à cultura, e não a modos semióticos específicos. E a maneira como os significados são mapeados em diferentes modos semióticos, a maneira como algumas coisas podem, por exemplo, ser ditas visual ou verbalmente, outras apenas visualmente, outras apenas verbalmente, também é cultural e historicamente específica. (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 2)

Inserida dentro da estrutura teórica da Semiótica Social (SS), os autores tematizam o significado enquanto processo e não produto como era concebido na semiótica de cunho estruturalista. Partindo de um interesse particular do lugar do visual das crianças, os autores apresentam diversos exemplos para mostrar que não há uma arbitrariedade entre o significado e o significante, pois essas criam signos a partir de analogias, no qual o seu interesse pelo objeto, no momento de fazer a representação, é complexo, decorrente da história cultural, social e psicológica. Assim sendo, o interesse dos criadores dos signos é que os levará a “ escolher um aspecto ou conjunto de aspectos do objeto a ser representado como sendo critério para representar o que eles querem representar e, em seguida, escolher a forma mais plausível e mais adequada para sua representação” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p.13).

Os autores desenvolveram seus estudos baseados na Gramática Sistêmico Funcional (GSF), proposta por Halliday (1978), a partir de três metafunções: representacional , interativa e composicional, como pode ser observado no quadro (1).

Quadro 1 – As metafunções representacionais, interativa e composicional

Metafunção	Parâmetros	Conceituação
Representacional	Processo narrativo Processo conceitual	Relação entre os envolvidos e as circunstâncias em que ocorrem
Interativa	Contato Distância Perspectiva	Representa as interações sociais entre o produtor de um signo, o participante representado e o receptor.

Composicional	Valor da informação Saliência Enquadramento	Organização espacial da paisagem semiótica.
---------------	---	---

Fonte: Elaborado pelas autoras do trabalho conforme as especificidades da GDV, de Kress e Van Leeuwen (2006)

A metafunção representacional refere-se a representações dos objetos e as experiências externas e internas dos indivíduos. A comunicação visual envolve dois tipos de participantes: PR (pessoas, lugares, coisas representadas nas imagens) e as PI (refere-se as pessoas que se comunicam através das imagens, os produtores e leitores).

Assim sendo, essa metafunção trata de duas estruturas de representação: a narrativa (descreve os participantes representados em termos de ações, reações, processos mentais e de circunstâncias) e a conceitual (descreve os participantes em termos de classe, estrutura e significado). O que vai caracterizar a estrutura visual é a presença de um vetor ou traço que indique a realização dos processos, por exemplo, se é de ação ou reação. A presença de um balão de fala, por exemplo, representa um processo mental. Nos exemplos a seguir podemos constatar esses dois processos.

Figura 10- Processo narrativo



Fonte: Twitter, 24 de fevereiro de 2018

Figura 11 - Processo conceitual



Fonte: Twitter, 22 de abril de 2018

A metafunção interativa representa as interações sociais entre o produtor de um signo e o receptor. Kress e Van Leeuwen (2006) classificam quatro aspectos relativos à metafunção interativa: contato, distância social e perspectiva.

O contato é determinado pelo olhar dos participantes. Quando o participante representado – PR – olha diretamente para o participante interativo – PI – estabelece um vínculo com o observador (aproximação). A esse olhar Kress e Van Leeuwen (2006) chama de olhar de demanda. Por outro lado, se o participante representando não olha para o observador, caracteriza-se um olhar de oferta, não havendo, portanto, um contato direto. Nas figuras a seguir exemplificamos a situação.

Figura 12 – Olhar de demanda



Fonte: Twitter, 11 de abril de 2018

Figura 13 – Olhar de oferta



Fonte: Twitter, 6 de abril de 2018

A distância tem a ver com o tamanho do enquadramento da imagem. Nesse sentido, corresponde ao “olhar de tomada da câmera”, se o PR está mais longe ou perto do observador. Kress e Van Leeuwen (2006) afirmam que o campo de visão obtido das imagens pode conferir proximidade ou distanciamento entre os indivíduos. O enquadramento, como pode ser observado nas figuras abaixo se dá em três planos: plano

aberto (o corpo todo do PR é retratado, imprimindo afastamento); plano fechado (a imagem é retratada acima do ombro, imprimindo proximidade com o leitor); e o plano médio (o PR é mostrado até o joelho, e neste caso também não há intimidade com o leitor).

Figura 14 – Plano aberto



Fonte: Jornal Folha de São Paulo, 30/05/2018

Figura 15 – Plano fechado



Fonte: Twitter, 21/04/2018

Figura 16 – Plano médio



Fonte: Jornal *O Globo*, 17 de janeiro de 2018

A perspectiva diz respeito ao ângulo em que o PR é representado. São três os ângulos: frontal (sugere envolvimento com o leitor. O PR é retratado cara a cara com o observador); oblíquo (o PR é retratado de lado. Os olhares dos PR e PI não se cruzam, indicando um distanciamento) e ângulo vertical (o PR é retratado de cima para baixo, e neste caso imprime poder sobre o PR). As imagens a seguir exemplificam a questão.

Figura 17– Ângulo Frontal



Fonte: Twitter, 11 de abril de 2018

Figura 18 – Ângulo oblíquo



Fonte: Twitter, 2 de fevereiro de 2018

Figura 19 – Ângulo vertical



Fonte: Twitter, 17 de março de 2018

Por outro lado, a metafunção composicional corresponde à organização espacial da imagem e a integração dos diferentes modos semióticos, consistindo em uma estratégia para valorizar um produto, participante e objeto. Segundo Kress e Van Leeuwen (2006,

p. 176, tradução nossa), o significado composicional é “ a composição do todo, a maneira pela qual os elementos representacionais e interativos são construídos para relacionarem-se entre si, a maneira como eles são integrados em um todo significativo”<sup>14</sup>.

Assim sendo, essa metafunção é constituída por três sistemas interdependentes: o valor da informação (dado/novo, ideal/real e centro/margem), saliência (elementos para chamar atenção do observador: cores, saturação máxima e mínima, disposição no campo visual, sobreposição, dentre outros) e enquadramento (elementos que criam linhas divisórias, conectando ou desconectando elementos da imagem).

O valor da informação está relacionado à localização dos elementos (dos participantes e dos sintagmas que se conectam uma aos outros e ao espectador) na paisagem semiótica, conferindo-lhes “ valores informacionais específicos, relacionados às várias “zonas” da imagem: esquerda e direita, parte superior e inferior, centro e margem. (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 177).

Dessa maneira, os recursos multimodais localizados na linha horizontal estabelecem a relação dado/novo. O dado, localizado na parte esquerda da composição, refere-se a uma informação já conhecida pelo leitor, não necessitando de explicação. Por outro lado, o novo, localizado na parte direita, indica o desconhecido ou que desperta a atenção do leitor. A linha vertical estabelece a relação ideal e real, sendo que a parte superior tende a mostrar “o que deveria ser”, o ideal (a promessa de algo, um sonho, uma ideia), ao passo que a parte inferior é o oposto ao ideal, mostrando “o que é” na realidade”, o real. Além dessas dimensões apontadas, o valor informativo da posição centro apresenta as informações centrais, enquanto na posição margem observam-se informações mais periféricas. Em (20), podemos perceber o valor da informação a partir da localização dos signos visuais e verbais.

---

<sup>14</sup> “ The composition of the whole, the way in which in the representational and interactive elements are made to relate to each other, the way they are integrated into a meaningful whole”.

Figura 20 – Valor de informação



Fonte: Jornal Folha de São Paulo, 2 de março de 2018

Podemos observar na paisagem semiótica acima elementos verbais e imagéticos, que integrados conferem valores de informação. O contexto comunicativo remete a uma exposição: expectadores e guia. Na linha horizontal, o dado refere-se a um possível retorno (retrocesso), ao tempo em que as pessoas não tinham seus direitos trabalhistas legitimados, e o novo aponta para um futuro em que trabalhar de carteira assinada será algo raro. No centro, visualiza-se a presença de “um guia de museu”, podendo ser inferido por suas roupas, a utilização de crachá e a postura discursiva adotada no ato comunicativo. O signo verbal ancora o signo imagético, rotulando informações precedentes, podendo, ainda, na relação dado/novo, verificar-se a utilização do dêitico (este) e a expressão gestual (apontando com o dedo para a informação “nova”). Na margem superior esquerda, visualiza-se um dinossauro, remetendo ao retrocesso ou mesmo a algo que poderá ser raro, inexistente, sendo o mesmo, também, guiado. Ao passo que na margem inferior direita, podemos, ainda, visualizar um representante dos povos indígenas, sendo objeto de demonstração. Isso remete a um processo de perdas de direitos, pois, assim como aconteceu com os indígenas, na qual muitos foram mortos, perdendo os seus direitos territoriais, assim poderá acontecer com os trabalhadores brasileiros.

A saliência corresponde à forma como os elementos (participantes, bem como sintagmas representativos e interativos) são criados para atrair a atenção do espectador. Considera-se, assim, “fatores como posicionamento em primeiro plano ou plano de fundo, tamanho relativo, contraste no valor tonal (ou cor), diferenças na nitidez etc” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 177). Ainda segundo os autores, a saliência é julgada com base em pistas visuais, na qual os espectadores constroem os sentidos julgando o ‘peso’ de vários elementos de uma composição e, quanto maior o peso maior a sua relevância. Vale salientar que “o peso visual cria uma hierarquia de importância entre os elementos dos textos espacialmente integrados, fazendo com que alguns chamem mais atenção para si do que outros” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 202). Na figura 21, podemos perceber vários recursos de saliência, dentre eles, a manchete do jornal em negrito, tendo por objetivo chamar a atenção do leitor.

Figura 21 – Saliência

The image shows a tweet from the account 'Jornal O Globo' (@JornalOGlobo) posted on May 2, 2018, at 04:14. The tweet content is a screenshot of the front page of the newspaper 'O Globo'. The main headline on the newspaper cover is 'Incêndio expõe drama habitacional em SP' (Fire exposes housing drama in SP), with a sub-headline 'Em chamas, prédio desmorona e deixa 44 desaparecidos' (In flames, building collapses and leaves 44 missing). The cover features a large, dramatic photograph of a collapsed building structure. To the left of the main image, there are several smaller news snippets with their own headlines, such as 'STF retoma hoje debate do foro privilegiado' and 'Calote ameaça exportações'. The tweet interface shows 12 retweets and 66 likes.

Fonte: Twitter, 2 de maio de 2018

O enquadramento refere-se à presença ou ausência de linhas divisórias. Tal dispositivo possibilita perceber se “os elementos da composição podem ser fortemente ou fracamente enquadrados” (KRESS, VAN LEEUWEN, 2006, p. 203). Segundo os autores

a ausência de enquadramento enfatiza a identidade do grupo, ao passo que a presença de linhas divisórias significa individualidade e diferenciação. Assim, quanto mais “os elementos estão conectados, mais eles são apresentados como pertencente um ao outro, como uma única unidade de informação”. Na figura 22, constata-se que a ausência de enquadramento identifica a identidade do grupo.

Figura 22 – Enquadramento



Fonte: Jornal *Folha de São Paulo*, 7 de fevereiro de 2018

Nesse sentido, a GDV possibilita pensarmos que as estruturas visuais, verbais e audiovisuais são carregadas de significados. Outra questão apontada pelos autores refere-se ao uso das cores. Ao expor tais considerações, deixa-se claro que o uso da cor tem domínios socioculturais, simbólico e não um sentido fixo. Além disso, a cor representa, projeta, viabiliza e constrói relações sociais, sendo utilizada para “se apresentar e os valores que eles representam, para dizer, no contexto de situações sociais específicas, que eu sou calmo ou eu sou energético e para projetar calma ou energia como valores positivos” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 230).

As cores, também, podem ser usadas para criar coerência e coesão nos textos. Ao tocar em tais aspectos, observa-se que o livro didático faz amplo uso da coerência das cores em divisões de leitura, escrita e curiosidades, distinguindo diferentes seções e ao mesmo tempo materializando-se em unidade e coerência. Esse recurso é utilizado também para criar saliência, dar destaque e transmitir informações. Já a coesão está diretamente

relacionada a coordenação das cores, em vez da repetição de uma única cor. Nesse caso, “as várias cores de uma página, ou uma seção maior de um texto [...] podem ter aproximadamente o mesmo grau de brilho e/ ou saturação” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 230).

Assim sendo, a GDV pode contribuir com a leitura de textos multimodais, apontando caminhos de leitura. Não é objetivo do trabalho retratar cada metafunção proposta pelos pesquisadores separadamente, no entanto nos interessa compreender como a organização e o planejamento da estrutura textual também são portadoras de significados. Na seção a seguir, discutiremos as leituras de mundo, de modo a abarcar os diversos sistemas de conhecimentos.

### 5.3 LEITURAS DE MUNDO: UM OLHAR SOBRE O VISTO, O LIDO, O OUVIDO E O MOSTRADO

Na seção anterior, ao abordarmos a GDV, percebemos que Kress e Van Leeuwen (2006) sistematizaram um campo teórico, baseando-se em postulados da SS, no que tange ao fato de os signos serem motivados socialmente e não pré-definidos, sendo os significados elaborados culturalmente e na interação social. Também vimos, no capítulo 4, que os objetos de discurso são construídos e reconstruídos no interior do próprio discurso, e conforme a nossa percepção de mundo, nossas crenças, atitudes e propósitos comunicativos. Assim sendo, uma instabilidade antecede os sentidos. Vale salientar que os postulados de Kress e Van Leeuwen (2006) e Mondada e Dubois (2003) são de grande relevância para a compreensão de textos advindos de múltiplas semioses, uma vez que, dialogando com os quatro teóricos podemos alargar a concepção de texto e o processamento textual.

Nesse sentido, percebemos que Kress e Van Leewen (2006) avançaram nos estudos da comunicação visual, ao sistematizarem categorias de análise possíveis de serem utilizadas em textos visuais, verbo-visuais e, inclusive, em textos verbo audiovisuais. No entanto, os autores não discutem acerca do processamento textual de

ordem cognitiva e é nesse sentido que o diálogo com Mondada e Dubois potencializará as discussões.

Com a leitura do trabalho de Nascimento (2014), por exemplo, percebemos uma outra dimensão do processamento textual. Adotando como *corpus* em sua pesquisa, o curta-metragem *Vida Maria*, de Marcio Ramos, e a partir da categoria de análise da metafunção composicional (valor informativo, saliência e enquadramento), a pesquisadora investigou as estratégias de leitura mobilizadas pelos informantes no momento da exibição de cenas do curta.

A leitura, em seu estudo, ganha dimensões mais amplas, pois enfatiza diversas questões que extrapolam a materialidade verbal, como cores, expressões faciais, gestos, plano cinematográfico, áudio, cenário, entonação, saliência, dentre outros. Em tal perspectiva, a autora avança ao observar os processos de construção dos referentes a partir de um texto verbo audiovisual.

Nessa perspectiva, a leitura exige do leitor bem mais que o conhecimento do código linguístico, tendo em vista que o texto não é um produto codificado pelo autor a ser decodificado pelo leitor. Assim sendo, é necessário levar em consideração “além das pistas e sinalizações que o texto oferece” (KOCH; ELIAS, 2013, p. 37), o conhecimento prévio, as experiências do leitor e o contexto sociocognitivo, bem como a comunicação visual, tendo em vista que os sentidos são construídos através da interação autor-texto-leitor.

A leitura é, pois, uma atividade interativa altamente complexa de construção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos [e semióticos] presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas que requer a mobilização de um conjunto de saberes no interior do evento comunicativo. (KOCH; ELIAS, 2013, p. 11)

A citação em tela, traz implícito um elemento que necessita ser revisto: a leitura não se realiza somente com base em elementos linguísticos, pois os elementos de ordem semiótica são portadores de significados e, portanto, precisam ser explorados como material de leitura. Nesse sentido, comungamos com Ribeiro (2018), ao defender que a

leitura de imagens apresenta, também, complexidades e precisa ser vista como algo dinâmico e não um relance aleatório.

Quando se diz e se defende a leitura de imagens, quer-se também dizer que uma imagem carrega lá suas complexidades e segredos. Não basta ser vista, em um relance quase aleatório. Uma imagem precisa ser lida, também, à maneira de um conjunto de palavras. No entanto, as dinâmicas e sintaxes e gramáticas dessas línguas são diferentes (RIBEIRO, 2018, p. 67)

Tendo em vista o excerto acima, depreende-se a necessidade de se considerar outras formas de representação como portadoras de significado. Conceber a leitura, apenas, sob o prisma do código escrito é não acompanhar as mudanças provocadas pela TDIC e, em especial, a internet. A prática de leitura e o perfil do leitor-navegador passaram por grandes transformações, sendo que agora o mesmo delineia caminhos de leitura, acessa dados numa velocidade que antes, na época dos impressos, não era ao alcance de todos, tornando-se protagonista e colaborador na construção textual.

Vale ressaltar que a comunicação em ambientes digitais é realizada seguindo a lógica da comunicação: economia de palavras, simplificações, utilização de recursos multimodais, dentre outros. Um desses recursos é o emoji.

Os emoji são dotados de sentidos simbólicos, exprimindo sentimentos, emoções, espontaneidade, situações cotidianas etc, tornando a escrita mais dinâmica e multimodal. Desde que foram criados, os emojis alcançaram imensa popularidade, sobretudo nas redes sociais digitais, e já receberam uma série de atualizações, como inserção de emojis representando pessoas com maior opção de tons de pele, de diversas profissões, o que aponta uma demanda gerada pela própria interação entre os falantes. (ABREU, 2018, p. 82-83)

Posto isto, em nosso trabalho, consideramos *leituras de mundo* aquelas em que além de incluir as experiências pessoais e contextuais, consideram-se os diversos recursos – linguísticos e semióticos – no momento do processamento textual. Segundo Koch e Elias (2013, p. 40), o processamento textual é estratégico, ou seja, “ os leitores, diante de

um texto, realizam simultaneamente vários passos interpretativos finalisticamente orientados, efetivos, eficientes, flexíveis e extremamente rápidos” e, para além disso, consideramos o processamento textual multimodal.

Para tanto, no momento do processamento textual, mobilizam-se vários tipos de conhecimentos armazenados na memória, conforme discutido no capítulo 1, sendo eles: I) conhecimento linguístico (corresponde ao conhecimento do léxico e da gramática, responsável pelas escolhas de termos adequados e pela organização do material linguístico); II) conhecimento enciclopédico ou de mundo (compreende o conhecimento armazenado na memória do indivíduo socioculturalmente determinados e adquiridos através da experiência); III) conhecimento sociointeracional (refere-se ao conhecimento sobre as ações verbais, isto é, sobre as formas de interação através da linguagem); IV) conhecimento de modelos textuais globais (possibilita o reconhecimento de um texto como pertencente a determinado tipo ou gênero textual).

Vale salientar que achamos pertinente acrescentar a esses quatro sistemas de conhecimentos, o conhecimento semiótico. Conforme as discussões empreendidas até o momento, define-se o conhecimento semiótico como sendo aquele em que a produção de sentidos é mobilizada a partir da integração de diversas semioses, na qual o leitor ativa informações implícitas e explícitas, produzidas culturalmente e socialmente em contextos específicos. Além disso, refere-se ao conhecimento ativado através de composições textuais em sua distribuição espacial e tipográficas como também através de diversos modos semióticos (fala, escrita, layout, som, gesto, imagem em movimento, dentre outros) e modalidades (brilho, iluminação, profundidade, saturação de cores). A título de exemplificação, o texto a seguir apresenta os quatro tipos de conhecimentos tratados.

Figura 23 – Preso político



Fonte: Jornal Folha de São Paulo, 17 de abril de 2018

Na leitura da figura 23, é importante levarmos em consideração um conjunto de fatores. Em primeiro lugar, com relação ao conhecimento linguístico, podemos visualizar a organização do material linguístico na superfície textual, estruturada pela chargista Laerte. Esse é um dos elementos que o leitor utilizará para a produção de sentidos. Em seguida, infere-se, através do conhecimento sociointeracional, que se trata do gênero textual charge, sendo uma das características do gênero em questão emitir uma opinião sobre um fato noticioso, através de uma crítica social. O conhecimento de mundo possibilitará o leitor buscar em sua memória e experiências, o contexto em que a charge se insere que no caso, trata-se do contexto político em que o ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva foi preso (07/04/2018) antes das eleições presidenciais que ocorreram no dia 07/10/2018, não podendo candidatar-se ao cargo, pois o STF (Supremo Tribunal Federal) rejeitou o pedido de *Habeas Corpus* do petista. No segundo quadrinho, podemos inferir na orquestração textual do gênero charge que havia um interesse político na prisão do ex-presidente Lula.

O conhecimento semiótico possibilitará ao leitor analisar os seguintes elementos:

- 1) as roupas utilizadas pelos participantes representados na charge - a cor cinza revela frieza, incerteza e tempos sombrios;
- 2) o plano de fundo é neutro – com isso deixa saliente a presença dos políticos;
- 3) o político com o dedo levantado caracteriza gestos realizados em pronunciamentos (a presença de microfones também revela tratar-se de uma coletiva

de informações); 4) a divisão da charge em dois blocos informacionais possibilita ao leitor retomar e reativar os objetos de discursos visuais introduzidos no primeiro bloco e, com isso, inferir que trata-se do contexto de uma entrevista (entrada e saída de uma narrativa); 5) com relação à interação dos participantes representados (políticos), não há uma interação com o leitor, pois estão de costas e o olhar não mira ao leitor; 6) a imagem dos participantes enquadradas até o joelho (plano médio), potencializa uma distância social entre o leitor e os participantes; 7) a palavra grifada “ Não é” – traz uma carga semiótica em que a chargista enfatiza a situação política em que muitos eleitores afirmavam tratar-se de uma manobra política para impossibilitar a eleição de Lula. Nesse caso, o recurso tipográfico traz tanto uma entonação para a fala do político quanto deixa uma informação em destaque para os leitores da charge (um chamado), pois esse discurso de que Lula não era um preso político e sim preso comum foi veiculado na sociedade brasileira.

Portanto, todos esses aspectos apontados correspondem a apenas um recorte da complexidade que é a leitura multimodal. Compreender que a composição semiótica é pensada pelo produtor do signo no momento da orquestração textual possibilita avançarmos nas discussões de diversos aspectos metodológicos da LT e, conseqüentemente, empregar “dispositivos analíticos oriundos do campo de estudos do texto, que permitam trabalhar com tais signos” (BENTES; RAMOS; FILHO, 2010, p.398). Também consideramos relevante ressaltar que a escola deve promover os (multi) letramentos, possibilitando aos alunos efetuar leituras de textos reais, uma leitura crítica, compreendendo que a própria disposição tipográfica e a localização de uma informação faz parte de um projeto de dizer. Assim sendo, “tanto o dizer quanto o mostrar demandam competências de leitura do visto, do lido, do ouvido ou do mostrado”. (RIBEIRO, 2018).

No capítulo a seguir, discutimos informações relacionadas aos procedimentos metodológicos adotados para analisar o fenômeno da multimodalidade em gêneros do domínio jornalístico, em especial, em blogs, charges e tweets do jornal digital *Folha de S. Paulo* e *O Globo*, com o intuito de observar como os recursos multimodais interferem na leitura e construção textual dos sentidos, a partir da apreensão dos objetos do discurso. Em seguida, apresentamos a análise de dados.

## 6 PERCURSO METODOLÓGICO E ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo, são expostos os procedimentos metodológicos empregados na pesquisa que permitiram analisar a multimodalidade no domínio jornalístico digital, em especial, em charges, *blogs e tweets*. Para tanto, apresentamos informações consoante a constituição dos corpora, a seleção da amostragem, o objetivo geral e os específicos que guiaram o desenvolvimento da pesquisa, as hipóteses e os critérios utilizados para a análise dos dados. Em seguida, é apresentada a análise dos dados.

### 6.1 PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa, de acordo com Gil (2007, p, 17), é “o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos”. Ainda segundo o autor, a pesquisa desenvolve-se a partir de um processo constituído por várias fases, compreendendo desde a formulação da questão problema até a apresentação e discussão dos resultados.

Um desses processos de grande importância para a realização de qualquer pesquisa é o estabelecimento do percurso metodológico, pois os métodos e técnicas escolhidos devem ser adequados para a realização do trabalho.

Assim sendo, inicialmente, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, efetuando-se um levantamento de referenciais teóricos, artigos, teses e dissertações que discutiam sobre multimodalidade, gêneros digitais, leitura, semiótica social e teorias linguísticas. Para Lakatos e Marconi (2010, p. 166), a pesquisa bibliográfica “abrange toda a bibliografia já tornada pública em relação ao tema estudado [...] e sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que já foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto”. Nessa fase de leitura, realizaram-se fichamentos, cruzamento de informações e elaboração de resenhas.

Em seguida, definimos a metodologia a ser utilizada na pesquisa e os aspectos relacionados à coleta de dados. Essa pesquisa adota a abordagem qualitativa na análise

dos dados coletados, tendo em vista que trabalhamos com o objetivo de analisar o fenômeno da multimodalidade no domínio jornalístico e não quantificar dados. Segundo Minayo (2010, p. 21), a pesquisa qualitativa “trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”. Assim sendo, constitui a abordagem ideal que possibilitará interpretar o fenômeno da multimodalidade, verificando como este interfere na leitura e construção dos sentidos a partir da apreensão dos objetos do discurso.

### 6.1.1 Da constituição do corpus

O corpus a ser analisado na pesquisa é constituído por 100 textos do domínio jornalístico, sendo selecionados como amostra 22 textos de jornais de circulação nacional (*O Globo*, *Folha de São Paulo*), distribuídos em três gêneros digitais: (6) charge, (9) posts de blogs e (7) *tweet*. A escolha pelos jornais justifica-se por tratarem-se de jornais de grande circulação nacional, com publicações diárias das notícias e, também, por possuírem páginas na rede social *Twitter*.

A coleta foi realizada no período compreendido de janeiro a outubro de 2018, sendo utilizada a função *printscreen* de capturas de telas. Posteriormente, os dados foram organizados em pastas no computador etiquetadas por gênero.

Durante a coleta tivemos dificuldades com o acesso de algumas páginas, tendo em vista que ambos os jornais exigem assinatura. Esse fato justifica a dificuldade em coletar charges no jornal *O Globo*. Já no jornal *Folha de São Paulo* a coleta foi facilitada, tendo em vista que as charges podem ser encontradas compiladas em um arquivo mensalmente. Apesar de a maioria do corpus estar relacionado ao contexto político, não estabelecemos nenhum recorte temático, por entender que a pluralidade de temáticas poderia potencializar a coleta de textos com uma variedade de recursos multimodais.

Com relação à escolha dos gêneros jornalísticos charge, *blog* e *tweet*, deve-se ao fato desses fazerem parte de um domínio (o jornalístico). Além disso, justificamos a escolha da charge por ser um gênero que em sua natureza é multimodal e carregada de informações. Também, por fazer parte tanto do jornal impresso como do jornal digital,

poderíamos verificar possíveis alterações com a mudança do suporte. Por outro lado, a escolha do blog e do *tweet*, deve-se ao fato desses serem exclusivos do jornal digital e, dessa forma, a utilização de diversos recursos multimodais poderia ser encontrada de forma ampla. O fato dos dois últimos gêneros possibilitarem a interatividade com o leitor e a velocidade da informação, também, consistiram em fatores fundamentais pela escolha de ambos. Vale salientar que, no caso do *tweet*, a motivação foi ainda maior, tendo em vista a escrita reduzida e a impossibilidade de construção de longas cadeias referenciais.

### **6.1.2 Seleção da amostragem**

Devido à grande quantidade de elementos multimodais identificados nos gêneros da esfera jornalística, fato justificado pela multiplicidade semiótica do meio digital, adotamos os seguintes critérios para a seleção da amostragem a ser utilizada na análise de dados:

- A) Verificar se alguns recursos semióticos e gêneros estavam relacionados à estrutura composicional, conteúdo temático e estilo do produtor;
- B) Identificar os elementos de ordem imagética, tipográfica, links, cores, emojis, disposição dos elementos na composição textual, dentre outros;
- C) Identificar amostragem mais visualmente informativa.

Vale salientar que no processamento da análise dos dados esses critérios de seleção da amostragem estarão diluídos, de forma a possibilitar uma visão ampla da multimodalidade. Consoante discussão no capítulo 5, a multimodalidade está relacionada à própria disposição da palavra, elementos de ordem tipográfica e não apenas recursos semióticos advindos com o desenvolvimento das tecnologias digitais.

### **6.1.3 Objetivo geral**

Para a realização da pesquisa estabelecemos como objetivo geral analisar o fenômeno da multimodalidade em gêneros do domínio jornalístico, em especial, em

*blogs*, *charges* e *tweets* do jornal digital *Folha de S. Paulo* e *O Globo*, com o intuito de observar como os recursos multimodais interferem na leitura e construção dos sentidos, a partir da apreensão dos objetos do discurso.

#### 6.1.4 Objetivos específicos

- Analisar os aspectos sociocognitivos envolvidos na leitura e compreensão de textos multimodais;
- Verificar as etapas de ativação dos objetos de discurso proposto por Kress e Van Leeuwen (2006);
- Investigar em que medida a concepção de multimodalidade amplia o objeto de estudo da Linguística Textual;
- Identificar no domínio jornalístico do meio digital peculiaridades dos gêneros discursivos *charge*, *blog* e *tweet*.

#### 6.1.5 Levantamento das hipóteses

Nossa hipótese básica é que os aspectos sociocognitivos, os conhecimentos de mundo, sociointeracionais, o modelo textual e o linguístico (KOCH e ELIAS, 2006), bem como o conhecimento semiótico (cores, saliência, tipografia, dentre outros) são de grande importância para a construção textual de sentidos e, em alguns casos, se sobressaem ao texto verbal nesse processo.

A partir da hipótese básica, apreendemos mais duas:

- A multimodalidade é imprescindível para a construção textual de sentidos, contribuindo para o alargamento do conceito de texto;
- A extensão do *tweet*, limitada a 280 caracteres, conduz a uma redução dos recursos multimodais em comparação ao *blog*;
- A *charge*, por ser proveniente do jornal impresso, apresenta uma multimodalidade mais restrita que o *blog* e o *tweet*.

### 6.1.6 Critérios utilizados para a análise dos dados

Para tratamento dos dados, decidimos analisá-los a partir da materialidade dos gêneros discursivos jornalísticos digitais, pois assim poderíamos encontrar recursos multimodais característicos de sua estrutura composicional, conteúdo temático e estilo.

## 6.2 MULTIMODALIDADE NO DOMÍNIO JORNALÍSTICO NO MEIO DIGITAL: ASPECTOS SOCIOCOGNITIVOS DA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS

A presente subseção é dedicada a analisar a multimodalidade em charges, *blogs* e *tweets* do jornal Folha de São Paulo e o Globo. Para tanto, considera-se a multimodalidade de modo amplo, desde a diagramação textual, cores, tipografias, áudios, vídeos e outros recursos multimodais na construção do sentido textual.

Para Kress e Leewen (2001, p. 20), a multimodalidade “é o uso de diversos modos semióticos na concepção de um produto ou evento semiótico, juntamente com o modo particular segundo o qual esses modos são combinados”, podendo reforçar-se mutuamente, desempenhar papéis complementares e mesmo dizer a mesma coisa de formas diferentes.

Nessa acepção, o produtor do texto busca a melhor maneira de materializar os significados de acordo com o material disponível. Ou seja, a produção dos signos depende da motivação do produtor e da seleção dos recursos semióticos. Considerando o contexto das tecnologias digitais, a multimodalidade é algo comum na vida das pessoas, mas isso não significa dizer que ela é um fenômeno novo.

Com a chegada do jornalismo digital, entram em cena os arquivos de áudio, vídeo e também as animações que tornaram a disposição dos conteúdos bastante interativa e dinâmica, em consonância com o caráter não-linear do hipertexto. “E essas linguagens, hoje mais do que nunca, não dizem respeito apenas ao universo das palavras, mas das imagens, dos movimentos, dos cortes e colagens, do som” (RIBEIRO, 2018, p. 88).

Vale salientar que várias configurações linguísticas, semióticas, textuais e discursivas têm se mesclado no processamento textual. Com isso, emergem novas textualidades que requerem do leitor e do produtor novas habilidades de leitura e escrita. Nesse sentido, na depreensão dos sentidos textuais, o leitor mobilizará, através de práticas discursivas e cognitivas social e culturalmente situadas, visões públicas do mundo, sendo a língua concebida como lugar de interação entre os sujeitos sociais no (e pelo) ato comunicativo.

Partindo do entendimento de que a multimodalidade não está relacionada apenas a presença de imagens, vídeos e recursos audiovisuais, mas também a ênfase dada à cor, ao tamanho da fonte e ao formato letra, iniciaremos a análise de dados.

### **6.2.1 Charge Jornalística: um texto imagético carregado de sentidos**

Como foi discutido no capítulo 2, a charge é um gênero discursivo da esfera jornalística, constituída por elementos verbais e não-verbais – multimodal – que utiliza o humor e a ironia como ferramenta de crítica social. Normalmente, publicada no caderno de opinião, o texto chárstico atrai a atenção do leitor por se tratar de uma leitura rápida, mas carregada de informações, conforme atesta Romualdo (2000, p. 15):

Se pensarmos em termos de conteúdo, uma charge ou uma caricatura podem ser muito mais densas do que os outros textos opinativos, como uma crônica ou até mesmo um editorial. O leitor pode, inclusive, deixar de ler estes e outros gêneros opinativos convencionais, optando pela leitura da charge que, por ser um texto imagético e humorístico, atrai mais sua atenção e lhe transmite mais rapidamente um posicionamento crítico sobre personagens e fatos políticos. (ROMUALDO, 2000, p. 15)

Uma das características fundamentais da charge, além do humor, da ironia e da intertextualidade é a sua natureza multimodal. Nesse sentido, é necessário que o leitor ative os diversos sistemas de conhecimentos (conhecimento linguístico, conhecimento sociointeracional, conhecimento de mundo e o conhecimento semiótico), realizando as inferências necessárias, para que no momento da interação com o texto chárstico seja

efetivada a construção de sentido, haja vista que “não podemos pensar a charge como um texto isolado, sem relações com outros textos, que aparecem não só no próprio jornal, mas também fora dele” (ROMUALDO, 2000, p. 17).

Podemos observar na figura 24, publicada no Jornal Folha de São Paulo, dia 29 de março de 2018, uma crítica social, utilizando-se apenas de uma introdução referencial “Um país moribundo” e elementos não verbais. “Um país moribundo” na verdade está atuando como uma âncora da máquina lava a jato, caracterizando-se como uma anáfora indireta, pois o leitor deverá recuperar o contexto para construir o sentido textual (KOCH; ELIAS, 2013).

Figura 24 – Um país moribundo



Fonte: Jornal Folha de São Paulo, 31 de março de 2018

No centro da imagem, observa-se uma máquina comum nos postos de gasolina “Lava à jato”. A máquina divide dois momentos: de um lado homens engravatados carregando sacos e maletas de cifras de dinheiro, com a expressão facial de felicidade. Eles parecem comemorar algo, fato indicado por um dos participantes representados estar segurando uma taça. Ao chegar perto de atravessar a máquina de lava a jato, observa-se uma mudança facial em um dos homens. Ao passar pela máquina de lavar, os homens saem doentes, abatidos e hospitalizados.

O que a chargista quer retratar, na verdade, é um contexto social em que muitos políticos envolvidos na operação Lava Jato foram condenados devido à lavagem de dinheiro, gestão fraudulenta e vários outros delitos. No entanto, ao serem presos alegam problemas de saúde, cumprindo suas penas em prisão domiciliar. No dia anterior a essa charge, Paulo Maluf havia solicitado o referido benefício, passando a cumprir a pena em sua casa nos Jardins, um bairro classe A de São Paulo.

Compondo a imagem, ainda, visualizam-se de costas para o leitor, duas pessoas uniformizadas que muito provavelmente são policiais. Nenhum dos personagens representados interagem através do olhar com o leitor. O último é quem olha para fora da narrativa, apontando provavelmente que outros políticos ou serão presos ou solicitarão o benefício. Além disso, a cena é retratada em tons de cinza, algo que remete à frieza, à seriedade, ao caos. O plano de fundo é neutro, deixando saliente os envolvidos na composição textual. Algo também emblemático é que todos os personagens são retratados com o nariz vermelho, provavelmente, para realçar a mentira dos políticos. Aliás há uma estreita relação entre nariz e mentira, constituindo uma intertextualidade com o conto de fadas “Pinóquio”. No conto de fadas, para cada mentira, o nariz de Pinóquio crescia. Assim, no imaginário coletivo, configura-se essa associação entre nariz e mentira “Quem mente o nariz cresce”. E a expressão referencial em negrito e de cor chamativa, um dos recursos semióticos do texto chárgico, realça a carga simbólica da expressão **UM PAÍS MORIBUNDO**, um país doente, afetado pela corrupção. Por isso, é importante entender o momento histórico-cultural da charge, pois ela “é, ao mesmo tempo, resultado dele” (CAVALCANTE, 2008, p. 39).

Assim sendo, para o processamento textual da figura (24), foi necessário mobilizar uma série de conhecimentos, sendo de grande relevância o conhecimento contextual, pois [...]para que duas ou mais pessoas possam compreender-se “é preciso que seus contextos sociocognitivos sejam, pelo menos parcialmente semelhantes”. (KOCH; ELIAS, 2013, p. 61).

Dando continuidade em nossa análise, nas figuras (25) e em (26), percebe-se que as charges assumiram novos formatos, podendo ser verificados processos de introdução, retomadas e reconstrução de objetos de discurso. Na figura (25), no primeiro quadrinho, visualiza-se aparentemente um político. O plano de fundo é neutro nos dois primeiros quadrinhos e o personagem representado olha para o leitor com um olhar de demanda, de intimidade, de diálogo. Nesse sentido, há uma interação direta pelo olhar (KRESS; VAN

LEEUWEN, 2006), ou seja, um olhar de demanda. O contexto sociocognitivo da charge refere-se à proximidade das eleições, na qual as pesquisas apontavam que 1 em cada 3 brasileiros votariam em Bolsonaro.

Figura 25 – Os dois extremos



Fonte: Jornal Folha de São Paulo, 2 de outubro de 2018

Como em seus discursos, o candidato a presidente, Jair Bolsonaro, defendia a reformulação da constituição, a liberação do uso de armas e a tortura, a chargista Laerte cria a charge a partir desse contexto. Quando o personagem representado diz que devemos evitar os dois extremos: “os que apoiam a volta a tempos sombrios, da censura, do...”, sua voz é silenciada. Esses tempos sombrios a que a autora se refere é ao período militar de 1964, na qual muitos cidadãos foram mortos, torturados e deportados por não aceitarem à censura e a proibição de direitos, dentre outros. No último quadrinho, depreende-se que o microfone foi desligado, inclusive a onomatopeia confere um discurso audiovisual ao texto (PAGLIOSA, 2005, p. 121). A cor de fundo é alterada, deixando claro que seu direito de expressão foi violado, ou seja, representa a volta aos tempos sombrios.

Na figura 26, observa-se a caricatura do presidente Michel Temer e a candidata a ministra do trabalho Cristiane Brasil. O texto faz referência à suspensão da posse da filha de Roberto Jefferson ao Ministério do Trabalho por causa de condenações que Cristiane Brasil sofreu na Justiça Trabalhista, contrariando, assim, ao princípio da moralidade determinado pela constituição. Trata-se, portanto, de um fato existente no mundo real, e

assim sendo, percebe-se que “os gêneros não aparecem desarticulados dos contextos situacionais, pelo contrário, são produtos dele” (CAVALCANTE, 2008, p. 25).

Figura 26 – Posse da ministra do trabalho



Fonte: Jornal Folha de São Paulo, 09 de janeiro de 2018

Na sequência narrativa da charge, visualiza-se, inicialmente, no primeiro quadrinho os objetos de discurso visual Cristiane Brasil e o presidente Michel Temer. No segundo quadrinhos, eles são retomados com mudanças de expressão facial. Além disso é introduzido um novo objeto de discurso que, no caso, é o balão de fala, um balão que vem de fora. No terceiro quadrinho, os personagens são retomados mais uma vez e o balão (voz) é desativado. No último quadrinho os personagens iniciais são retomados, mas desta vez o presidente não entrega a pasta do Ministério do trabalho para Cristiane Brasil assinar, oferecendo outra pasta, a da cultura.

Constata-se, desta forma, que as expressões faciais dos personagens também atuam na construção textual do sentido. Inicialmente com expressão calma, depois surpresos, em seguida pensativo e por último com expressão de receio, remetendo à não realização da solenidade de posse da candidata. Isso corrobora com o que Dionísio (2011)

diz que a multimodalidade abarca outros outros modos de representação, como expressão facial, gestos, postura, entonações, dentre outros.

Vê-se, também, um dos símbolos característicos do Brasil estampado na mesa. Todos esses elementos contribuem para a construção do sentido textual. A crítica observada no texto chárigo é justamente a manobra política utilizada pelo presidente, reconduzindo a candidata para outra pasta do ministério – a da cultura. Isto posto, percebe-se uma diminuição da importância da pasta da cultura, como se ela não fosse uma das mais importantes, podendo qualquer político assumir independente de condenações penais.

Dessa forma, é preciso que haja um aprofundamento dos mecanismos a serem usados nos processamentos sociocognitivo interacional de textos compostos por signos de diversas naturezas. Essa charge dialoga com os postulados de Ramos (2012), no que tange à utilização de categorias, como a de objetos de discurso, e de processos referenciais, como retomadas, introdução e desativação dos objetos de discurso.

Retomando Ribeiro (2018, p. 67), percebe-se que “uma imagem precisa ser lida, também, à maneira de um conjunto de palavras. No entanto, as dinâmicas e sintaxes e gramáticas dessas línguas são diferentes” (RIBEIRO, 2018, p. 67). Na figura 27, por exemplo, podemos constatar uma profundidade semiótica, no que tange à representação dos envolvidos na orquestração textual. O plano de fundo da imagem é a de uma folha de caderno com letras escritas em cursiva, indicando, inclusive, o processo inicial de aprender a ler e escrever. No centro da composição, visualiza-se uma família aparentemente humilde, identificada pelas roupas.

Figura 27 – 11, 5 milhões de analfabetos



Fonte: Jornal Folha de São Paulo, 20 de maio de 2018

Saliente e sobreposta aos personagens representados na figura 27, identifica-se a letra X, ou seja, estas pessoas não são alfabetizadas, indicando que são excluídas pelo sistema. A saliência, inclusive, faz parte da metafunção composicional de Kress e Van Leeuwen (2006), configurando-se enquanto pistas visuais, na qual os leitores constroem os sentidos julgando o ‘peso’ de vários elementos da composição. Esse peso visual, conforme os autores, “cria uma hierarquia de importância entre os elementos dos textos espacialmente integrados, fazendo com que alguns chamem mais atenção para si do que outros” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 202).

Ainda pode ser observado do lado direito a expressão Brasil tem 11,5 milhões de analfabetos, escrita no fundo preto para indicar algo negativo. Aliás, em duas das charges analisadas, o preto está relacionado a aspectos negativos, o que podemos confirmar, a partir de Kress e Van Leeuwen (2006), para os quais o uso da cor tem domínio sociocultural e simbólico. E, para além disso, trata-se de uma construção colonial.

Nessa direção, é válido destacar que o X – elemento tipográfico –, no processo de (re) elaboração pelo produtor do signo (motivação) ganha uma nova carga de sentidos, sendo o mesmo entendido no interior do discurso chárstico. Assim, corroboramos com Mondada e Dubois (2003), ao afirmar que as categorias pelos quais os sujeitos compreendem o mundo são caracterizados por uma instabilidade constitutiva, tendo em

vista que a realidade é construída, mantida e alterada através da interação dos sujeitos com o entorno físico, social e cultural e, não preexistente a atividade cognitiva e discursiva.

De maneira análoga na figura 28, podemos verificar diversos recursos multimodais, atuando de forma colaborativa. Inicialmente, no centro da composição verbovisual, constatam-se três pessoas: duas encapuzadas e uma sentada numa cadeira de tortura. Eles estão colocados em destaque por uma iluminação que materializa um círculo. No chão há manchas de sangue, o que possibilita ao leitor inferir que se trata de uma cena de tortura, tanto pela máquina de choque elétrico e o personagem algemado na cadeira, quanto pela ferramenta que um dos encapuzados está segurando.

Figura 28 – Tempos sombrios



Fonte: Jornal Folha de São Paulo, 25 de setembro de 2018

Ainda na charge podemos perceber um elemento tipográfico, dando saliência a palavra “eleitos”. O balão de fala com o texto verbal “...Desta vez nós fomos eleitos para isso”, sem o recurso tipográfico não cria o mesmo efeito de sentido. Ao utilizar esse recurso multimodal, a chargista Laerte está dando ênfase ao processo eleitoral ao cargo para Presidente da República. Também, chama a atenção do leitor para dizer que a decisão está em suas mãos. Se na época da ditadura militar não houve eleição e sim a tomada do governo, agora cada cidadão exerce criticamente o seu direito de voto. O final da

mensagem “para isso” esta encapsulando uma informação depreendida através do objeto de discurso visual, o homem torturado (tempos sombrios). Outro aspecto a ser mencionado é que as roupas dos personagens encapuzados remetem ao uniforme da Ku Klux Klan, organização reacionária e extremista, norte-americana, que pregava a supremacia branca (desde a segunda metade do século XIX). Essa organização realizava rituais de queima de cruzes, praticava a violência e assassinatos para reprimir a população, principalmente, os negros, os católicos, os judeus, os asiáticos e os imigrantes. O grupo extremista, visavam impedir a integração social dos negros recém-libertados, por exemplo, de adquirir terras, de votar e adquirir os seus direitos sociais e políticos. Assim sendo, a charge possibilita inferir que, a cassação de direitos, pode vir a tornar-se uma realidade, bem como a perseguição religiosa e homofóbica.

Desta maneira, conforme pontuam Kress e Van Leeuwen (2006), os significados são elaborados através da integração de todos os recursos semióticos na construção em um todo significativo. Em (27), podemos observar como o produtor do signo visual escolhe “um aspecto ou conjunto de aspectos do objeto a ser representado como sendo critério para representar o que eles querem representar e, em seguida, escolher a forma mais plausível e mais adequada para sua representação” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p.13). Desta forma, o produtor do signo utiliza-se do objeto de discurso Gilmar Mendes e o representa através de uma caricatura. Assim sendo, alguns aspectos foram mantidos e outros recriados.

Figura 29 – O Brasil que eu quero



Fonte: Jornal Folha de São Paulo, 9 de maio de 2018

Podemos observar na figura 29, uma intertextualidade com um quadro do Jornal Nacional da Rede Globo de televisão, intitulado “ O Brasil que eu quero”, na qual os brasileiros de todas as cidades do país deveriam enviar vídeos de 15 segundos, feitos diante de paisagens bonitas ou momentos históricos. Só que a população, ao contrário do que pretendia a Rede Globo, enviou vídeos apontando o abandono e o descaso em suas cidades. Na charge, podemos observar:

- a) O título da charge: O Brasil que eu quero em letras maiúsculas e em negrito, o que estabelece uma saliência à informação veiculada;
- b) Personagem: Caricatura do ministro do Supremo Tribunal Federal, Gilmar Mendes;
- c) Balão com fala do personagem: “O Brasil que eu quero é um país em que a justiça seja igual para todos e que o STF acabe com o “Moro” privilegiado”;
- d) Data de publicação: 9 de maio de 2018;
- e) Introdução de outro objeto do discurso: Juiz Sérgio Moro, responsável pelo ajuizamento da ação e prisão do Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva;
- f) Vestimenta característica dos profissionais do judiciário, a toga;
- g) Assunto: Foro privilegiado.

Assim sendo, concordamos com Dionisio (2011, p. 139) que “imagem e palavra mantêm uma relação cada vez mais próxima, cada vez mais integrada” e que é necessário atribuir sentidos a mensagens oriundas de múltiplas fontes de linguagem. As charges analisadas, com poucos recursos linguísticos, exigem do leitor que ative o seu conhecimento de mundo e realize diversas inferências. Também é necessário o conhecimento semiótico, o linguístico e o sociocognitivo interacional para depreender os sentidos a partir de contextos situados sócio historicamente. Compreendendo, também, que se trata de uma charge (competência metagenérica), o leitor perceberá que o discurso chárstico é imbuído de humor e crítica social.

### **6.2.2 Blog Jornalístico: pluralidade semiótica atuante na construção textual de sentido**

Assinado por um colunista e, ao mesmo tempo contando com a colaboração de outros jornalistas, o blog jornalístico consiste em um mecanismo de interação entre o leitor digital, os posts e o colunista, uma vez que o público tem a oportunidade de comentar, elogiar e tecer críticas as matérias publicadas.

Apresenta-se organizado obedecendo uma estrutura composicional, na qual visualizam-se posts dispostos cronologicamente; links que remetem a outros blogs e páginas; assinatura do colunista do jornal; seção de comentários do leitor; e uma diversidade de recursos semióticos que atuam na construção textual de sentidos.

Os blogs são exemplos dessas novas maneiras de lidar com a informação no ciberespaço. Com um grande potencial interativo, eles se apresentam como a possibilidade de um jornalismo coletivo, construído a muitas mãos, numa comunicação horizontal. O público deixa de ser encarado como uma massa disforme e passa a se constituir de pessoas, ativas, prontas para se expressarem e opinarem. (AGUIAR, 2006, p.1)

Com relação ao conteúdo temático, os blogs jornalísticos analisados abordam temáticas variadas, como por exemplo, o blog de Ancelmo Gois, que trata de política, educação, economia, sociedade e diversidade, ao passo que o de Mirian Leitão o foco temático consiste em discutir política e economia.

Além disso, os colunistas adotam estilos diversificados, o que acaba sendo decorrente, inclusive, do próprio conteúdo temático. Assim, utilizam-se de uma linguagem mais formal (Mirian Leitão) e linguagem semiformal (Ancelmo Gois). Observamos nas figuras (30) e (31), as características consoantes ao conteúdo temático e à estrutura composicional, bem como os estilos dos posts dos colunistas Ancelmo Gois (Jornal O Globo, em 19/04/2018) e Mirian Leitão (Jornal O Globo, em 05/01/2018). Na figura (30), Ancelmo Gois revela uma linguagem semiformal pela escolha da expressão linguística, “Calma gente! ”. Já na figura (31), o estilo formal é constatado pelo uso de um vocabulário característico do conteúdo temático em questão: capitalizar, regras internacionais, dinheiro do trabalhador. Além dos elementos caracterizadores e fundantes

do blog jornalístico, é importante discutir a sua natureza semiótica, haja vista que diversas semioses coexistem ao lado do texto verbal.

Figura 30 – A guerra das malas



Fonte: Ancelmo Gois, Jornal *O Globo*, 19/04/2018

No post acima, podemos perceber que o título da notícia é uma manchete escrita em negrito que se destaca em comparação ao restante do texto. Esse recurso visual é utilizado para chamar a atenção do leitor. O nome do blogueiro, também, é realçado em azul dando-lhe visibilidade. Além disso, a notícia está mais atrativa ao inserir uma imagem ao post, deixando o texto mais visualmente informativo.

Na figura 31, podemos constatar uma recorrência dos recursos tipográficos, como por exemplo, aumento do tamanho das letras para realçar o título do post, revelando uma relativa estabilidade composicional. No entanto, nessa mesma matéria, ocorre a inserção de um vídeo de um programa televisivo realizado pela blogueira, o que possibilita ao leitor realizar um novo movimento de leitura e mesmo completar a informação através do recurso audiovisual.

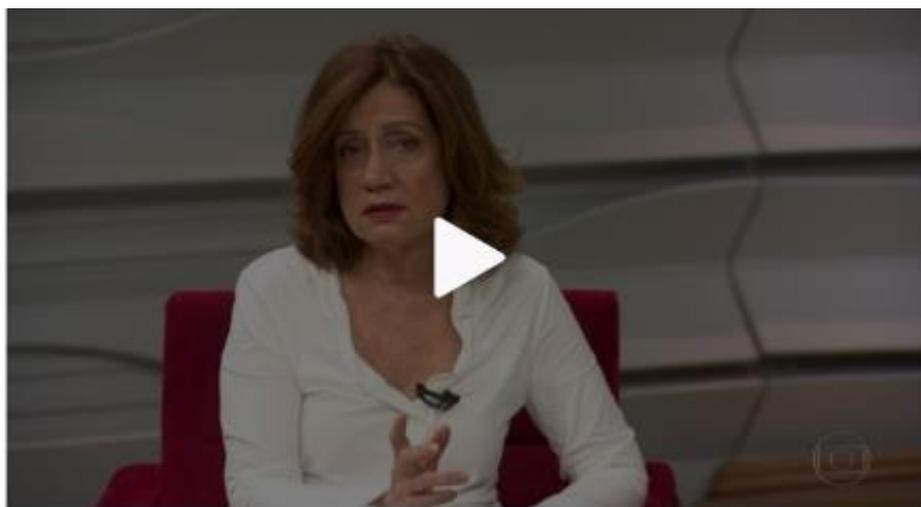
Figura 31 – Desequilíbrio da Caixa

NO BOM DIA BRASIL

## Dinheiro do FGTS do trabalhador não é a solução para o desequilíbrio da Caixa

POR MÍRIAM LEITÃO 05/01/2018 10:05

O governo pretende usar R\$ 15 bi de dinheiro do trabalhador para capitalizar a Caixa. A intenção é repassar recursos do FGTS como bônus perpétuo. O banco estava desenquadrado pelas regras internacionais de solvência, vinha emprestando além dos limites de capital. Mas a solução não deveria passar pelo dinheiro do trabalhador.



Fonte: Miriam Leitão, Jornal *O Globo*, 05/01/2018

Assim sendo, constata-se que os signos verbais e audiovisuais atuam na construção do sentido textual, conferindo ao texto jornalístico um caráter multimodal. Segundo Lé (2012, p. 89), “Embora os blogs sejam primariamente textuais (com escrita virtual), pelo fato de boa parte deles estar focada em temas exclusivos como arte, fotografia, vídeos, músicas ou áudio, eles terminam por formar uma ampla rede de mídias e semiose”, fato esse que pode ser comprovado pela diversidade de semioses encontradas nos posts.

Na figura 32, observamos a imagem de um homem vestido de pijama azul de bolinhas, usando uma “boina” característica de quem trabalha na justiça e um faixa verde e amarelo, cores estas que representam a bandeira brasileira. Além disso, o homem segura um malhete – “o martelo do juiz” – fuma charuto e está segurando um copo com um líquido amarelo (aparentemente cerveja). Sua expressão facial é de satisfação. Visualizamos, ainda, cinco sacos de dinheiro, sendo que quatro estão no chão e um

encima do tambor. Para completar a cena, constatamos dois ratos próximos ao dinheiro e confetes no ar, configurando os festejos do carnaval.

Figura 32 – Que merda é essa?



Fonte: Jornal *O Globo*, 04/01/2018

O signo verbal “ Que merda é essa?!” em vermelho, carrega significados negativos, como um alerta, um chamamento (exclamação) e mesmo uma interrogação ao fato de a “vossa excelência”, representado pelos três poderes da República, vêm adotando medidas que protegem seus interesses e as de seus “achegados”, ou seja, “na maior farra”.

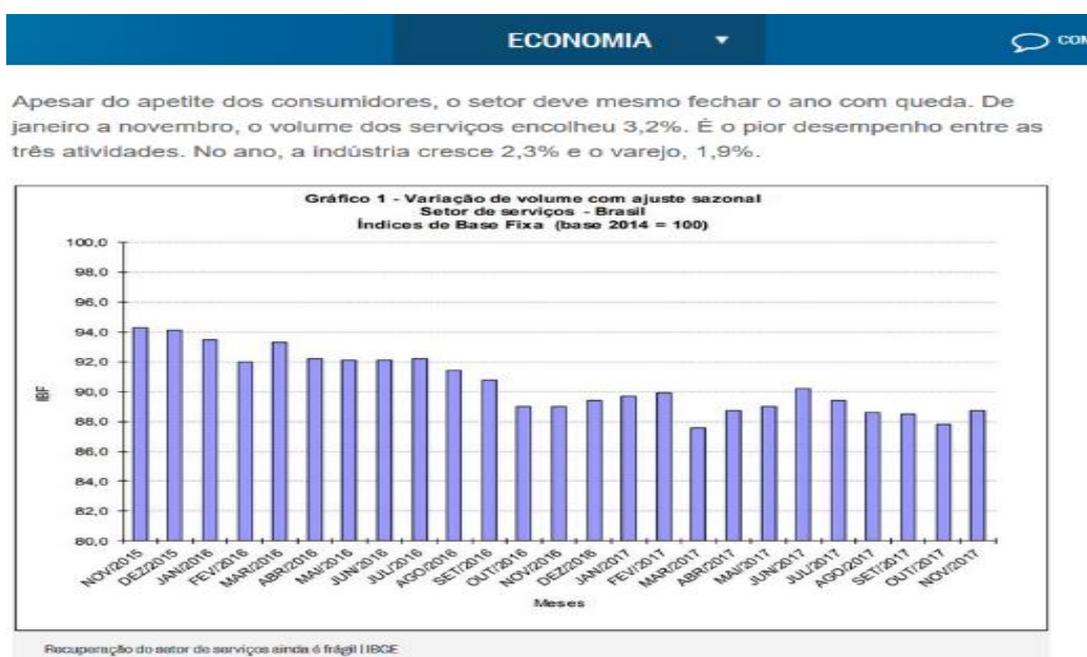
Como vimos nos capítulos 3 e 4, entender como o significado é construído nos textos visuais, remete aos estudos da Semiótica Social, mais precisamente aos estudos de Kress e Van Leeuwen (2006). Para os autores, “ os signos nunca são arbitrários, a motivação deve ser formulada em relação ao produtor do signo e ao contexto no qual o signo é produzido, e não isolado do ato de produção” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 7). Nesse sentido, o produtor do signo, conforme o seu objetivo, escolherá o modo de representação mais adequado para a comunicação. Assim sendo, apenas alguns aspectos do signo visual são representados e não o objeto inteiro, conforme os interesses do produtor do texto.

Na imagem integrada ao post do blog de Ancelmo Gois, o cartunista Cláudio Alecrim, utiliza-se de diferentes modos para compor significados. Vários signos visuais atuam na construção textual, desde os ratos, indicando a podridão que circula no meio político e nas relações sociais baseadas em interesse, até a inclusão do signo linguístico

na cor vermelha. Como, na verdade, o bloco faz uma crítica às autoridades, os signos atuam produzindo um todo de sentido.

Vale ressaltar que identificamos o evento de multimodalidade em diversos posts, atrelado ao conteúdo temático do blogueiro. Tratando-se do blog de Mirian Leitão, em que o foco temático é política e economia, percebemos a presença constante de gráficos, infográficos, tabelas e vídeos, como podemos perceber na figura 33. O gráfico inserido na notícia condensa informações, exigindo dos leitores habilidades para fazer significar.

Figura 33 – Queda na economia

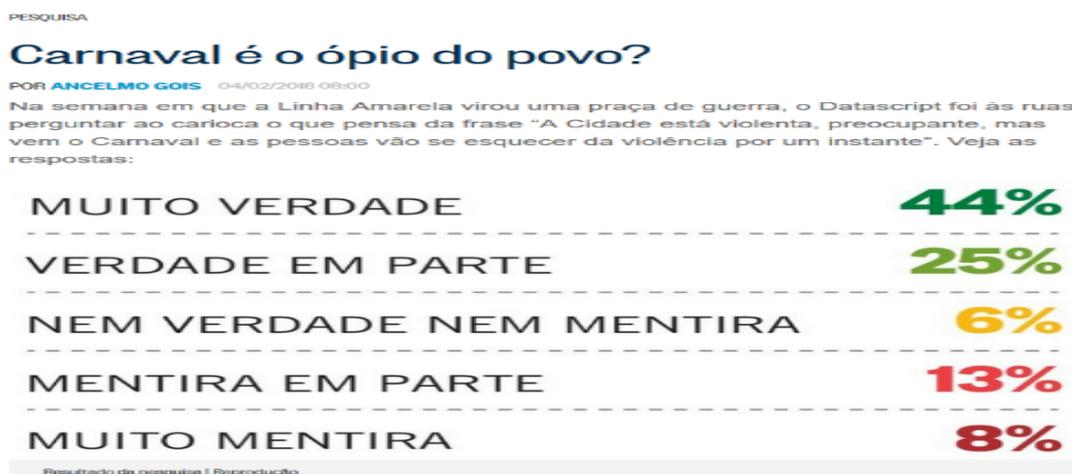


Fonte: Blog Mirian Leitão, dia 30/04/2018

Por outro lado, o blog de Ancelmo Gois apresenta uma diversidade de recursos semióticos devido ao fato de o foco temático abarcar diversos conteúdos. Constatamos na figura 34, uma intertextualidade intergêneros, como postula Koch e Elias (2013) e Úrsula Fix (1997, p. 97 apud MARCUSCHI, 2007, p. 31), na qual podemos perceber o gênero enquete dentro do blog. Desta maneira, o blog caracteriza-se por apresentar uma hibridização ou mescla de gêneros em que um gênero assume a função de outro. A enquete, figura 34, em questão, realiza uma pesquisa para verificar o que os cariocas pensam sobre a frase “A cidade está violenta, preocupante, mas vem o carnaval e as pessoas vão esquecer da violência por um instante”. Nesse caso, em especial, sem o signo verbal o sentido do texto seria comprometido, pois, apenas os dados tabelados, coloridos,

não seriam suficientes para ativar o sentido textual. Todavia, à medida em que esses dados são sintetizados em tabela, a leitura torna-se simplificada e mais ágil.

Figura 34 – Carnaval é o ópio do povo?



Fonte: Blog Ancelmo Gois, Jornal *O Globo*, 04/02/2018

Nesse sentido, podemos perceber que o blog abarca diversos recursos multimodais, como tipografia, imagens, gráficos e cores. Ou seja, “um hibridismo mais acentuado, algo nunca visto antes, inclusive, com o acúmulo de representações semióticas” (MARCUSCHI, 2005, p. 22). Um outro diferencial do blog é a possibilidade de realizar-se um acesso rápido e não linear de informações, efetuando processos de leituras diferenciados. Na figura 35, podemos visualizar a presença de um link que possibilitará ao leitor acessar uma notícia anterior à publicada ou encaminhará o leitor para uma reportagem no próprio jornal. Além disso, na primeira linha, a colunista coloca uma expressão em negrito que funciona como uma âncora, rotulando toda uma informação que vem a *posteriori*.

Figura 35 – Em linha de contenção

**Painel**

**Em linha de contenção** Ministros do Supremo que ajudaram a formar a maioria que pôs fim às conduções coercitivas usaram o debate, nesta quinta (14), para enviar recados mais amplos, para dentro e para fora da corte. Após o julgamento, esses magistrados justificaram as longas e enfáticas falas como um alerta de que “a ideologia e o justicamento” enfrentarão obstáculos no STF. Ricardo Lewandowski, quase em tom de desabafo, resumiu a sensação da ala vitoriosa: “Hoje, quem venceu foi a cidadania”.

Fonte: Blog de Painel, Jornal Folha de São Paulo, 15/06/2018

O espaço para comentários no blog, também, é outra ferramenta que possibilita ao navegador interagir com o blogueiro e com outros internautas. Nos comentários analisados, não encontramos nenhum recurso semiótico imagético e que confere movimento, apenas à linguagem verbal, como pode ser observado nas figuras (36) e (37). Nesse sentido, a multimodalidade evidencia-se através do reconhecimento do comentário. A figura (36), trata-se de um post do blog de Ancelmo Gois referente a uma pesquisa, realizada em parceria pela empresa Hysteria, o núcleo de conteúdo produzido por mulheres da conspiração, e o instituto Hibou. Os dados da pesquisa, revelaram que 98% das mulheres sentem-se completas, mesmo não tendo filhos; 42% delas já sentiu medo de algum namorado ou marido; e 88% acham que incluir o nome do marido ao casar não é importante. Observamos, assim, uma interação entre dois internautas, na qual Lucia Canedo reage ao comentário de Daniel César, tendo em vista que este escreveu de forma irônica sobre o perfil das pesquisadas.

Figura 36 – Comentário do Blog de Ancelmo Gois

**4 COMENTÁRIOS**

Os comentários são de responsabilidade exclusiva de seus autores e não representam a opinião deste site. Se achar algo que viole os **termos de uso**, denuncie. Leia as **perguntas mais frequentes** para saber o que é impróprio ou ilegal.

Este conteúdo não recebe mais comentários.

 **Daniel Cezar**  
HÁ 3 MESES  
Hysteria, Conspiração e Hibou. Imagino o perfil das "pesquisadas".

 **Lucia Canedo**  
HÁ 3 MESES  
É nós mulheres não precisamos imaginar qual seja o seu, Daniel. Temos certeza!

 **Daniel Cezar**  
HÁ 3 MESES  
O meu é de valorizar as três mulheres da minha vida: minha esposa e duas filhas. As duas com mais escolaridade que eu e, brevemente, com salários maiores. Tem tanta certeza assim? Lucia Hysteria...

 **Marcos Viana**  
HÁ 3 MESES  
Ancelmo, não sabia que você tinha esse lado.

Fonte: Blog Ancelmo Gois, Jornal Folha de São Paulo, 08/03/2018.

Por outro lado, na figura 37, apesar de ser utilizado, apenas, a linguagem verbal, podemos observar que o usuário Olimpio, faz uso de um recurso tipográfico (letras de forma) para imprimir um aumento na entonação da voz.

Figura 37 – Comentário do Blog de Painel

 **OLIMPIO** 2 anos atrás

O Joesley tem que ter tido um arrependimento muito grande. Tudo que ele praticou foi contra si próprio e suas empresas. Agora está simplesmente pagando o preço da sua desonestidade. Mas tudo feito de forma atabalhoada, com mentiras, e suas empresas e sua pessoa física tiveram um lucro milionário. A ambição fez dele agora uma ruína, inclusive atingindo sua própria família. DEU TUDO ERRADO JOESLEY MAS A CULPA SUA EXCLUSIVAMENTE SUA E DE SEUS SEGUIDORES. CHAME AGORA O MARCELO MILLER PARA SALVAR.

 RESPONDER  0  DENUNCIAR

Fonte: Blog Painel, Jornal Folha de São Paulo, 18/05/2018

No post a seguir, visualiza-se mais um recurso tipográfico típico no ambiente jornalístico que é a utilização de aspas no texto, tendo por objetivo, neste caso, deixar saliente um acontecimento social, ocorrido em junho de 2013. Diversas regiões do país fizeram mobilizações para contestar o aumento de 20 centavos nas tarifas do transporte público. A imagem que acompanha o texto tem uma elevada carga simbólica, deixando saliente os vinte centavos e há uma sobreposição de uma mancha de sangue, que remete às pessoas que ficaram feridas e até casos de mortes. Ainda que não tivesse a notícia do post, o leitor poderia ativar seus conhecimentos inferenciais e depreender os sentidos. “Não é por centavos. É por direitos”, foi um dos slogans utilizados pelos manifestantes, pois eles reclamavam que seus direitos de ter um transporte de qualidade estavam sendo violados.

Figura 38 – Jornadas de Junho

## Desde as 'Jornadas de Junho', Brasil mergulhou numa espécie de labirinto

POR ANCELMO GOIS 12/06/2018 08:00

As chamadas Jornadas de Junho — aquelas que começaram por 20 centavos e terminaram na catarse coletiva de uma nação — completam cinco anos. De lá para cá, o país mergulhou numa espécie de labirinto. São quase 1.800 dias marcados por revelações de roubalheiras dos agentes públicos, recessão (leia-se: desemprego) e crise política (incluindo o segundo impeachment em duas dúzias de anos). E o pior de tudo: o horizonte é nebuloso.



Fonte: Blog Ancelmo Gois, Jornal O Globo, 12/06/2018

Assim sendo, os dados analisados dos blogs revelaram uma pluralidade semiótica que agrega um alto teor informativo aos posts, possibilitando aos navegadores o acesso a notícias cada vez mais visuais. A noção de texto, como preconiza Bentes et al (2010) precisa ser alargada, de modo a abarcar os signos de diversas naturezas que circulam em nossa sociedade. Além dos elementos apontados, também, foi característico nos blogs arquivos de fotos, charges, fotografias, etc. Estes recursos semióticos conferem dinamicidade às informações, no sentido de serem portadoras de significados e, não simplesmente, ilustração.

Na seção seguinte, analisaremos o último gênero discursivo que constitui corpora de nossa pesquisa e que também faz parte do jornalismo brasileiro: os tweets.

### **6.2.3 *Tweets* jornalístico: uma escrita sintética semiótica carregada de sentidos**

Com a passagem dos impressos para as mídias digitais, diversos jornais passaram a expandir suas publicações e domínios, adentrando ambientes digitais que antes eram utilizados como espaço de bate-papo e relacionamentos. O twitter foi uma das redes sociais em que o jornal passou a divulgar suas notícias, seja através de um perfil do próprio jornal ou através da *timeline* do próprio colunista, assegurando aos usuários o acesso às informações em tempo real.

Uma das características básicas do tweet é a escrita moderada restringida em 280 caracteres. No entanto, o ambiente digital possui uma lógica informacional e hipertextual, possibilitando aos usuários à inserção de diversos recursos semióticos, conferindo ao texto uma condição multimodal.

Em nossa análise, percebemos que a própria estrutura composicional dos tweets, por si só, já é multimodal. A disposição das palavras, a inclusão do avatar e o endereço do usuário possibilita ao navegador o reconhecimento do gênero. Na figura 39, pode-se constatar a pluralidade semiótica através da inclusão de um hiperlink, da fotografia do ex-presidente Temer, de recursos de ordem tipográfica e da utilização de cores.

Figura 39 – *Tweet* “Silêncio de Cunha”

Fonte: *Twitter* Jornal *O Globo*, 14 de junho de 2018

A utilização do hiperlink na figura 39 possibilita ao leitor acessar/ recuperar a notícia completa na plataforma digital do jornal *O Globo*. Essa, aliás, é uma das características dos textos contemporâneos, possibilitar aos navegadores acessarem infinitos textos, “ com um ou dois cliques, obedecendo por assim dizer ao dedo e o olho [...] ele [ o hipertexto] mostra ao leitor uma de suas faces, depois outra, um certo detalhe ampliado, uma estrutura complexa esquematizada” (LÉVY, 1993, p. 41). É interessante destacar que a inclusão de hiperlinks é algo recorrente nos tweets coletados, tendo em vista ser um mecanismo para ampliação dos enunciados.

Além do hiperlink, em (39) a orquestração textual da fotografia com a palavra “URGENTE” em caixa alto e em branco, com um grifo em vermelho, e com fundo preto conferem saliência à notícia. Esta é uma estratégia linguística/tipográfica muito utilizada no ciberjornalismo. Além disso, a feição do presidente é de preocupação, e ancorada a palavra urgente aguça a curiosidade do leitor em acessar a notícia. Assim sendo, o sentido textual é construído através da integração dos diversos elementos semióticos materializados no *tweet*. Daí a sua condição multimodal.

Em (40), podemos verificar a ocorrência da multimodalidade, também, através da inserção do verbal, do hiperlink e da imagem de um cofrinho. Observa-se que a expressão “Amor em tempos de crise” está encapsulando toda uma informação subsequente, possibilitando ao leitor inferir sobre o assunto que será tratado. Também a imagem do porquinho (porta moeda), caloteiro e crise são ingredientes de um mesmo contexto, na qual é preciso ter cautela ao envolver relacionamento amoroso e financeiro.

Figura 40 – *Tweet* Amor em tempos de crise



Fonte: *Twitter* Jornal *O Globo*, 06/06/2018

Ao dizer que “as linguagens dos novos gêneros tornam-se cada vez mais plástica, assemelhando-se a uma coreografia”, Marcuschi (2007), deixa claro que o hibridismo linguístico e semiótico é característico do meio digital. Nos tweets analisados, encontramos uma diversidade de linguagens (sonora, visual, linguística e etc). A seção de comentários é caracterizada por uma grande variedade de recursos semióticos e gêneros multimodais. Na figura (41), podemos observar nos comentários à inserção de diversos recursos. Um deles é a utilização das famosas hashtags que tem por funcionalidade primária o estabelecimento de hiperlinks, possibilitando a busca no próprio ambiente sobre determinados assuntos e, ao mesmo tempo, direciona os usuários para outros tweets com a mesma temática. Além disso, cria-se uma teia comunicativa através da criação de

“etiquetas” (hashtags), recurso muito utilizado para deixar um assunto em foco e requerer algum posicionamento, inclusive político. Dentre outras funções das hashtags, em (41), a usuária, utiliza-se da “etiqueta” para deixar público, também, o seu posicionamento político em um tweet de José Simão, colunista do jornal Folha de São Paulo.

Figura 41 – *Tweet* Temer tá me ligando!



Fonte: Twitter, José Simão, 17/02/2018

O tweet postado na timeline de José Simão trata-se de uma resposta a @dukechargista. A charge em questão foi veiculada alguns dias após o carnaval, na qual o ex-presidente Temer foi o tema do desfile da escola de samba “Paraíso do Tuiuti”, na Sapucaí, sendo caracterizado como “o vampirão”. A escola de samba denunciava, em seu

enredo, as reformas (trabalhistas e da previdência), a serem implantadas por Temer, e o golpe contra a ex-presidente Dilma Rousseff. Assim, para depreender o sentido da charge, é preciso que o usuário compreenda o contexto sociocomunicativo, ativando conhecimentos prévios que são acessados na interação sociodiscursiva.

Já em (42), podemos perceber que o usuário @Pinheirocachorro, envia um comentário tanto para @josé\_simão quanto para @dukechargista, utilizando-se de uma onomatopeia (KKKK), conferindo ao comentário um caráter audiovisual.

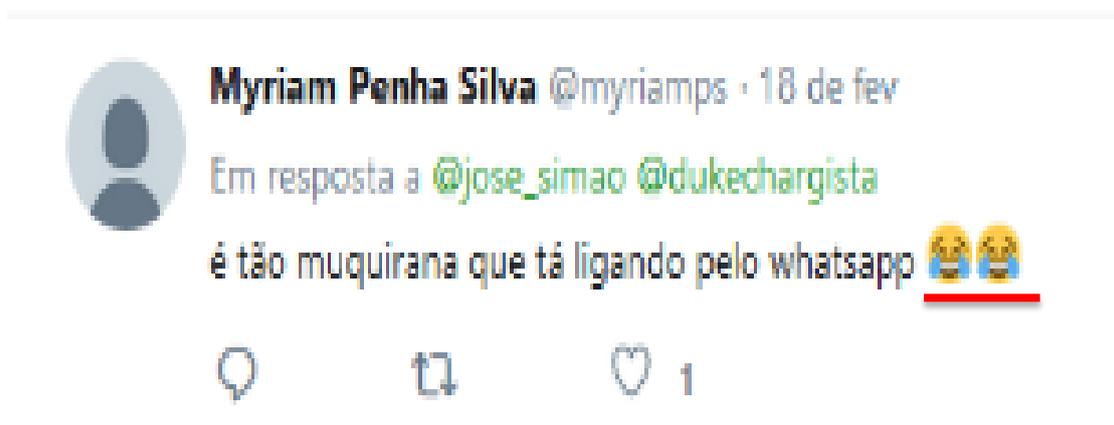
Figura 42 – Utilização de onomatopeia



Fonte: *Twitter*, José Simão, 19/02/2018

Outro recurso encontrado em abundância, trata-se da utilização de emoji nos comentários. De acordo com Abreu (2018)<sup>15</sup>, os emoji tornam a escrita mais dinâmica e multimodal, e são dotados de sentidos simbólicos. Também consistem em “uma estratégia utilizada para transpor para a tela, seja do computador ou de dispositivos móveis, como celulares e tablets, a espontaneidade na interação e as emoções mais perceptíveis na língua falada” (ABREU, 2018, p. 83). A figura (43) é uma resposta ao *tweet* de José Simão e duckchargista. A usuária utiliza-se de um emoji “chorando de rir” para enfatizar o enunciado “é tão muquirana que tá ligando pelo WhatsApp”. Vale salientar que a linguagem utilizada pela usuária é característica do ambiente digital, estabelecendo uma relação muito próxima com a oralidade.

<sup>15</sup> Abreu (2018) apresenta uma discussão bem interessante sobre a utilização de emojis. Em sua tese de doutorado, constatou que alguns emoji não apresentam um sentido fechado, sendo o sentido construído a partir do contexto de uso.

Figura 43 – Emoji nos comentários dos *Tweets*

Fonte: Twitter, José Simão, 18/02/2018

Também foi recorrente na análise dos *tweets* a utilização de *GIFs*, como pode ser observado em (44). Essa postagem foi veiculada na época da copa do mundo de 2018, em especial, na disputa entre Egito e Rússia. O GIF é um formato de imagem muito utilizado na internet que conjuga imagens e movimentos, imagens e palavras, imagens e sons. A imagem utilizada é a de um dos personagens do filme “*A múmia*”, que está situada contextualmente no Egito Antigo. Ao inserir o *GIF* cria-se uma teia comunicativa, na qual o usuário deverá ativar seus conhecimentos para depreender sentidos. Além disso, a notícia torna-se dinâmica, animada e convidativa. A palavra bocejou está ancorada ao GIF, consistindo em uma chamada para os usuários “despertarem”, pois o resultado do primeiro tempo do jogo entre os dois países estava sendo 0x0.

Figura 44 – GIF no Tweet Jornalístico



Fonte: *Twitter*, *Jornal O Globo*, 19/06/2018

Ainda em (44), podemos visualizar a ocorrência de três hashtags: as duas primeiras estabelecem hiperlinks que possibilitam aos usuários comentarem a respeito da temática, tanto na timeline do Jornal quanto seguir o fluxo informacional em outra página. Na verdade, trata-se de uma enquete comum em épocas de jogos, na qual os torcedores apostam qual time será o vencedor. Já a última *hashtag* é utilizada para fixar e mesmo dar maior visibilidade ao tema *Copa do mundo*, tornando-se um dos assuntos mais comentados. Observa-se, também, a presença das bandeiras dos países e a taça da copa do mundo, ingredientes esses que fazem parte da composição do enunciado.

É importante destacar outra ocorrência identificada em nossa análise: a predominância de memes, a qual configura o fenômeno da intertextualidade intergênero de Koch e Elias (2013). O meme corresponde a um gênero discursivo que retrata alguma questão social e de fácil circulação nas redes sociais, elaborados por intermédio de uma imagem, retirada de uma cena do cotidiano. Uma de suas principais características é a instantaneidade e a possibilidade de ser ressignificada a partir de novos contextos. Isso remete à motivação do signo visual, na qual o produtor do signo se apropria de alguns aspectos dos signos e os representam conforme o seu projeto de dizer. A figura (45), trata-se de um meme veiculado na época da copa do mundo. A cena é a do filme “O diabo veste Prada”, na qual uma empresária de moda, Miranda Priestly, tinha uma postura de

mandona, ditadora e arrogante com os funcionários. Para tanto, o criador do meme (do signo) se apropriou dessa cena para questionar as folgas trabalhistas durante a Copa do mundo. O Ministério do Trabalho havia anunciado que os dias de jogos não seriam considerados feriados, no entanto poderia ser realizada uma negociação para a compensação das folgas. A utilização do meme provoca o riso e confere dinamicidade ao gênero.

Figura 45 – Meme no *tweet* jornalístico



Fonte: *Twitter*, José Simão, 13/06/2018

A multimodalidade, também, pode, ainda, ser identificada através da inclusão de recursos de áudio, vídeo e diversos recursos tipográficos. Um dos espaços em que mais identificamos a utilização desses recursos foi nos comentários, através de uma escrita colaborativa com a interação simultânea de diversos usuários. Na figura (46), apresentamos um recorte de um *tweet* com seus comentários para que possamos visualizar a interação e a escrita colaborativa nesse espaço.

Figura 46 – Tweet “ Kombi desmaia”



Fonte: *Twitter*, José Simão, 16/02/2018

O tweet “ Kombi desmaia” foi veiculado na época do aumento dos preços da gasolina, passando a custar quase \$5,00. A postagem de José Simão provoca um efeito de riso nos navegadores, pois o verbo desmaiar está mais relacionada a uma atividade humana do que a um automóvel. Nos posts dos comentários, os usuários da rede social interagem entre si, dando continuidade ao texto inicial, através de diversos recursos multimodais. Pode-se perceber a inclusão de arquivos de vídeos, onomatopeia, GIF, hashtags, meme.





Fonte: *Twitter*, José Simão, 16/02/2018

Também com o aumento dos caracteres é comum encontrar na própria publicação do tweet, a utilização de vídeos, possibilitando ao navegador assistir na própria postagem o recurso audiovisual e, assim, complementar a informação. Além disso, novas informações poderão ser apreendidas. Na figura (47), esse fato pode ser evidenciado, na qual o usuário poderá acompanhar as informações e visualizar como o fogo se alastrou no prédio ocupado por pessoas desabrigadas no centro de São Paulo. Além disso, pode ser observada uma *hashtag* do jornal *O Globo*, utilizada para deixar em evidência a notícia no portal do jornal. Já o hiperlink encaminhará o leitor diretamente para a notícia ampliada na página do jornal digital *O Globo*.

Figura 47 – Recurso de vídeo



Fonte: Jornal O Globo, 01/05/2018

Desta forma, os dados analisados dos *tweets* revelaram que o processamento sociocognitivo interacional de produção de sentidos constrói-se a partir da integração dos diversos recursos multimodais e dos conhecimentos inferenciais dos usuários. Em sua materialidade constitutiva, os *tweets*, comportam várias formas de expressão, tais como textos, sons, imagens, palavras, cores, tipografias, dentre outros, configurando uma plasticidade e maleabilidade dos gêneros ao incorporarem múltiplas semioses. Tal fato revela que o gênero *tweet*, por possibilitar em sua estrutura composicional, a inserção de vários recursos semióticos e gêneros como memes, charges, gráficos, tabelas, dentre outros, potencializa a sua escrita que, apesar de reduzida a 280 caracteres, tem grandes possibilidades para expandir-se para outros ambientes.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho tencionou analisar o fenômeno da multimodalidade em gêneros do domínio jornalístico, em especial, em blogs, charges e tweets do jornal digital *Folha de São Paulo* e *O Globo*, com o intuito de observar como os recursos multimodais interferem na leitura e construção textual dos sentidos, a partir da apreensão dos objetos do discurso.

Em nosso entendimento, o objetivo geral foi alcançado, tendo em vista que, em nossa análise, pudemos comprovar a importância da multimodalidade na construção textual de sentidos. Dessa maneira, é necessário no momento do processamento textual que o leitor ative os quatro sistemas de conhecimentos (conhecimento linguístico, conhecimento de mundo, conhecimento dos modelos textuais globais e o conhecimento sociointeracional) proposto por Koch e Elias (2013), bem como o conhecimento semiótico para que a instabilidade característica dos objetos do discurso, alcance a estabilidade a partir das inferências realizadas pelo leitor.

Com relação aos objetivos específicos, verificamos que os aspectos sociocognitivos envolvidos na leitura e compreensão dos textos multimodais são de grande importância para o processamento interativo das atividades discursivas e cognitivas de (re) elaboração dos sentidos a partir de contextos situados sóciohistoricamente. Nos três gêneros analisados, para apreender os sentidos, foi necessário a mobilização do conhecimento de mundo e do conhecimento armazenado na memória dos leitores. Nas charges, por exemplo, foi necessário conhecer o contexto social de produção, senão o sentido não seria efetuado completamente. Claro que neste momento, a estabilidade dos objetos do discurso ocorre de forma diferente para cada leitor, haja vista que a realidade sociocultural, as experiências e as crenças, dentre outros, são constitutivas de cada sujeito.

Também foi possível verificar as etapas de ativação dos objetos de discurso proposto por Kress e Van Leeuwen (2006), sendo constatado que diversos recursos multimodais atuam de forma colaborativa na construção textual dos sentidos. Assim sendo, nos gêneros jornalísticos investigados, foram encontrados diversos recursos de ordem tipográfica, bem como vídeos, gifs, memes, enquete, dentre outros.

Nessa direção, também, identificamos, no domínio jornalístico do meio digital, peculiaridades dos gêneros discursivos charge, blog e tweet. Ao analisar os três gêneros, percebemos que cada um possui características constitutivas de sua estrutura composicional e, a depender do contexto enunciativo, do estilo do produtor e do conteúdo temático, os produtores dos signos poderão utilizar-se de diversos recursos para efetuar composições multimodais. Concordamos com Kress e Van Leeuwen (2006) que é possível expressar significados “através do uso de cores ou diferentes estruturas de composição” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 22). As tipografias foram recursos utilizados pelos três gêneros analisados com a finalidade de promover saliência, realçar uma palavra, dar entonação e organizar o texto.

No Jornalismo, em especial, a tipografia é um recurso muito utilizado para chamar a atenção dos leitores, principalmente, as manchetes. Segundo Dionísio (2011, p. 141), “tipografia e disposição gráfica são semioticamente significativos para o enquadre semântico-cognitivo”, sendo necessário, por ocasião do processamento textual, o leitor realizar movimentos de leituras de forma ampla, lendo para além do linguístico.

As charges, na passagem do impresso para o digital, não abarcaram semioses como a inserção de hipertexto e nem áudio<sup>16</sup>. Outros recursos são explorados para conferir um discurso audiovisual, como as onomatopeias, a utilização de balão de barulho, sinais gráficos indicativos de sons, dentre outros. As cores são um dos grandes recursos utilizados pelos chargistas para expressarem seus projetos de dizer. Kress e Van Leeuwen (2006), atentando para esse fato apontam para a necessidade de observarmos os textos de forma integrada e harmônica, sem criar hierarquia entre o verbal e o visual. Nesse sentido, comprovamos a hipótese de que a charge, por ser proveniente do jornal impresso, apresenta uma multimodalidade mais restrita que o blog e o tweet, no sentido de não possibilitar a inserção de recursos hipertextuais.

Os blogs e os tweets, por serem gêneros exclusivamente do meio digital, apresentaram os recursos multimodais de forma mais potencializada, utilizando-se de diversos recursos semióticos. A hipótese de que a extensão do tweet limitada a 280 caracteres conduziria a uma redução dos recursos multimodais em comparação ao blog, não foi confirmada. Nesse aspecto, verificamos que o fato da escrita ser reduzida,

---

<sup>16</sup> Apesar de existir no meio digital charges audiovisuais, nos jornais analisados não encontramos charges nesse formato.

possibilita a introdução de diversas funções hipertextuais, podendo o leitor efetuar a construção de sentidos na página do jornal digital. Também foi constatado que a multimodalidade nos comentários do tweet abarca uma variedade de recursos e gêneros multimodais, ao passo que, nos do blog, o signo verbal era predominante.

A partir dos resultados desse trabalho, podemos ressaltar que a multimodalidade é imprescindível para a construção de sentidos, contribuindo para o alargamento do conceito de texto. Assim, é preciso ultrapassar a materialidade linguística e aceitar os diversos signos como portadores de significados.

Desta maneira, o tema é de grande relevância para trabalhar a leitura e a construção de sentidos em textos multimodais. Ainda que não tenhamos realizado nenhuma aplicação didática, nada impede que isso ocorra em trabalhos futuros. No contexto permeado pela multiplicidade de linguagens, é de suma importância que os processos formativos de futuros professores abarquem a temática em questão de forma a contemplar os textos reais da vida diária dos alunos.

Como trabalho futuro surgem as seguintes inquietações: Quais as estratégias utilizadas pelos professores de Língua Portuguesa para trabalhar com os gêneros discursivos digitais da esfera jornalística? Também, devido a quantidade de recategorizações dos objetos do discurso encontrados na coleta do corpora surge a seguinte questão: Como a recategorização visual opera na construção textual de sentidos em gêneros discursivos do domínio jornalístico?

Assim sendo, o trabalho consistiu em um momento de grande aprendizado e uma oportunidade de contribuir para os estudos sobre o fenômeno da multimodalidade e, em especial, para os processos de leitura e construção textual de sentidos em gêneros discursivos do domínio jornalístico no meio digital.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Verena Santos. **A abordagem de gêneros discursivos em livros didáticos de português nos anos finais do ensino fundamental: o desafio da didatização dos gêneros discursivos digitais.** 2018. 400fl. Tese (doutorado). Instituto de Letras. Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

AGUIAR, Kátia Fonseca. **Blog-jornalismo: interatividade e construção coletiva da informação.** 2006. Universidade Federal de Minas Gerais, 2006. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/aguiar-katia-blog-jornalismo.pdf>>. Acesso em: 28mar. 2019

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: \_\_\_\_ **Estética da Criação Verbal.** 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 261-306.

BEAUGRANDE, R. A.; DRESSLER, W. U. **Introduction to text linguistics.** London and New York: Longman, 1981.

BENTES, Anna Christina; RAMOS, Paulo; ALVES FILHO, Francisco. Enfrentando os desafios do texto. In: \_\_\_\_ BENTES, Anna Christina; LEITE, Marli Quadros (Orgs). **Linguística de texto e análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil.** São Paulo: Cortez, 2010, p. 389-424.

BENTES, Anna Cristina. Linguística Textual. In: \_\_\_\_ BENTES, Anna Cristina; MUSSALIM, Fernanda (Org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras.** 9ª ed. São Paulo: Cortez, 2012, p. 261-301.

BONINI, Adair. Os gêneros do jornal: questões de pesquisa e ensino. In: \_\_\_\_ KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECKZA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher. **Gêneros textuais: reflexões e ensino.** 4. ed. São Paulo: Parábola, 2011, p. 53-68.

\_\_\_\_. Os gêneros do jornal: o que aponta a literatura da área no Brasil? **Revista Linguagem em (Dis) curso**, Tubarão, v. 4, n. 1, p. 205-231, jul. / dez. 2003.

CAVALCANTE, Maria Clara Castanho. **Multimodalidade e Argumentação na Charge.** 2008. 102 fl. Dissertação (mestrado). Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2008.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; CUSTODIO FILHO, Valdinar. Revisitando o Estatuto do Texto. **Revista do Gelne.** Teresina, 2010. V. 12, n. 2, p. 56-71.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita.** Tradução de Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: UNESP, 2002.

CUSTÓDIO FILHO, Valdinar. Aspectos multimodais envolvidos na construção da referência. **Anais do VI Congresso Internacional da Abralín.** João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba / Ideia, 2009, p. 2927-2936.

- DIONISIO, Angela Paiva. Gêneros textuais e multimodalidade. In: \_\_\_\_\_  
KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECKZA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher.  
**Gêneros textuais: reflexões e ensino.** 4. ed. São Paulo: Parábola, 2011, p. 137-151.
- \_\_\_\_\_. Multimodalidade discursiva na atividade oral e escrita (atividades). In: \_\_\_\_\_  
MARCUSCHI, Luiz Antônio; DIONISIO, Angela Paiva (orgs.). **Fala e Escrita.** 1 ed.  
Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 177-196.
- FERRARI, Pollyana. **Jornal Digital.** 2 ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- GIL, Antônio Carlos Gil. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4 ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- HEINE, Lícia Bahia; SOUZA, Iracema Luíza de; SALES, Myrian Conceição Crusóe Rocha. O texto em discussão: reflexões sobre uma nova fase na Linguística Textual. In: \_\_\_\_\_  
HEINE, Lícia Bahia (et al) (Org.). **Inquietações do texto e do discurso: Interpelações, debates e embates.** Salvador: EDUFBA, 2018, p. 15-32.
- KOCH, Ingedore Villaça. **Introdução à Linguística Textual.** São Paulo: Martins Fontes, 2004
- \_\_\_\_\_. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas.** 2ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.
- \_\_\_\_\_. **As tramas do texto.** 2 ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- \_\_\_\_\_; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e Compreender: os sentidos do texto.** 3ª ed. 8ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.
- \_\_\_\_\_; FÁVERO, Leonor Lopes. **Linguística Textual: Introdução.** 10ª ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- \_\_\_\_\_; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Texto e coerência.** São Paulo: Cortez. 9ª ed. 2003.
- KOMESU, Fabiana Christina. Blogs e as práticas de escrita sobre si na internet. In: \_\_\_\_\_  
MARCHUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. **Hipertextos e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido.** São Paulo: Cortez, 2010, p. 135-164.
- KRESS, Gunther. **Multimodality: a social semiotic approach to contemporary communication.** New York, Routledge, 2010.
- KRESS; Gunther; VAN LEEUWEN, Theodore. **Reading images: the Grammar of Visual Design.** 2 ed. London: Routledge, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Multimodal discourse: The modes and media of contemporary communication.** London: Hodder Arnold, 2001.
- LÉ, Jaqueline Barreto. **Referenciação e gêneros jornalísticos: sistemas cognitivos em jornal impresso e jornal digital.** 2012. 191fl. Tese (Doutorado). Programa de Pós-

Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

\_\_\_\_\_. Referir e argumentar: Duas funções dos processos de referenciação indireta no twitter. **Hipertextus Revista digital**, n. 5, agosto, 2010.

\_\_\_\_\_. Referenciação, instabilidade discursiva e acessibilidade dos referentes. In: \_\_\_\_\_ HEINE, Lícia Bahia; SOUZA, Iracema Luíza de; SALES, Myrian Conceição Crusóé Rocha. **Inquietações do texto e do discurso: Interpelações, debates e embates**. Salvador: EDUFBA, 2018.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

LIMA, Mariana Batista; GRANDE, Paula Bacarat. Diferentes formas de ser mulher na hipermídia. In: \_\_\_\_\_ ROJO, Roxane (org.). **Escola conectada: os multiletramentos e as TICS**. São Paulo: Parábola, 2013, p. 37-58.

LORENZI, Gislaíne Cristina Correr; PÁDUA, Tainá-Rekã Wanderley De. Blog nos anos iniciais do fundamental I. In: \_\_\_\_\_ ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (Org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012, p. 35-54.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

\_\_\_\_\_. **Linguística de texto: o que é e como se faz?** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

\_\_\_\_\_. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. **Revista Letras**. Curitiba, n. 56, p. 217-258. Jul. /dez. 2001. Editora da UF.

\_\_\_\_\_. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: \_\_\_\_\_ DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria auxiliadora. **Gêneros textuais e ensino**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Lucena, 2007.

\_\_\_\_\_. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: \_\_\_\_\_ MARCUSCHI, L.A.; XAVIER, A.C. (Orgs.) **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. 2ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MINAYO, Cecília de Souza. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Petrópolis, 2001.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Daniele. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: \_\_\_\_\_ CAVALCANTE, Mônica Magalhães et al (org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 17-52.

NASCIMENTO, Suelen Silva Oliveira. **A construção multimodal dos referentes em textos verbo-audiovisuais**. 2014. Universidade Federal do Ceará (tese). 2014. 149 f.

PAGLIOSA, E. **Humor**: um estudo sociolinguístico cognitivo da charge. Porto Alegre: EDIPCRS, 2005

RANIERE, Thaís Ludmila da Silva. Referenciando semioses não verbais: breves reflexões. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, 44 (3): p. 1276-1286, set-dez. 2015.

RAMOS, Paulo. Estratégias de referenciação em textos multimodais: uma aplicação em tiras cômicas. **Linguagem em (Dis) curso**. Tubarão, SC, v. 12, n. 3, p. 743-763, set/dez. 2012.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Textos multimodais**: leitura e produção. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

\_\_\_\_\_. **Escrever, hoje**: palavra, imagem e tecnologias digitais na educação. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2018.

ROJO, Roxane. Pedagogia dos multiletramentos. In: \_\_\_\_\_ROJO, Roxane; MOURA; Eduardo (orgs). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012, p. 11-31.

\_\_\_\_\_; MOURA, Eduardo. **Letramentos, Mídias, Linguagens**. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

ROMUALDO, Edson Carlos. **Charge jornalística: intertextualidade e polifonia: Um estudo de charges da Folha de São Paulo**. 1ª reimp. Maringá: Eduem, 2000.

SANTOS, Fernanda Maria Almeida dos. Multiletramentos e ensino de língua portuguesa na educação básica: uma proposta didática para o trabalho com (hiper) gêneros multimodais. **Signo**. Santa Cruz do Sul, v. 43, n. 76, mar. 2018. ISSN 1982-2014. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/10671>>. Acesso em: 25/10/2019: <http://dx.doi.org/10.17058/signo.v43i76.10671>.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. 28 ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SPERANDIO, Natália Elvira. Multimodalidade e processamento metafórico em um texto digital: abordando o sentido a partir da interação entre o verbal e o imagético. **Hipertextus Revista Digital**, v. 8, jun. 2012. [ISSN 1982-2014]. Santa Cruz do Sul, v. 38, n. 64, p. 293-309, jan. /jun. 2013., p. 3. Disponível em: <[online.unisc.br/seer/index.php/signo](https://online.unisc.br/seer/index.php/signo)>Acesso em: 15/10/2019.

## ANEXOS

Devido a quantidade de corpus coletados, compilamos os dados no CD, separados em três arquivos: charge, blog e tweet. No total coletamos 40 charges, 30 posts de blog e 30 tweets, os quais podem ser comprovados com a leitura do CD.